



JOÃO FERNANDO CÁ

**ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO GUINEENSE: REFLEXÕES
ACERCA DE UMA LÍNGUA**

**LAVRAS-MG
2021**

JOÃO FERNANDO CÁ

**ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO GUINEENSE: REFLEXÕES ACERCA DE UMA
LÍNGUA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras-Língua Portuguesa, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano

**LAVRAS-MG
2021**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Cá, João Fernando.

Aspectos linguísticos do guineense: reflexões acerca de uma
língua / João Fernando Cá. - 2021.

107 p. : il.

Orientador(a): Valter Pereira Romano.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Lavras, 2021.

Bibliografia.

1. Guineense. 2. Contato linguístico. 3. Aspectos fonéticos e
morfossintáticos. I. Romano, Valter Pereira. II. Título.

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(a) autor(a) e de seu orientador

JOÃO FERNANDO CÁ

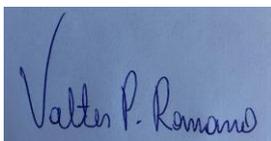
**ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO GUINEENSE: REFLEXÕES ACERCA DE UMA
LÍNGUA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras-Língua Portuguesa, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Defesa da dissertação, 15 de março de 2021.

Banca avaliadora:

Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)
Dra. Raquel Márcia Fontes Martins (UFLA)
Dra. Greize Alves da Silva (UFT) – suplente externo
Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano – suplente interno



Orientador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano

LAVRAS-MG

2021

À memória dos meus pais, os verdadeiros instigadores para esta conquista.

Aos meus queridos irmãos que juntos estiveram comigo o tempo todo nesta luta.

Ao meu orientador, Valter Pereira Romano, pelas brilhantes orientações, sugestões, correções e dedicação.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ser grato significa, acima de tudo, reconhecer o eterno vazio no nosso ser, que precisa ser preenchido por pessoas com as quais convivemos e que fazem parte da nossa vida. Não significa retribuir o favor recebido, e sim, o reconhecer humildemente e se dispor em recebê-lo mais e mais.

De antemão, agradeço a Deus Todo Poderoso por ter me concedido, por meio dos meus pais, a vida, a saúde e a força de chegar até aqui e a que tenho para lutar ainda e ir mais adiante. Aos meus pais, Fernando Cá, Ainda Cá e Nené Nanque, agradeço por terem me dado a vida, carinho de pais e lutar, enquanto estavam de vida, para que nada pudesse me faltar, principalmente no que concerne à alimentação e aos materiais escolares. Obrigado por, em pouco tempo, terem feito tanto por mim. Tive a oportunidade de aprender muito, isso vale muito e serve/servirá sempre de guia em meus afazeres. Vocês estão em mim, e eu em vocês, para levar os vossos ideais até aonde queriam.

Agradeço, em especial, ao meu excelentíssimo e extraordinário orientador e professor Dr. Valter Pereira Romano. Expressar pelas palavras não é suficiente para descrever o quão admiro o senhor e quão foi/é importante para meu desenvolvimento acadêmico. Suas sábias correções me fazem perceber que ainda tenho longo caminho a trilhar no mundo acadêmico e acreditar sempre que posso chegar aonde quero. Admiro sua capacidade, profissionalismo e personalidade. Será um exemplo que eu vou seguir para sempre. Obrigado por fazer parte da minha vida acadêmica e por me apoiar financeiramente desde os primeiros momentos.

Agradeço aos demais professores de curso de Pós-Graduação em Linguística da UFLA pelo aprendizado. Em Especial, ao Márcio Cano, Raquel Márcia Fontes Martins, Andrea Portolomeos e Helena Maria Ferreira pelo apoio financeiro. Estendo meu agradecimento à Prof^a. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera que, com sua experiência de longa caminhada acadêmica, aceitou nosso convite de participar e contribuir neste trabalho. À Prof^a. Dra. Greize Alves da Silva, agradeço por aceitar contribuir neste trabalho. Ao professor Dr. Márcio Cano, pelas contribuições na ocasião da qualificação e à profa. Dra. Raquel M. F. Martins, por ter aceito participar da banca de defesa final do trabalho. Ao Marco Guzman, um pai que eu encontrei aqui no Brasil, e a sua esposa Tânia Romero agradeço por tudo.

Agradeço à Universidade Federal de Lavras – UFLA, minha eterna casa, pela oportunidade que me deu de realizar o sonho que tinha em mim de ser um mestre em Letras. Obrigado pelo ensinamento e tudo que tem proporcionado por mim. Obrigado a toda

comunidade acadêmica e aos técnicos administrativos. Agradeço também ao Brasil e seu governo pela ajuda oferecida a mim e aos meus irmãos guineenses de estudar aqui nessa linda terra, obrigado por fazer-me realizar o sonho de o conhecer. À Igreja Presbiteriana de Lavras agradeço pelo amparo e apoio, grato.

Agradeço, de forma geral, a toda minha família e às pessoas que sempre estão perto de mim para ajudar nas minhas lutas e dificuldades. Em especial, à minha madrastra que tem estado a dar-me e aos meus irmãos o amor de mãe e ajudar-nos sempre, à minha avó, M'pó Có, e à minha tia, Safira Cá, por sempre estarem presentes em nossas vidas.

Aos meus irmãos, Juliano Fernando Cá, Walter Fernando Cá, Adriano Fernando Cá, Davide Fernando Cá, Ismael Fernando Cá, Salvador Fernando Cá, Mateus Fernando Cá, Fernanda Fernando Cá e Adonai Fernando Cá, Teodora Cá e Eli Conté, agradeço por fazerem parte da minha vida e por serem meus grandes e melhores amigos desde a infância, agradeço a vocês pelo encorajamento e suas contribuições na minha vida acadêmica. Aos meus colegas em geral e, de forma mais específica, àqueles com quem tive o privilégio de dividir a mesma turma durante o curso de mestrado; em especial, aos amigos e irmãos Avelino Vaz, Bernardo Alexandre Intipe, João Cesar Costa dos Reis, Eduardo e Jean, pessoas com quem dividi a casa durante todo esse tempo e pude aprender muito. Estarão sempre na minha memória.

Até aqui me ajudou o senhor!

I Samuel 7:12

RESUMO

A língua é uma marca identitária e cultural importante para seus falantes, registra a história de um povo. O guineense é uma língua que ilustra bem esse aspecto, uma língua proveniente do contato entre português e algumas línguas étnicas da costa oeste africana, desempenha o papel da língua de unidade nacional entre os vários grupos étnicos que compõem a população da Guiné-Bissau. A presente dissertação tem por objetivo descrever os aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos do guineense comparando-os com os do português e de outras quatro línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau: pepel, balanta, mandinga e mandjaco. Para realizar este objetivo, o estudo se pautou em gramáticas históricas acerca das mudanças sofridas pelas palavras ao longo do tempo. A partir de uma revisão da literatura dos escassos estudos que descrevem o guineense, apresentam-se aspectos sumários que podem contribuir para a descrição dessa língua e refletir sobre a necessidade de estudos para aprofundar a temática. Para validar alguns dados fonéticos, elaborou-se um instrumento de coleta de dados com base no Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). As entrevistas foram feitas com oito informantes falantes do guineense, sendo quatro de ensino superior e quatro com ensino médio concluído. A entrevista foi feita à distância e de duas maneiras: para os informantes com ensino médio completo, foram aplicados os questionários fonético-fonológicos por meio da chamada de vídeo pelo aplicativo WhatsApp, com os devidos cuidados, a fim de obtenção dos dados o mais fidedignos possível; para os do ensino superior, foram elaborados os questionários dos aspectos morfossintáticos e enviados para responderem pelo e-mail. Os resultados apontaram, no concernente aos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos, para o fato de que o guineense é resultante do processo de transmissão linguística irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009) e, por ser produto de línguas diferentes, está entre essas línguas, ou seja, no que diz respeito à estrutura gramatical, recebe a influência de igual modo do português e das línguas da Guiné-Bissau (COUTO, 1996). Igualmente, verificou-se que o guineense moderno difere do antigo, o que aponta para a obsolência deste em prol daquele. Com efeito, concluiu-se, por meio de todas as discussões nesta dissertação, que a base do guineense é o português e que o uso do termo “crioulo” para designar a língua é inadequado por seu caráter estigmatizante.

Palavras Chave: Guineense. Contato linguístico. Aspectos fonéticos e morfossintáticos.

ABSTRACT

The language is the important identity and cultural traits for his speakers, it records the history of a people. Guinean is a language that illustrates this aspect well, a language that comes from contact between Portuguese and some ethnic languages on the West African Coast and plays the role of the unity national language among the various ethnic groups that give rise the Guinea-Bissau population. This dissertation aims to describe the phonetic-phonological and morphosyntactic aspects of Guinean people compared to Portuguese and four African ethnic languages: pepel, balanta, mandinga and mandjaco. To achieve this goal, the study was based on historical grammars about the changes suffered by words over time. Based on a literature review of the few studies that describe Guinean language, main aspects are presented may contribute to the description of that language and reflect on the needs theme in-depth study. To validate some phonetic data, a data instrument was developed based on the Phonetic-Phonological Questionnaire of the ALiB Project. The interviews were conducted with eight Guinean-speaking informants, four from higher education and four from high school. The interview was carried out remotely and in two ways: for the informants with full high school, the phonetic-phonological questionnaires were applied through the video call by the WhatsApp application, with due care in order to obtain the real data; for higher education students, questionnaires on morphosyntactic aspects were prepared and sent to answer by e-mail. The results pointed, regarding phonetic-phonological and morphosyntactic aspects, to the fact that Guinean language is the result of the irregular linguistic process transmission (LUCCHESI; BAXTER, 2009) and, being a results of different languages, and is in the middle of these languages, that is, with regard to grammatical structure, it receives the same influence from portuguese and languages from Guinea-Bissau (COUTO, 1996). Likewise, it was found that the modern Guinean differs from the old one, pointing to the obsolescence on behalf of the old. In fact, it is concluded, through all the discussions in this dissertation, that the base of Guinean language is Portuguese and that the use of the term “Creole” to designate the language is inappropriate due to its stigmatizing character.

Keywords: Guinean. Linguistic contact. Phonetic and morphosyntactic aspects.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do continente africano com a localização geográfica da Guiné Bissau	19
Figura 2 – Mapa administrativo da Guiné-Bissau com as oito regiões e suas capitais	20
Figura 3 – Quadro consonantal e vocálico do português à época da expansão marítima	36
Figura 4 – Quadro consonantal e vocálico do wolof, segundo Couto (1996)	37
Figura 5 – Quadro consonantal e vocálico do guineense, segundo Couto (1996)	38
Figura 6 – Esquema da flexão nominal no Português Brasileiro	66
Quadro 1 – Vocábulos com alçamento das vogais mediais iniciais e finais	44
Quadro 2 – Ilustrativo da transformação da consoante <i>v</i> pelo <i>b</i>	46
Quadro 3 – Ilustrativo da monotongação no guineense	47
Quadro 4 – Ilustrativo de assimilação ou harmonia vocálica	49
Quadro 5 – Fricativas alveolares	50
Quadro 6 – Ilustrativo da transformação das consoantes [ʃ], [ʎ] e [ʒ] em [tʃ][dʒ]	52
Quadro 7 – Ilustrativo de metátese dos encontros consonantais <i>pr</i> e <i>tr</i>	57
Quadro 8 – Demonstrativo da epêntese no guineense	58
Quadro 9 – Dados elucidativos dos metaplasmos por supressão	59
Quadro 10 – A manifestação das líquidas no guineense	61

Quadro 11 – Comparativo de marcação de gênero em quatro línguas étnicas, em português e guineense	68
Quadro 12 – Marcação de plural em oposição ao singular no Guineense e no Português.....	70
Quadro 13 –Quadro indicativo de como é marcado o número nas quatro línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau	73
Quadro 14 – Pronomes pessoais do guineense	74
Quadro 15 – Desinências modo-tempo e número-pessoa do português	76
Quadro 16 - Paradigma verbal do verbo <i>kanta</i> (cantar) no modo indicativo	78
Quadro 17 –Paradigma verbal do verbo <i>bai</i> (ir) no modo subjuntivo	82
Quadro 18 –Estrutura oracional com verbo <i>kume</i> (comer) e seus argumentos.....	89
Quadro 19 –Estrutura oracional com verbo <i>pai</i> (doar) e seus argumentos.....	90
Quadro 20 –Estrutura oracional com verbo <i>gosta</i> (gostar) e seus argumentos.....	91
Quadro 21 –Estrutura oracional com verbo <i>bai</i> (ir) e seus argumentos	92
Quadro 22 – Estrutura oracional com o verbo <i>kanta</i> (cantar) e seus argumentos	93

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. APORTE TEÓRICO	19
2.1 Aspectos geográficos e sociodemográficos da Guiné-Bissau	19
2.2 Sobre a origem do guineense	21
2.3 Sobre a problemática na denominação de uma língua	26
2.4 Reflexões sobre a base de uma língua: entre léxico e estrutura gramatical	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
4 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS	36
4.1 O quadro fonético do guineense.....	36
4.2 Metaplasmos	43
4.2.1 Metaplasmos por transformação	43
4.2.1.1 Alçamento de vogais médias iniciais e finais	43
4.2.1.2 A transformação da consoante v pelo b	45
4.2.1.3 Monotongação	47
4.2.1.4 Assimilação ou harmonia vocálica	49
4.2.1.5 Fricativas alveolares	50
4.2.1.6 A transformação das consoantes [ʃ], [ʎ], e [ʒ] em [tʃ] e [dʒ].....	52
4.2.2 Metaplasmos por transposição	56

4.2.2.1	Palavras dos encontros consonantais pr e tr	56
4.2.3	Metaplasmos por aumento	58
4.2.3.1	A epêntese	58
4.2.4	Metaplasmos por supressão	59
4.2.4.1	Caso das palavras areia, anular, amolar e dos verbos em geral	59
4.3	As consoantes líquidas [l] [r]	60
5	ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS	64
5.1	Alguns aspectos morfológicos	64
5.1.1	Nominais: categoria de gênero	64
5.1.2	Nominais: categoria de número	69
5.1.2.1	Outra forma de marcar o número no guineense	73
5.2	O quadro pronominal	73
5.3	Morfologia dos verbos: categorias de modo, tempo e aspecto	76
5.4	Estrutura sintagmática: predicadores e seus argumentos	83
5.4.1	Argumento externo: sujeito	84
5.4.1.1	Argumento externo com verbos de fenômenos da natureza	86
5.4.1.2	Predicador nominal e verbos de ligação	87
5.4.1.3	Argumentos internos: os complementos verbais	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	102

1 INTRODUÇÃO

Uma língua é como é por causa de seu caráter simbólico e interacional: ela incorpora a cultura no homem à medida que o incorpora ao meio social. A língua é um bem coletivo, e a interação social, sua principal razão de ser. [...] A função mais evidente de qualquer língua é tornar possível a comunicação entre pelo menos duas pessoas por meio de sons vocais. A posse da língua materna parece resultar de um processo desencadeado naturalmente, como uma habilidade motora entre outras. A fala seria simplesmente um dom natural do homem, um traço que o particulariza no reino animal, tanto quanto o dom de voar distingue os pássaros. Eis a voz do senso comum: o homem nasceu para falar (AZEREDO, 2013, p.52).

Esta dissertação consiste em uma simples tentativa de descrever o guineense; é um ligeiro esboço que, com certeza, será ampliado por outros pesquisadores que também estarão interessados em descrever esta língua quase intacta no que se refere aos estudos linguísticos. Reconhece-se que sempre aparece alguém melhor para fazer o trabalho já começado. O começo sempre é marcado de séries de dificuldades, porém, com o passar dos tempos, vêm os aperfeiçoadores (NASCENTES, 1953).

Assim como este trabalho serve de continuidade de trabalhos dos pesquisadores passados dedicados a descrever o guineense, espera-se que ele instigue a curiosidade de outros pesquisadores logo no futuro próximo ou distante para estudar esta língua que muito tem ainda a oferecer nos estudos linguísticos, pois, só assim se poderá achar um caminho certo que irá nortear seu estudo, ligado às perguntas como: A quais fenômenos linguísticos do guineense dar mais atenção? Para que e por que estudá-los? Dessa forma, talvez um dia tais estudos possam contribuir e pressionar os governantes da Guiné-Bissau a fazê-lo língua oficial junto do português.

O guineense é uma língua que surgiu sob opressão dos invasores expansionistas europeus do século XV. Surgiu na tentativa de procurar o único componente comunicativo que estabeleceria uma relação comercial, religiosa e de outras naturezas que facilitaria a comunicação e expandiria as relações supracitadas, conforme veio a ser mais tarde. Os antepassados guineenses, todos juntos, usaram seus conhecimentos rudimentares da língua dos navegadores misturando-os com os de suas línguas base, marcando, assim, o surgimento do guineense que mais tarde se consolidou como língua independente e transmitida de pais aos filhos, muito mais tarde, por volta do final do século XVI e início do século XVII.

Com o tempo, o guineense passou a não ser visto mais como língua de contato-comunicativo emergente entre os seus primeiros falantes com os colonizadores portugueses, o que quer dizer que, nesse momento, passou da situação comunicativa emergente para língua de uma comunidade. Hoje serve como uma marca identitária do povo da Guiné-Bissau, como elemento que liga os diversos grupos étnicos cujas línguas e culturas são díspares umas das outras e é a que faz esses grupos sentirem e viverem como um único povo, unificando suas diversidades culturais.

1.1 HIPÓTESES E OBJETIVOS

Por ser uma língua proveniente do contato de línguas de ramos diferentes, o guineense apresenta características inerentes a todas elas, português e línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau. Portanto, é uma língua cuja base é o português e que recebeu e ainda recebe os conteúdos linguísticos dessas línguas, adequando-os às suas regras de funcionamento. Como resultado de uma aquisição informal do português, misturando-o com línguas africanas com as quais o português entrou em contato, denota-se uma transformação ou redução bastante significativa quanto aos elementos linguísticos transportados nessas línguas, principalmente o português.

Para tanto, estudar o comportamento de tais elementos linguísticos no guineense neste trabalho, orientou-se à elaboração de alguns objetivos a serem alcançados, dentre os quais se tem o geral e os específicos:

Geral:

- Apresentar alguns aspectos linguísticos do guineense enquanto língua mais expressiva e significativa na Guiné-Bissau, estabelecendo uma comparação entre sua regra de funcionamento com as do português e línguas étnicas africanas do país.

Específicos:

- Descrever aspectos fonético-fonológicos do guineense em comparação com o português brasileiro e línguas africanas presentes na Guiné-Bissau.
- Descrever os aspectos morfosintáticos do guineense em relação ao português e línguas africanas da Guiné-Bissau e apontar para suas diferenças.

- Refletir a respeito das influências do português e línguas étnicas africanas do país no guineense.

1.2 ESCOLHA DO TEMA

Escrever a respeito do guineense é realizar a vontade e o desejo que começou a crescer há alguns anos na mente do autor desta dissertação quando ingressou no ensino superior. Entretanto, passou-se a dedicar mais aos estudos linguísticos com o propósito de aprofundar-se mais neles. O mesmo esforço também foi aplicado na busca e leitura de alguns referenciais teóricos que anteriormente pesquisaram e escreveram sobre o guineense. Com efeito, esse esforço veio a atribuir ao autor desta dissertação, com algumas hipóteses já consideradas, o privilégio de realizar um trabalho de pesquisa cujo viés remete à Política Linguística, à Sociolinguística e à Dialetologia no que concerne à avaliação que os guineenses fazem em relação às línguas que eles mesmos falam, inclusive, o guineense e o português. Neste caso, e por ser uma língua com muito a oferecer ainda, o trabalho foi instigante e sugere mais pesquisas linguísticas em Guiné-Bissau, principalmente, sobre o guineense, com esperança de mais adiante poder realizar um trabalho de maior envergadura para a elaboração de um Atlas Linguístico de Guiné-Bissau, constituindo-se, assim, como o primeiro trabalho realizado nessa área dos estudos linguísticos.

Assim como a proposta de elaborar um atlas linguístico de Guiné-Bissau, a escolha do tema desta dissertação justifica-se, primeiramente, pelo fato de que o guineense é uma língua ainda pouco estudada e explorada quanto aos estudos linguísticos, portanto pode, assim como os trabalhos anteriores, descrever alguns de seus aspectos linguísticos e contribuir com a ciência linguística e fornecer indicações para pesquisas futuras nessa língua. Por outro lado, deve-se também à vontade do autor em querer descrever a língua à qual pertence e que conhece como seu falante, porém, descrevê-la lhe forneceria outro conhecimento, o conhecimento científico.

1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho está organizado em capítulos sequenciais de modo a poder fornecer ao leitor um panorama ordenado de alguns aspectos linguísticos do que nele se quer descrever (o guineense), desde seu surgimento, seus aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

Para isso, além deste capítulo introdutório, o capítulo 2 é destinado a discutir e apresentar os referenciais teóricos acerca do surgimento do guineense, o uso do termo “crioulo” para denominar uma língua e a reflexão acerca do que pode ser a base de uma língua. O capítulo 3 traz, pormenorizadamente, os principais procedimentos metodológicos seguidos para a realização da pesquisa e obtenção de dados para esta dissertação. No capítulo 4, apresentam-se o quadro fonético do guineense e alguns metaplasmos (mudanças fonéticas) ocorridos no léxico transportado do português. No capítulo 5, encontram-se alguns aspectos morfossintáticos como as categorias de gênero e número, o quadro pronominal, morfologia dos verbos no tocante à categoria de tempo, modo e aspecto e, em seguida, as estruturas sintagmáticas quanto aos predicadores e seus argumentos no guineense em comparação com o português e línguas étnicas africanas já citadas. Por fim, seguem as considerações finais, as referências bibliográficas e os apêndices.

2 APORTE TEÓRICO

Nesta seção, apresenta-se a situação geográfica e social da Guiné-Bissau e, em seguida, uma discussão teórica sobre o guineense, iniciando pela sua origem (BULL, 1989; SCANTAMBURLO, 1999; ROUGÉ, 2005), seguida de uma reflexão em torno do uso do termo “crioulo” para denominar essa língua e, por fim, uma discussão em torno do que se pode considerar como base de uma língua entre o léxico e sua estrutura gramatical.

2.1 Aspectos geográficos e sociodemográficos da Guiné-Bissau

A República da Guiné-Bissau é um pequeno país situado na Costa Ocidental africana (Figura 1). O país limita-se ao norte com a República do Senegal e, ao leste e sul, com a República da Guiné-Conacri, ao oeste limita-se com o Oceano Atlântico, conforme se pode localizar na parte Oeste da África destacada na cor roxa na figura 1. A sua superfície total é de 36.125 km². O país divide-se em duas partes, sendo uma parte continental e uma insular: a parte continental compreende uma superfície total de 34.625 km²; a insular compreende um total de 1500 km², onde ficam os chamados Arquipélagos dos Bijagós (SCANTAMBURLO, 1999).



Figura 1: Mapa do continente africano com a localização geográfica da Guiné-Bissau na Costa Oeste.

Fonte: <https://www.coladaweb.com/geografia/regioes-da-africa>

Segundo os dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, essa pequena porção da terra africana conta com um total de quase dois milhões da população (CÁ; RÚBIO 2019), podendo-se inferir que é possível esse número chegar a dois milhões hoje, devido à progressão da taxa de natalidade que se verifica nos últimos anos.

Administrativamente, a Guiné-Bissau divide-se em três províncias: Norte, Sul e Leste, e oito regiões: Biombo, Oio, Cacheu (localizadas na província Norte), Bafatá, Gabú (na província Leste), Quinará, Tombali e Bolama (na província Sul), que se juntaram ao setor autônomo de Bissau (Capital principal do país), conforme se observa na Figura 2. Seguindo essa distribuição geográfica, entretanto, as oito regiões citadas contam com 36 setores que, por sua vez, estão organizados em secções (vilas), que compõem as tabancas (aldeias).



Figura 2: Mapa administrativo da Guiné-Bissau com as oito regiões e suas capitais

Fonte: <https://www.mapsofworld.com/guinea-bissau/guinea-bissau-politica-l-map.html>

O país foi subjogado por Portugal durante cinco séculos e, conseqüentemente, foi oficialmente considerado como sua colônia em 1886, na ocasião da delimitação feita na Conferência de Berlim para a partilha da África pelos europeus. A data da sua independência, proclamada unilateralmente, marca-se de 10 de outubro de 1973, sendo reconhecida somente em 24 de setembro de 1974 pelos portugueses. A Guiné-Bissau foi o primeiro país da colônia portuguesa na África a tomar sua independência.

A Guiné-Bissau, embora pequena em extensão territorial, é um país multiétnico e multicultural. Segundo Scantamburlo (1999), o país tem mais de vinte grupos étnicos, cada qual com sua língua e cultura distintas dos outros grupos em termos da organização religiosa, econômica, social etc. No entanto, essas línguas étnicas dividem o espaço comunicativo com outras duas línguas do país que não pertencem a nenhum grupo étnico, o guineense, também denominado como “crioulo” da Guiné-Bissau, o “kriol”, e a língua portuguesa.

O modelo linguístico na Guiné-Bissau baseia-se no modelo que Petter (2015) chamou de trifocal, em que três línguas são usadas para comunicação ao mesmo tempo, a depender do contexto. Nesse modelo, a língua de maior prestígio é a oficial¹ do país (no caso o português), a língua mais usada é a língua nacional² do país, portanto de comunicação interétnica (o guineense) e, por fim, as línguas de comunicação limitada (as línguas de grupos étnicos, usadas para comunicação no ambiente familiar e nas regiões onde historicamente habita determinado grupo). Passa-se a falar da origem do guineense na próxima seção.

2.2 Sobre a origem do guineense

A origem do guineense se deu após a expansão europeia do século XV, denominada das viagens das “descobertas” – uma viagem às terras até então “desconhecidas” e que há anos eram habitadas pelos autóctones antes da chegada dos europeus, conforme Rougé (2005). Essas viagens eram marcadas por certos propósitos: o de conhecer outras partes do mundo; o de estabelecer a relação comercial entre europeus e africanos e explorar essas terras (objetivos principais da viagem); e o de fazer intercâmbio cultural e religioso entre os dois lados e expandir seus impérios (SCANTAMBURLO, 1999; 2013).

Para realizar esses objetivos, principalmente de estabelecer relação comercial, cultural e religiosa entre os dois lados, havia a necessidade de se comunicar numa língua comum a todos, que facilitaria tal intento, uma vez que o processo de troca não era tão rentável devido ao fracasso comunicativo (SCANTAMBURLO, 1999, 2013; BULL, 1989). De acordo com Hlibowicka-weglarz (2006, p.152 apud TIMBANE e CÁTIA, 2018, p.115), “os crioulos surgiram como consequência de apaziguar o caos linguístico do (sic) qual se verificava na altura, resultante da expansão marítima”.

¹ Acredita-se que o prestígio, ao qual Petter se refere, remete à questão da ascensão social, visto que as línguas oficiais dão aos falantes esse prestígio perante a sociedade e mundo afora.

² No que diz respeito à escolha da língua a ser usada para comunicação, o guineense ganha esse prestígio, pois é a língua que traz o conforto comunicativo para a maioria da população.

O guineense, conhecido como “Kriol” da Guiné-Bissau, surgiu, assim como aponta Hlibowicka-weglarz (2006), com o objetivo de apaziguar o caos linguístico entre os aventureiros portugueses e povos africano-guineenses falantes de variadas línguas. No entanto, ela não só serviu para tal propósito de troca comercial entre os dois povos. O seu uso, com o passar do tempo, ganhou uma ampla dimensão e passou a configurar-se como língua de unidade entre grupos linguísticos distintos, sendo assim a língua, dentre outras como o português e línguas étnicas, mais expressiva na Guiné-Bissau, falada por quase toda a população desse país. O guineense é usado nos diversos contextos comunicativos e até mesmo naqueles em que a lei exige que seja usada a língua oficial do país, como nos assuntos oficiais e no ensino, principalmente no primeiro e segundo ciclos escolares (do primeiro ao sexto ano escolar).

O guineense surgiu nos interpostos comerciais e nas praças portuguesas, fundadas nas zonas costeiras do território da Guiné-Bissau para poder estabelecer uma relação comercial segura com os autóctones africanos, visto que os portugueses temiam, na época, entrar nas tabancas³ adentras por razões de segurança, pois era imprevisível a confiança de não serem atacados pelos autóctones e não serem roubadas as mercadorias (SCANTAMBURLO, 2013; ROUGÉ, 2005). A ideia era que, se viesse a acontecer algum ataque por parte dos africanos, eles podiam escapar nos seus navios atracados nos portos perto de onde construíram seus interpostos comerciais e suas praças.

Os africanos, interessados em realizar comércio (que funcionava em forma de troca de produtos) com os portugueses, saíam de suas tabancas ou aldeias adentras à procura de trocas comerciais com os portugueses. Nessa altura, a comunicação se dava por meio dos intérpretes chamados, também, de grumetes⁴ e assimilados⁵, contratados pelos europeus a fim de auxiliá-los na negociação (SCANTAMBURLO, 1999).

Apesar de esse fato ser contestado por Timbane e Cátia (2018), adota-se, neste trabalho, a ideia de que o guineense surgiu devido à imposição da língua portuguesa aos

³ Pequena povoação em relação à da vila, aldeia.

⁴ Os grumetes eram aqueles africanos que moravam no litoral onde se localizavam os enclaves comerciais europeus e seu papel era de intermediação entre europeus e chefes africanos. Desempenhavam também o papel de navegadores e de intérpretes.

⁵ Assimilados, também conhecidos como Cristons (cristãos), são aqueles que abandonaram a aldeia para viverem nas pequenas cidades ou “praças”, que eram lugares fortificados e armados, onde residia a administração colonial e o grande comércio. Eles entraram no circuito econômico em dependência do poder político europeu: não abandonaram completamente a sua própria língua, as suas próprias tradições religiosas e aceitaram alguns elementos da cultura europeia (BULL, 1989, SCANTAMBURLO, 1999).

autóctones africanos para poderem participar literalmente na relação de troca e de conviver nas novas sociedades criadas nas praças portuguesas (ROUGÉ, 2005). Intumbo afirma ainda que:

Para que pudesse haver uma comunicação efectiva entre os lançados, os grumetes, as tangomãs e os filhos da terra e ainda com africanos que viviam nas periferias das praças, a língua usada tinha de ser comum e compreendida por todos: os pais precisavam comunicar com os filhos, esposas e colaboradores, e os africanos queriam vender e comprar produtos. O *pidgin* português, nativizado com os filhos da terra, serviu melhor esse fim (INTUMBO, 2007, p. 8-9).

Quando acontece uma situação em que certo grupo de falantes é obrigado a falar uma língua até então desconhecida, esses falantes, uma vez adultos, fazem uma grande redução no sistema linguístico da língua a qual são obrigados a falar por diversos motivos. Nota-se essa redução, sobretudo, no sistema gramatical, passando-se entre as gerações e entre o colonizador e colonizado num processo de transmissão linguística irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009).

Nesses interpostos e praças construídas pelos portugueses com ajuda dos intérpretes (os assimilados e os grumetes, principalmente) e pela demanda comercial atraente no momento, já começava a surgir uma nova língua ou um novo sistema comunicativo que não é nem o português, nem uma das línguas africanas, mas sim o *pré-pidgin*, a que veio a ser o guineense posteriormente, resultante da aquisição informal do português.

Outro momento decisivo na formação do guineense se deu com o comércio ousado dos lançados. Segundo Bull (1989, p.69), os lançados são “desertores ou aventureiros, que só tinham uma solução para sobreviverem: exilar-se para o continente africano, fugindo às sanções régias...”. Vale ressaltar que esses lançados eram, em sua maioria, judeus que fugiam da enorme perseguição e chacina contra eles na época na Europa (ROUGÉ, 2005).

Esses comerciantes europeu-portugueses são chamados de lançados porque, uma vez marginalizados no meio dos portugueses, e sem escolha, eles entravam nas aldeias para praticar comércio clandestinamente com africanos por conta própria ou a serviço de outros países como França, Holanda e Inglaterra, falavam um português simplificado que tornaria a comunicação mais eficaz (ROUGÉ, 2005).

Auxiliados pelos grumetes e que também lhes serviam de intérpretes nos primeiros momentos, os lançados “familiarizaram-se com os pretos e as pretas, aprenderam as línguas do país, enriquecendo-as, por seu lado, com vocábulos da própria língua materna, a língua portuguesa” (REMA, 1982:73 apud SCANTAMBURLO, 2013, p.46). Pediam, aos chefes das aldeias, as mulheres africanas das famílias reais para união matrimonial, com o objetivo de serem aceitos e terem certos privilégios no meio dos pretos, visto que havia uma enorme ausência de mulheres brancas na expansão (ROUGÉ, 2005; SCANTAMBURLO, 2013).

Diz-se que os lançados foram importantes na origem do guineense porque, junto dos pretos, por meio de sua relação matrimonial com mulheres africanas – também chamadas de tangomãs⁶ – formaram uma nova sociedade de pretos e brancos com seus filhos mestiços, chamados de filhos da terra⁷. Nessa nova sociedade, já começava a falar uma língua em comum, uma espécie de *pidgin*, ou seja, uma mistura da língua do grupo dominante, o português, e das línguas do grupo dominado, as línguas africanas (SCANTAMBURLO, 2013).

Quando começaram a nascer os primeiros filhos mestiços e com a intensidade do comércio, seja com lançados nas aldeias adentras como nos interpostos comerciais e nas praças portuguesas onde se praticava comércio legalmente, o *pidgin* português já estava no processo de nativização, ampliando a sua área de comunicação, consolidando seus vocábulos e estrutura gramatical. Rougé (1986) explica que

o sistema iria a pouco e pouco tornar-se mais complexo e (re)estruturar-se, alargar-se a outros domínios de aplicação, tudo isso tomando ainda uma maior amplitude quando as primeiras crianças foram educadas nessa língua. É esse processo de complexificação, de estruturação, de alargamento, que chamamos criouliização, pois o seu resultado é o surgimento dum crioulo, dum nova língua (ROUGÉ, 1986, p. 38 apud SCANTAMBURLO, 1999, p.49).

Bull (1989), Scantamburlo (1999; 2013), Rougé (2005) e Intumbo (2007) afirmam que o guineense é uma língua que surgiu por meio do contato linguístico entre povos de origens diferentes (portugueses e africanos) e seu vocabulário proveio, em sua maioria, da língua do

⁶ As esposas africanas dos lançados eram chamadas de tangomãs, porque, além de serem esposas, desempenhavam também a função de intérpretes. A palavra tangomã tem sua origem, provavelmente, na língua árabe “*tarjuma*”, que significa “traduzir”: “*targuman*” eram os intérpretes das Embaixadas Europeias no Oriente nos séculos XIII-XV.

⁷ Os chamados filhos da terra eram “indivíduos sem-chão” e não eram bem aceites pela cultura tradicional africana, que não permitia miscigenação de sangue nas linhagens dos fidalgos com direito a possuir o chão da aldeia (BULL, 1989).

grupo dominante, a chamada língua de superstrato e a sua estrutura gramatical proveio, principalmente, das línguas do grupo dominado, chamadas línguas de substrato.

Barros (1902, apud SCANTAMBURLO, 2013) afirma que, entre 5.420 vocábulos até então datados no guineense, a maioria deles é de origem portuguesa e mais de um cento desses vocábulos provinham das línguas africanas. O autor aponta ainda que mais cinco ou sete provinham de origem caboverdiana, como: dóxe, tróchada; dois vocábulos advindos da língua inglesa, nórr, compás; e dois da língua francesa, libérté, gratuítés.

No dicionário bilíngue Guineense-Português (SCANTAMBURLO, 2013), consta um total de 10.568 entradas, a maioria dos vocábulos advinda do léxico da língua base, o português. Os vocábulos das línguas africanas são 1.073, aproximadamente mais de 10%. Entre as línguas de substrato, a língua mandinga é aquela que mais tem contribuído para a formação do léxico do guineense. Vale ressaltar que o grupo étnico mandinga desempenhou um papel muito importante na formação do guineense, visto que entendiam muito bem do comércio na época, constituindo-se como um dos parceiros comerciais mais fortes dos portugueses.

2.3 Sobre a problemática na denominação de uma língua

O termo crioulo foi utilizado pela primeira vez no século XVI, segundo Scantamburlo (1999), e há uma controvérsia da sua primazia no tocante ao português e espanhol, principalmente. Nesse primeiro momento, a palavra era usada para se referir aos escravizados nascidos nas casas dos seus “senhores” e aos filhos dos africanos nascidos na Índia e na América, para poder distingui-los dos africanos que foram arrancados à força da África. O vocábulo crioulo era usado também para designar as plantas e os animais, mas, nos estudos linguísticos atuais, serve para denominar as línguas provenientes do contato entre a língua do colonizador e língua/línguas do colonizado (SCANTAMBURLO, 1999; BULL, 1989).

Houaiss, Villar e Franco (2009), em seu *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, trazem quatro acepções na entrada “Crioulo”, das quais selecionaram-se três:

- *adj. s. m.* Def. 1 que ou quem nasceu escravo nos países sul-americanos, p. opos. a quem já chegou da África com essa destinação;
- 2.2 p.ext. Bras. diz-se de ou qualquer indivíduo negro;

- 4 LING diz-se de ou cada uma das línguas mistas nascidas do contato de um idioma europeu com línguas nativas, ou importadas, e que se tornaram línguas maternas de certas comunidades socioculturais.

Nascentes (1966), no *Dicionário Etimológico Resumido*, deu as seguintes acepções: base é criar, q.v. De criadouro “suscetível de criar-se bem”, derivado do lat. *creaturu*; deformado na boca dos negros, e etc. [...].

Cunha (2010), no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, define o “crioulo” com o sentido de criar. Dentre as entradas que o lexicógrafo traz no tocante ao “criar” encontram-se: dar existência a, gerar, formar. [...] “Crioulo” *adj. sm.* ‘cria, escravo’ ‘*ext.* negro nascido na América’ XVII.

Jota (1976), por sua vez, em *Dicionário de linguística*, traz ao “Crioulo” a seguinte acepção: *adj. e s. m.* Diz-se do ou idioma **rudimentar**, misto de uma língua de civilização e uma indígena. [...] É lícito chamar dialeto “crioulo” à **deturpação de uma língua de civilização**, quando falado por povo aloglota de situação social e cultura inferiores.

Para finalizar, Dubois et al (1973) explanam o seguinte: “Dá-se o nome de *crioulos* a *sabires*, *pseudo-sabires* ou *pidgins*, que, por motivos diversos de ordem histórica ou sociocultural, se tornaram línguas maternas de toda a comunidade”. No que se refere aos *sabires*, *pseudo-sabires* e *pidgins*, afirmam que “[...] Os *sabires* são línguas acessórias, com uma estrutura gramatical mal caracterizada e um léxico pobre, limitados às necessidades que lhes deram origem e que asseguram a sua sobrevivência”. *Pidgins*, em relação aos *sabires*, possuem umas características mais evoluídas, contudo sejam sistemas linguísticos inferiores aos de uma língua [...]. *Pseudo-sabir* é um *sabir* de tipo unilateral, utilizado por uma das comunidades de forma a reproduzir mais ou menos a língua de outra comunidade. Segundo os autores, é uma língua instável que vai evoluindo à medida que seus falantes fazem correção a cada vez maior.

As concepções a respeito do vocábulo “crioulo”, sobretudo as encontradas em Nascentes (1966) e Jota (1976) deixam claros os juízos de valor em relação às línguas que, no entender do presente estudo, é inadequado para denominar uma língua, razão pela qual, neste trabalho, se refuta o uso do termo, por julgá-lo discriminatório e excludente, uma vez que, ao utilizar tal denominação, estaria se empregando um termo que reforça o “caráter inferior” de

línguas de colonização, valorizando a visão eurocêntrica de língua e civilização. Contudo, as concepções apontadas em Nascentes e Jota imperam de certa forma na sociedade guineense, em que se ouve com frequência que o guineense é o português mal falado, fato do qual Couto (1989, p.107) chama atenção ao dizer que essa afirmação é inaceitável porque “é uma das manifestações da ideologia colonialista que, como sabemos, sempre considerou os colonizados como seres de segunda categoria. Tudo que lhes era, e é, específico é despreciando, como sua cultura, sua língua, etc.”.

Os estudos voltados às chamadas línguas “crioulas” têm sido intensificados nos últimos tempos, resultando no aparecimento da *Crioulística* – ramo da Linguística que se ocupa em descrever e analisar as línguas denominadas de pidgins e “crioulas”, resultantes do processo de contato linguístico entre línguas do colonizador e do colonizado (LUCCHESI, 2016). Entretanto, verificam-se estudos que questionaram o uso do termo crioulo para denominar as línguas, tais como os estudos de Barros (1897-1907 apud Scantamburlo, 2013) e Dewulf (2014).

Para esses autores, denominar uma língua como “crioulo” é, acima de tudo, menosprezar a cultura do povo que a fala, porque a língua e a cultura são indissociáveis, e é por meio da língua que um povo manifesta a sua cultura dentre outras formas de manifestação (SCANTAMBURLO, 1999).

Scantamburlo (2013), apesar de já ter usado o termo “guineense” para designar a língua falada em Guiné-Bissau, em seu trabalho anterior, *O dicionário do guineense* (1999), adotou o termo “crioulo guineense” mostrando que o uso do termo “guineense” para designar a língua é ambíguo e pode ser confundido com o cidadão guineense, o gentílico da Guiné-Bissau, preocupação que se diz receber de vários intelectuais quando usou o termo “guineense” anteriormente.

Surge, todavia, uma inquietação, podendo-se indagar o fato de que ninguém confunde o emprego do termo “português” para se referir à língua falada em Portugal do indivíduo lá nascido, a depender do contexto em que é empregado, ao espanhol, italiano, francês, alemão etc., qual é, pois, a ambiguidade do termo guineense no mesmo contexto? Tudo leva a crer que as questões envolvidas são menos linguísticas do que político e socioculturais. Todavia, a resistência em torno do uso do termo “crioulo” ou “guineense” para designar a língua falada em Guiné-Bissau já aconteceu há muitos anos.

Barros (1897-1907), o primeiro linguista guineense, nos seus estudos incipientes, publicados na Revista Lusitana entre 1897-1907, já havia sinalizado para a adoção do termo “guineense” como forma de designar a língua falada pelos guineenses. De acordo com Scantamburlo (2013), Barros publicara artigos sobre o guineense na Revista Lusitana no período de uma década, conforme se segue:

O Guineense. Capítulo I. Tradições e ethnologia (1897-1899a, V: 174-181); O Guineense. Capítulo II. Apontoados Grammaticaes (1897-1899b, V: 271-300); O Guineense. Capítulo II (continuação). Themas de syntaxe (1900-1901, VI: 300-317); O Guineense. Capítulo III. Vocabulario português-guineense (1902, VII: 81-96; 166-188; 268-282); O Guineense. Capítulo IV. Textos em prosa e em versos (1907, X: 306-310) (SCANTAMBURLO, 2013, P.68).

Em virtude do que já se discutiu até aqui refutando o termo “crioulo” quando se trata das línguas faladas em diversas partes do mundo, em especial, na Guiné-Bissau, Dewulf (2014, p.305), em seu texto *E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística*, aponta que “a história de uma língua é sempre o espelho da história política de uma região”. O autor se preocupa em desvendar o fato de certas línguas serem chamadas de “crioulas” e outras não, ainda que todas elas tenham experimentado o mesmo processo de contato entre línguas em seus momentos iniciais. Segundo ele, esse foi o tema de um congresso na Universidade de Chicago, Estados Unidos, em 1999, chegando à conclusão de que essa denominação se baseia no ponto de vista europeu, imperialista e racista. Para o estudioso, a distinção que se faz entre as línguas ditas “crioulas” e não “crioulas” baseia-se, primeiramente, em condições sócio-históricas, desconsiderando os critérios linguísticos que, por sua vez, aparecem por último.

O pesquisador ainda exorta o fato de que os critérios em que se baseiam para denominar certas línguas de “crioulos” se remetem ao seu estatuto de originalidade, porém, levando isso em consideração, afirma que seria justo também chamar o português, espanhol, inglês, francês etc. de “crioulos”, porque todos eles são resultantes do contato linguístico, por meio de transmissão linguística irregular. Dewulf (2014) foi além ao dizer que até mesmo as chamadas línguas clássicas como o latim, o grego e o germânico seriam chamados “crioulos”, por se tornarem línguas por meio do contato linguístico. A referida teoria de que todas as línguas citadas são provenientes do contato linguístico e por meio de transmissão linguística irregular, portanto dignas também de serem chamadas de “crioulos”, complementa-se ao que Rougé (1986 apud Costa, 2014, p.49) afirma que “na origem do crioulo está o português mal

falado, da mesma maneira que na origem do português, do espanhol, do francês... e dos outros “crioulos românicos” está o latim mal falado”.

Chamar uma língua de “crioulo” é equivalente a dizer que há línguas puras superiores e há línguas impuras e inferiores, afirmação que não tem respaldo científico, uma vez que todas as línguas são importantes e têm valores incalculáveis às comunidades que as utilizam. “Para a Linguística, esse tipo de afirmação carece de qualquer fundamento científico. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive”. (MUSSALIM; BENTES. 2012, p. 43). Lucchesi e Baxter (2009) vão na mesma linha ao afirmar que

Uma língua crioula já formada desempenha virtualmente as mesmas funções comunicativas e sociais que qualquer outra língua natural e é transmitida normalmente de geração para geração, sendo adquirida pelas crianças com base na faculdade humana da linguagem como qualquer outra língua. Portanto, as suas características estruturais e funcionais fazem parte do leque de soluções geneticamente codificadas para todas as línguas humanas (LUCCHESI, BAXTER 2009, p.119).

O exposto nesta seção é a prova irrefutável de que o rótulo “crioulo” para designar a língua de um povo não se pauta em fatos linguísticos, mas sim, muito provavelmente, em fatos históricos e políticos, ligados ao longo processo de dominação e submissão que se verifica, principalmente, a partir da expansão europeia do século XV.

A razão pela qual se adota neste trabalho o termo guineense para designar a língua nacional da Guiné-Bissau, amplamente utilizada e difundida no território, proveniente do contato entre europeu-portugueses e povos africano-guineenses, é poder mostrar que ela, e assim como qualquer língua no mundo, possui suas particularidades linguísticas ligadas às transformações sistemáticas do povo que a fala, que refletiram/refletem na língua que usa, conforme as evidências apresentadas nos capítulos seguintes.

2.4 Reflexões sobre a base de uma língua: entre léxico e estrutura gramatical

Em seu artigo intitulado *O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? Embate sobre os conceitos*, Timbane e Cátia (2018) afirmam que o guineense é uma língua cuja base são as línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau, pois, no entender desses autores, a base de uma língua é o seu sistema, ou seja, a sua estrutura gramatical. Por isso, segundo os autores, é um equívoco afirmar que a base de uma língua é seu léxico, posicionamento esse

que diverge das ideias de Biderman (1996) e de Couto e Mello (2009), pois, para esses pesquisadores, o léxico, conjunto de vocábulos de uma língua, é fundamental e básico em qualquer língua do mundo, uma vez que é nele onde se encontra a semântica/sentido da língua.

Sendo o léxico o conjunto de palavras de uma língua que se forma a partir de um processo de cognição da realidade, Biderman (1978, 1981, 1999 apud CUMPRI, 2012, p. 42) define a palavra de seguinte maneira: a) “a unidade operacional básica; b) a unidade significativa de articulação do discurso humano; e c) a entidade psicolinguística primordial”. Rey-Debove (1984, p.56) complementa que “é pelo substantivo que um estado de língua se modifica primeiro, visto que as coisas novas têm necessidade de um nome novo (neologismo)”. Nos estudos de Rey-Debove (1984), Biderman (1996), Rougé (2005), Couto e Mello (2009), Cumpri (2012), verifica-se que o léxico/vocabulário ou palavra é a base de uma língua, tendo as regras gramaticais como auxílio para que o léxico possa ser organizado.

No entanto, analisando a base do guineense sob essas duas perspectivas, chega-se ao consenso de que a sua base é a língua portuguesa, visto que, além da influência do português no guineense nas estruturas gramaticais, principalmente na sintaxe, o vocabulário do guineense (que também é formado por meio de regras morfofonêmicas) é proveniente do português em sua maioria, como já mencionado.

Por vezes, limita-se a compreensão do léxico/vocabulário a uma simples listagem de significados, como propõem os dicionários. Além de simples listagem de significados, é também uma lista de regras gramaticais (REY-DEBOVE, 1984), pois “conhecer uma palavra, portanto, nesse caso, implicaria em saber não apenas seu significado, mas também suas associações, colocações, derivações, flexões, classes gramaticais, dentre outros” (SCARAMUCCI, 1995, p. 375), regras que se verificam na morfologia da língua.

Segundo Sandalo (2012, p.193), “a Morfologia é a parte da gramática responsável pela forma/estrutura interna das palavras”. A autora, embasada nas ideias de linguistas que definem palavras de acordo com critérios sintáticos, mostra que “uma sequência de sons somente pode ser definida como uma palavra lexical se (i) puder ser usada como resposta mínima a uma pergunta e se (ii) puder ser usada em várias posições sintáticas”, definição essa que estabelece diferença entre vocábulos de forma livre (palavras) e dependente (preposições, conjunções e etc.). Entretanto, considerando esta definição de palavra, que também se aplica

aos outros vocábulos com ênfase no fato de eles serem de forma presa, verifica-se que todo vocábulo é formado pela sequência/conjunto de sons (fonemas e traços) submetidos às regras gramaticais da língua.

Segundo Monteiro (2002), entende-se por forma livre, como citado, toda palavra que sozinha pode funcionar como uma resposta, ou seja, que acarreta significado, como se segue no exemplo com a palavra João:

(1) Quem chegou? **João**.

Ao contrário, os vocábulos de formas dependentes e presas funcionam somente dentro da estrutura sintática, a fim de estabelecer, junto dos outros elementos, o sentido completo da frase. Geralmente são as preposições, conjunções e etc., conforme se verifica no exemplo 2.

(2) Ele veio **de** Portugal.

Por fim, os vocábulos de forma presa vêm sempre, assim como diz o nome, presos a uma palavra, a fim de dar-lhe outro sentido diferente do que tem a palavra base a que eles aglutinam, é o caso dos afixos em geral (sufixos, prefixos etc.), como segue:

(3) **Re**formular, **taxista**, **ajudante**, **matadouro**, **carpinteiro**, **enfermeiro**, **prevenção**⁸, entre outros.

Sendo um sistema, a língua é formada de partes interdependentes, que se organizam na mesma cadeia. Todavia, conforme citado, “a análise mórfica consiste, por conseguinte, na depreensão das formas mínimas dos vocábulos, isolando-se todos os elementos providos de significado” (MONTEIRO, 2002, p.37). Nesse caso, os prefixos e sufixos no exemplo (3) carregam seus significados que acrescentam aos vocábulos aos quais estão presos.

Sandalo (2012, p.195) divide a Morfologia em duas unidades: unidade máxima e mínima. A unidade máxima da morfologia é a palavra enquanto unidade da língua que pode ocorrer livremente, ou seja, carregado de significado; a unidade mínima da Morfologia

⁸ As palavras tidas aqui como exemplo são igualmente pronunciadas da mesma forma no guineense (com apenas algumas alterações fonéticas: reformula, taxista, ajudanti, matadur, kalpinteru, infermeru/infermeiru e prevenson, conforme se verá no capítulo *aspectos fonético-fonológicos*) e possuem o mesmo significado do português, razão pela qual acha-se interessante trazê-las como exemplo a fim de comprovar a base do guineense.

incorpora os elementos que compõem uma palavra, tais como morfemas – que carregam significados.

Para justificar o fato de que os morfemas é que carregam significados e são responsáveis também pela mudança de classe gramatical das palavras, Sandalo (2012) traz o exemplo da palavra *nacionalização* mostrando que, se um indivíduo nunca a tenha ouvido, pode descobrir seu significado se conhecer o significado da palavra *nação* e os significados dos morfemas que derivam novas palavras, como *al* (transformador do substantivo em adjetivo), *izar* (transformador do adjetivo em verbo), *ção* (transformador do verbo em substantivo) presentes na palavra *nacionalização*.

No entanto, ainda nesse estudo, a autora ressalta a relação entre Morfologia e Fonologia, evidenciando que esta tem bastante impacto sobre aquela e pode definir o lugar ideal para inserção do morfema dentro da palavra, como por exemplo, o morfema *izar* que pode ser adicionado ao substantivo *hospital* formando, assim, o verbo *hospitalizar*, porém esse mesmo morfema não pode ser adicionado ao substantivo *clínica*, formando *clinizar*.

Sandalo (2012), a partir de exemplos da língua portuguesa, ajuda a refletir sobre questões da base do guineense. As palavras transportadas do português para o guineense foram trazidas junto a suas regras gramaticais de formação, salvo algumas mudanças fonéticas, como se mostrará mais adiante na seção que trata dos aspectos fonético-fonológicos. Além de unidade máxima da Morfologia, a unidade mínima desempenha um papel crucial nas palavras do guineense, principalmente os morfemas sufixais do português que são recorrentes nessa língua.

Mas, para além das reflexões intrassistêmicas, regras morfofonológicas pelas quais as palavras no guineense passaram no processo de transmissão linguística irregular, estudar o léxico é estudar os aspectos sócio-históricos de sua formação.

Segundo Rougé (2005, p.7) “[...] a formação do léxico fica mesmo na base de crioulização. Além disso, é de salientar que muitas vezes o estudo do léxico fornece indicações históricas valiosas sobre a história das línguas e das sociedades onde nasceram”.

Petter (2015, p. 242) concorda com a assertiva de Rougé ao afirmar que “O léxico tem sido apontado como a prova mais evidente do contato de línguas, pois ele revela a história da língua e registra, portanto, os possíveis contatos linguísticos e culturais de seus falantes”.

Partindo da perspectiva desses estudos que comprovam que o léxico é a base de qualquer língua e de que o léxico é formado pela estrutura gramatical imposta pela língua na sua formação, não é equívoco afirmar que a base do guineense é a língua portuguesa, e isso também não quer dizer que as línguas africanas não sejam importantes na sua formação, muito pelo contrário, desempenharam um papel que não se pode ignorar nessa língua.

Não há problema afirmar que o guineense é a língua de base portuguesa, pois, analogamente, línguas como o português, o francês, o espanhol, o italiano, o catalão, o provençal etc. são chamadas de línguas de base latina, o inglês, língua de base germânica, uma vez que isso é um fato baseado na história da língua e conquista/dominação de povos. Passa-se a tratar, nos próximos capítulos, dos aspectos metodológicos pelos quais se guiou esta pesquisa, seguindo-se dos capítulos que trazem alguns apontamentos de aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos do guineense em comparação com a língua portuguesa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os apontamentos fonéticos e morfossintáticos apresentados neste estudo baseiam-se numa amostra reduzida de informantes. Essa amostra se divide em dois grupos: Grupo 1 - quatro guineenses residentes em Guiné-Bissau, com dados fonéticos e Grupo 2 – quatro guineenses residentes no Brasil, com dados morfossintáticos.

O Questionário Fonético Fonológico do Projeto ALiB⁹ e o questionário utilizado por Romano (2012) serviram de base para a elaboração de um Extrato de Questionário Fonético - EQF (Apêndice A), aplicado aos quatro informantes residentes em Bissau, capital do país, com idade de 20 a 28 anos e com ensino secundário completo. A aplicação do EQF se deu de modo indireto por meio de chamada de vídeo do aplicativo de mensagens muito popular, *WhatsApp*, sendo tomados os devidos cuidados, principalmente, com a má conexão da internet e com as possíveis interferências nas falas dos informantes, para a coleta de dados. A aplicação desse questionário foi feita individualmente com cada um dos informantes e em momentos distintos no período que compreende de 12 a 18 de fevereiro de 2020. Antes da hora marcada com o informante, pedia-se para que ele/ela estivesse sozinho/sozinha em ambiente que não tivesse barulho e que não fosse interrompido/a. A entrevista durou em média de 10 a 20 minutos.

O EQF compõe-se de 45 questões compreendendo fenômenos como: o alçamento vocálico, a transformação do [v] pelo [b], monotongação, harmonia vocálica, o caso da consoante fricativa alveolar desvozeada, a transformações das consoantes alveopalatais desvozeada e vozeada e lateral palatal vozeada em consoantes desvozeada e vozeadas, as líquidas l e r, encontro consonantais tautossilábicos pr e tr, a epêntese, o caso das palavras *areia*, *anular*, *amolar* e dos verbos em geral. A conversa não foi gravada, sendo feitas as transcrições simultaneamente ao momento da entrevista *on-line*, ou seja, as anotações dos dados foram feitas à medida que o informante respondia. Algumas respostas são apresentadas na seção dos aspectos fonético-fonológicos e os informantes são identificados como informante 1, 2, 3, 4. Não se fez distinção quanto ao sexo dos informantes.

Essa estratégia de pesquisa semi-indireta foi necessária considerando o contexto mundial da pandemia do COVID 19 e principalmente pela falta de condições financeiras para

⁹ Projeto de grande envergadura desenvolvido em diferentes universidades brasileiras. Confira: <www.alib.ufba.br>

o deslocamento até a Guiné-Bissau para a realização de uma pesquisa direta junto aos informantes¹⁰.

O segundo grupo participante da amostra compõe-se de quatro estudantes universitários naturais da Guiné-Bissau, que moram no Brasil há pelo menos seis anos, residentes em diferentes regiões do país: dois de Lavras-MG, um de Campinas-SP e um de São Francisco do Conde-BA, todos com a idade entre 20-34 anos, são falantes do guineense cujos pais também o são. Todos esses informantes falam também suas respectivas línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau (pepel, mandinga, balanta e mandjaco), identificados como informantes 5, 6, 7 e 8.

Pelo fato de a pronúncia desses participantes já receber muita influência do Português Brasileiro pelo período que já vivem no Brasil e pelo meio social universitário que frequentam, não se aplicou o questionário fonético a eles, mas sim um questionário morfossintático (Apêndice B) que foi elaborado pelo autor desta dissertação.

O Questionário morfossintático é composto por questões referentes à *marcação do gênero, número e complementos verbais* nas quatro línguas étnicas da Guiné-Bissau citadas e foi enviado para os informantes responderem por e-mail. A coleta de dados morfossintáticos foi realizada em períodos alternados, começando a partir da segunda metade do ano 2019 e terminando em abril deste ano, respeitando-se a disponibilidade dos informantes que alegavam carga excessiva de atividades universitárias.

De posse dos questionários respondidos pelos informantes do grupo 2 e das transcrições fonéticas dos informantes do grupo 1, passou-se à descrição e análise dos resultados, conforme seguem os próximos dois capítulos.

¹⁰ Vale lembrar que o método de pesquisa indireta fora uma prática dos primeiros dialetólogos, entre eles o alemão G. Wenker (Cf. Romano, 2014), ou mesmo o método complementar de correspondência utilizado por Ribeiro et al. (1977), para elaboração do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Cf. Romano, 2013). Saramago (2006) relembra que Manuel de Paiva Boléo lançou o projeto de um inquérito por correspondência, o *Inquérito Linguístico Boléo* (ILB) com a finalidade de ajudar o trabalho preparatório para o futuro Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e Galícia.

4 ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

Para uma abordagem a respeito dos aspectos fonético-fonológicos do guineense, faz-se necessário, primeiramente, trazer o quadro fonético desta língua, a fim de poder discorrer com mais propriedade sobre seus metaplasmos, processos fonológicos que as palavras sofreram ao longo do tempo na passagem do latim para as línguas românicas, que, analogamente, também ocorreram do português para o guineense. Para isso, neste capítulo, traça-se inicialmente um comparativo dos quadros fonéticos do português europeu, das línguas étnicas africanas na base da formação do guineense e, em seguida, são abordados os diversos tipos de metaplasmos, segundo duas gramáticas históricas, Coutinho (1976) e Carvalho e Nascimento (1984).

4.1 Quadro fonológico do guineense

Assim como toda língua humana, o guineense possui um quadro fonético que o diferencia das línguas das quais é proveniente, conforme apontado no segundo capítulo. Considerando-se que o princípio de transformação das línguas ao longo do tempo é inevitável e acompanha mudanças das sociedades em que elas são faladas, o quadro fonético do guineense limitava-se, inicialmente, a cumprir com o propósito comunicativo da época anterior em relação à atual.

De acordo com Couto (1996, p.120-121), o sistema fonético do português arcaico, falado pelos navegadores dispersos por continentes na época da expansão marítima do século XV e levado para costa oeste africana, especialmente onde hoje é o território da Guiné-Bissau, era o seguinte:

p	t		k		i, ĭ		u, ũ
b	d		g		e, ě		o, õ
	f	s	ś	š		ε	o
	v	z	ž	ž		Λ, Ľ	
		l		ʎ			a
		ř					
		r					
m	n		ñ				

Figura 3 – Quadro consonantal e vocálico do português à época da expansão marítima
 Fonte: Couto (1996)

O sistema sonoro do português arcaico, falado pelos navegadores, possuía um total de 34 sons, sendo 21 consoantes e 13 vogais, o que fez dele um quadro bem mais complexo em relação aos das línguas étnicas africanas com as quais entrou em contato quando chegou à costa oeste africana.

Objetivando comparar o quadro fonético-fonológico do português seiscentista com os das línguas étnicas africanas e o guineense, uma vez que seria impossível expor a fonética e a fonologia de todas essas línguas africanas, Couto parte do princípio geral de que “há uma semelhança fonológica muito grande entre praticamente todas elas”. Com efeito, traz o quadro fonológico do wolof, língua franca da República do Senegal, que, segundo ele, é provável que se teria originado do contato entre línguas étnicas da costa oeste africana. O linguista ainda afirma que “apesar de não ser falada na Guiné-Bissau, ela teve um papel muito importante durante os primeiros contatos dos portugueses com os habitantes da costa oeste-africana durante os anos da formação do crioulo” (COUTO, 1999, p.122).

Entretanto, partindo do ponto de vista apresentado pelo linguista, é possível observar que o quadro fonético das línguas oeste-africanas se iguala, no que diz respeito ao número dos sons consonantais, ao do português arcaico e, quanto aos sons vocálicos, é bastante simplificado em relação a esse português.

A Figura 4 apresenta o quadro fonético-fonológico do wolof, o qual estaria representando, ainda que com pequenas diferenças, as demais línguas étnicas do oeste africano que, segundo Couto (1996, p.123), “é o caso do balanta (QUINTINO, 1951 e GOMES, 1994), do pepel (CARDOSO, 1901), do fula (LABOURET, 1967) e do mandinga (DELAFOSSÉ, 1929 e ROCHA, 1994)”:

p	t	tš	k	i	u
b	d	dž	g	e	o
	f	s	š	x	ə
	v	z	ž	ɣ	a
		l			
m	n	ñ	ŋ		

Figura 4 – Quadro consonantal e vocálico do wolof, segundo Couto (1996)
 Fonte: Couto (1996)

Por fim, o pesquisador apresenta o quadro fonético-fonológico do guineense (Figura 5) baseado no guineense mais antigo, que ele chamou de “Crioulo tradicional”, nome proposto por ele em sua obra anterior (1989), alegando a falta de um nome ideal para o guineense falado pelos mais velhos. Neste trabalho, aventa-se chamá-lo do guineense antigo em oposição ao guineense moderno.

p	t	c	k	y	w
b	d	j	g	i	u
m	n	ñ	ŋ	e	o
f	s				a
	r				
	l				

Figura 5 – Quadro consonantal e vocálico do guineense, segundo Couto (1996)
 Fonte: Couto (1996)

O quadro fonético do guineense antigo evidencia a diferença em relação aos quadros fonéticos do português arcaico e línguas étnicas africanas dos quais é proveniente, sendo assim, portanto, mais semelhante aos das línguas africanas do oeste africano. No que concerne aos sons consonantais e vocálicos, o guineense antigo possuía apenas 23 sons, sendo 16 consoantes, 5 vogais, e 2 semivogais.

Em comparação com o português seiscentista (Figura 3), o guineense deixou de lado as consoantes fricativas ápico-alveolares [s] e [z] bem como as palatais [š], [ž] e [ʎ]; deixou a fricativa labiodental [v] e não diferencia a vibrante múltipla [r̄] da vibrante simples, aqui representado como tepe [r]; além disso, o quadro fonológico do guineense antigo incorporou as africadas [tʃ], presentes no quadro como [c] e [dʒ], razão pela qual no guineense, uma vez estando sem um padrão fixo de escrita, vê-se a fusão na escrita de africadas; entre essas consoantes, também incorporou a nasal velar [ŋ], tipicamente de línguas étnicas da costa oeste africana (COUTO, 1989; 1996). Couto (1996) explicou a diferença dos quadros fonológicos do português arcaico e do guineense de seguinte maneira:

Verifica-se que o crioulo não adotou determinados sons do português da época bem como introduziu sons que não havia nele. Assim, a apicoalveolar [z] bem como as três palatais [ś, ź, ʎ] não entraram no crioulo. Tampouco [v] e a distinção entre vibrante múltipla [r̄] e vibrante [r] foi adotada. Por outro lado, o crioulo introduziu as africadas [tʃ] (no quadro (2) representada por [c]) e [dʒ] (no quadro representada por [j]) bem como a nasal velar [ŋ]. Isso no que concerne às consoantes (COUTO, 1996, p.122).

Da mesma maneira, comparando o quadro fonológico do guineense com a língua wolof que representaria as demais línguas africanas com as quais o português entrou em contato na costa oeste africana, Couto (1996, p.123) afirma que “de qualquer forma, excetuando-se os sons [v], [z], [ś] e [ź], a semelhança de seu sistema fonológico com o do crioulo é espantosa”, fato evidenciado nos quadros fonológicos representados pelas Figuras 4 e 5.

No que tange às vogais, a semelhança do guineense com línguas africanas é indiscutível. A diferença do guineense antigo com o português seiscentista, no entanto, é expressiva. Conforme se evidencia, o quadro fonético-fonológico do guineense não incorporou em suas vogais as nasais e, do mesmo modo, deixou de lado as vogais centrais não baixas oral [ʌ] e nasal [ʌ̃]. Nele, ao contrário do português, não se faz também a diferenciação entre vogais médias baixas [ɛ, ɔ] e vogais médias altas [e, o], o que faz do seu sistema vocálico estruturar em três níveis contrastando, assim, o do português seiscentista estruturado em cinco níveis e do português atual do Brasil, em quatro níveis (COUTO, 1996), ou seja, no guineense não se tem vogais médias-baixas e médias altas, encontram-se apenas vogais baixa, médias e alta; as semivogais ou semiconsoantes [y] e [w] “funcionam como vogais quando são o segundo V do núcleo silábico e como consoantes quando em posição de ataque (onset)” (COUTO, 1996, p. 122).

Em comparação com outras línguas que não são da costa oeste africana, o sistema simplificado do quadro vocálico parece ser uma característica comum à grande parte das línguas africanas. Remetendo-se às línguas africanas da parte central da África, tendo o quimbundo como exemplo e que por acaso se assemelha ao guineense no quadro vocálico, pode-se observar que, segundo Mendonça (2012), o sistema vocálico do quimbundo (uma das línguas faladas em Angola, proveniente da família bantu) é simplificado, composto por cinco vogais *a, e, i, o, u* e duas semivogais *y, w*. O autor ainda mostra que não há vogais mudas no fim das palavras nessa língua como se verifica no português, ou seja, no quimbundo, todas as

vogais são pronunciadas claramente, seja no início, no meio ou no fim das palavras, ao passo que em português, principalmente o português europeu (MARROQUIM, 1996, p.21), a tendência é de omitir as vogais no final das palavras, até mesmo no meio destas, como em *tel'fone* (telefone) e *diga-m* (diga-me). O estudo de Castro (2005) segue a mesma direção, generalizando para grande parte das línguas africanas, apontando para a simplicidade do sistema vocálico dessas.

Posto isto, ainda sobre as vogais médias, em outro trabalho, Couto (1989, p.115) afirma que “outra especificidade do crioulo é a ausência da distinção entre /e/ e /è/, bem como entre /o/ e /ò/. O som que substitui ambos parece ser algo intermediário, aproximando-se ligeiramente da vogal aberta”, ou seja, não há a nítida diferenciação entre as vogais médias baixas [e] e [ɔ] em relação às médias altas [e] e [o], realizando-se como uma vogal medial mais centralizada e aberta.

Falando ainda do quadro vocálico do guineense antigo, observa-se também, de modo igual, que ele não adotou as vogais nasais do português arcaico. As vogais nasais do português arcaico são tidas no guineense como um segmento de vogal oral antecedendo a consoante nasal. Segundo Couto (1996, p.123), “toda vogal do português vira uma sequência de vogal oral mais consoante nasal sob a condição de que a vogal seja nasal. Isso significa que o crioulo extrai a nasalidade das vogais nasais do português, fazendo dela uma consoante”. Essa regra no guineense vale tanto quanto a vogal está no fim, no início ou no meio da palavra, conforme se evidencia nas seguintes transcrições: [’ʒɔŋ] “João”, [’mangu] “manga”, [n’fɛɾnu] “inferno” e [m’bɛ] “interjeição de espanto ou admiração”.

Relativamente às duas últimas palavras transcritas *nfernu* e *mbe*, pode-se afirmar que representam uma influência das línguas étnicas presentes na formação do guineense, visto que em quase todas elas, senão todas, as consoantes nasais [m] e [n] funcionam nesses ambientes e parecem formar uma sílaba sozinha, geralmente no início das palavras, fato contestado por Couto, do qual, acunhado nos estudos de Clements e Keyser (1983) e de Goldsmith (1990), como caso extrassilábico ou da extrassilabidade contingente. Assim, Couto (1996) explica o processo de seguinte maneira:

Como nenhum elemento pode ficar não licenciado, solto, o que acontece com esses elementos nasais? A solução se encontra em Goldsmith (1990: 107-108). Segundo esse autor, em casos como o que estamos examinando

trata-se de *extrassilabidade contingente*. Nesse tipo de extrassilabidade, “consoantes podem ficar não silabificadas durante o processo de silabificação e, portanto, pairando no limbo, esperando que uma sílaba apareça para elas” (p. 108). Por outras palavras, elas ficam extrassilábicas apenas a nível subjacente pois, no processo de derivação da representação fonética elas se silabificam de alguma forma. [...] Eu acrescentaria mais um processo para integrar elementos extrassilábicos à boa formação silábica: a pré-nasalização. Com ela, o elemento nasal que pairava no limbo (os C não dominada por o), se adjunge à obstruente seguinte, ou seja, é ligado ao mesmo C da consoante seguinte, formando com ela uma consoante complexa pré-nasalizada (COUTO, 1996, p.126).

O mesmo fato exposto a respeito das vogais no guineense antigo se verifica no guineense moderno. Mostra-se que seu quadro vocálico é reduzido, com apenas três níveis: baixa, médias e altas. Esse fato, inclusive, é confirmado pelos pesquisadores renomados do guineense, como Scantanburlo (1999) e Couto (1996).

No entanto, Costa (2014), no seu trabalho *Descrição fonológica do crioulo guineense*, fez a entrevista direta com estudantes guineenses na Universidade Federal de Pernambuco, falantes do guineense. Os resultados da sua pesquisa apontaram para quatro níveis no que tange ao quadro vocálico do guineense moderno, contrariando os estudos anteriores. Para essa pesquisadora, o guineense possui um total de sete vogais, além das semivogais; as vogais por ela apresentadas são a baixa central [a], as médias baixas [ɛ, ɔ], as médias altas [e, o] e as altas [i, u], e para a vogal baixa [a] há sua correspondente fraca [ɐ] usada na sílaba átona localizada no final da palavra; o mesmo verifica-se nas vogais altas [i, u], tendo como correspondentes as fracas [ɪ, ʊ], igualmente usadas na sílaba átona no final da palavra. No que concerne às vogais médias, a autora aponta que seu uso varia de acordo com o falante, porém há tendência maior para o uso das médias baixas, o que se coaduna com o que já foi apontado por Couto (1996).

Costa ainda incorpora, no seu estudo, as vogais nasais [ã], [ẽ, õ], [ĩ, ũ] em oposição às orais [a], [e, o], [i, u], o que, aos olhos deste trabalho, põe em causa o princípio de extrassilabidade já apontado (sequência de vogal + consoante nasal), ainda que a autora o leve em consideração em seu estudo, fato evidenciado nas transcrições fonéticas por ela feitas.

Conforme se observa, a estrutura vocálica em Costa (2014) diferencia-se da apontada por Couto (1996) e assemelha-se à do português brasileiro. É provável que os dados de Costa tenham sofrido a influência do português brasileiro com quatro níveis da estrutura vocálica,

visto que todos seus informantes à época da pesquisa já estavam com cinco anos de residência no Brasil e somente um deles estava aqui há três anos. No entanto, a transcrição fonética feita neste trabalho, levando em consideração os dados obtidos dos informantes, baseou-se no princípio da simplicidade vocálica do guineense e de extrassilabidade (COUTO, 1996), por entender que esses dados foram coletados pelos falantes do guineense morando em Guiné-Bissau e que nunca tiveram que viajar para fora do país, portanto livres de serem influenciados.

Voltando ao sistema consonantal, contrastando, portanto, o guineense antigo, cujos resquícios fazem-se presentes ainda na fala dos mais velhos, principalmente não letrados e dos que se empenham em salvaguardar esta variedade, o guineense moderno, com a necessidade de incorporar novas palavras tomadas diretamente como empréstimos, especialmente do português, segundo Scantamburlo (2013) e Couto (1989), ampliou seu sistema consonantal incorporando novos fonemas, os quais o guineense antigo tinha deixado de lado: a consoante fricativa alveolar vozeada [z] nas palavras ['kazɐ], ['mezɐ], [be'lezɐ] (casa, mesa, beleza); a consoante fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] nas palavras ['marʃɐ], ['ʃapɐ], ['ʃarme] (marcha, **ch**apa, **ch**arme); a consoante fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] nas palavras [i'gɾɛʒɐ], ['beʒu], [ʒa'nɛlɐ], (igreja, beju, janela); a consoante lateral palatal vozeada [ʎ] nas palavras [ivã'gɛʎu], [iʃ'pɛʎu] (evangelho, espelho); e as palavras formadas com x representando o encontro consonantal com som oclusivo velar desvozeado [k] e fricativo alveolar desvozeado [s] nas palavras ['takisɪ], ['makisɪ] (taxi, maxi).

Nas palavras citadas, nas quais havia a necessidade de introduzir novos sons consonânticos ao guineense, há ainda certo grau de fusão nas suas pronúncias, a depender da idade, escolaridade, região e, até mesmo, talvez o principal motivo, da influência da língua étnica africana tida como língua materna do falante. Mesmo assim, não obstante ressaltar que, nas palavras *beleza, marcha, chapa, charme, igreja, beijo, janela, evangelho, espelho, taxi e maxi*, geralmente as pronúncias que se ouvem são as mesmas do português. Já nas palavras *casa e mesa*, a pronúncia se realiza, geralmente, com a consoante fricativa alveolar desvozeada [s]. Essas constatações podem ser observadas nas subseções a seguir, ao tratar dos metaplasmos.

4.2 Metaplasmos

Analogamente ao que ocorreu com a língua portuguesa no Brasil durante os primeiros séculos da colonização, defende-se, neste trabalho, que o guineense é resultado de aquisição informal do português, o que Lucchesi e Baxter (2009) denominam como Transmissão Linguística Irregular (TLI). Entende-se por transmissão linguística irregular a situação em que “a língua do grupo dominante, denominada **língua de superstrato** ou **língua-alvo**, se impõe, de modo que os falantes das outras línguas, em sua maioria adultos, são forçados a adquiri-la em condições bastante adversas de aprendizado, em função de sua sujeição e marginalização” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p.101).

Para exemplificar reflexões sobre essas mudanças, nesta seção, dedica-se a apresentar alguns aspectos fonético-fonológicos do guineense, comparando-os com o português e aventando-se a hipótese de que esses aspectos linguísticos do guineense podem ter se originado por força da TLI.

Entende-se por metaplasmos as modificações morfofonêmicas que as palavras sofrem com o passar do tempo. Essas modificações se limitam apenas à parte estrutural das palavras, preservando, assim, os seus significados (COUTINHO, 1976; CARVALHO; NASCIMENTO, 1984). Nesta seção, exemplificam-se os quatro tipos de metaplasmos: por aumento, supressão, transposição e transformação, conforme a classificação de Coutinho (1976), em comparação com a língua portuguesa e as línguas étnicas dos informantes consultados para esta pesquisa.

4.2.1 Metaplasmos por transformação

Os metaplasmos por transformação acontecem por meio da troca ou assimilação que os falantes fazem de um fonema por outro numa palavra. No entanto, essa troca acontece de forma inconsciente à medida que determinado grupo de falantes é obrigado por algum motivo a adquirir informalmente para sua comunicação os vocábulos da língua alvo.

4.2.1.1 Alçamento de vogais médias iniciais e finais

Quanto aos metaplasmos **por transformação**, no guineense, a vogal média anterior [e] no início dos vocábulos em português, principalmente quando seguida de uma fricativa alveolar desvozeada [s] com a qual forma a primeira sílaba da palavra, geralmente é

transformada em vogal alta anterior [i], igualmente, as vogais médias átonas anterior [e] e posterior [o] no final das palavras são transformadas em vogais altas anterior átona [ɪ] e posterior átona [ʊ].

Silva (2003), ao tratar do Português Brasileiro, identifica o mesmo processo de funcionamento das vogais médias finais em alguns dialetos. Neste caso, acontece um processo de alçamento vocálico¹¹. Quanto à passagem do latim para o português, nenhuma das gramáticas históricas (COUTINHO, 1976; CARVALHO e NASCIMENTO, 1984) consultadas como base para os metaplasmos neste capítulo atestou o processo de alçamento da vogal média [e] no início das palavras. Vale lembrar que as palavras latinas iniciavam, nesse contexto, com a consoante *s*: stare (estar), spiritu (espírito), scutu (escudo), stella (estrela), sto (estou), scopulu (escolho), etc. (CARVALHO; NASCIMENTO, 1984).

Vale lembrar que, como acontece em qualquer língua, há casos em que a exceção pode ocorrer. No quadro 1, pode-se observar tal funcionamento vocálico no guineense segundo dados obtidos por meio de consulta aos informantes com base no instrumento de coleta e, também, segundo o princípio da extrassilabidade:

Quadro 1 – vocábulos com alçamento das vogais mediais iniciais e finais

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Espuma	[is'pumə]	[iʃ'pumə]	[iʃ'pumə]	[is'pumə]
Estrada	[is'tradə]	[is'tradə]	[is'tradə]	[is'tradə]
Sábado	['sabadu]	['sabadu]	['sabadu]	['sabadu]
Tarde	['tardi]	['tardi]	['tardi]	['tardi]

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do corpus.

Conforme se pode compreender no Quadro 1, as palavras iniciadas com vogal média [e] seguida de fricativa alveolar desvozeada [s] na mesma sílaba sofreram a transformação da vogal inicial. O mesmo fenômeno é visto também no português brasileiro na maioria das regiões. Em particular, Marroquim (1996, p.40) atesta que, no Nordeste, a vogal média [e]

¹¹O processo de alçamento da vogal ocorre quando uma vogal média alta (e/o) é transformada numa vogal alta (i/u). Mais detalhes sobre o sistema vocálico do português, ver Silva (2003).

“quando é inicial e tem depois de si um *s* com que forme sílaba, soa também sempre *i*: istorá(r), istêrco, istação, istio, istrada, istribo, ispírito, ispuma, isquadrão”.

Em relação à transformação das vogais médias átonas anterior [e] e posterior [o] no final das palavras em vogais altas anterior átona final [ɪ] e posterior átona final [ʊ], é possível observar que esse não é um processo exclusivamente do guineense, pois tal comportamento vocálico também se manifesta no português. Acontece que, no português, esse alçamento das vogais átonas finais em questão é feito somente na fala, enquanto que a grafia permanece sem alçamento (BISOL, 2010), ou seja, no português não se escreve do jeito que se fala, ao passo que no guineense, parece ser este o fato, escreve-se da mesma maneira que se fala, portanto *sabadu, tardi*¹².

Além dos metaplasmos em questão, nota-se a variação fonética também na pronúncia da palavra *ispuma* (espuma); nela, os informantes 1 e 4 pronunciam com o som fricativo alveolar desvozeado [s], ao passo que os informantes 2 e 3 a pronunciam com o som fricativo alveopalatal desvozeado [ʃ]. Com efeito, pode-se verificar, de acordo com os dados obtidos, que a consoante fricativa alveolar desvozeada [s], quando na coda silábica, varia de acordo com o idioleto¹³ do falante no guineense, conforme será pormenorizada na seção 4.2.1.5.

4.2.1.2 A transformação da consoante *v* pelo *b*

A transformação da consoante *v* pelo *b* no guineense é um caso comum em que até surge uma brincadeira¹⁴ em torno dela. O processo ocorre quando a consoante fricativa labiodental vozeada [v] é transformada em consoante oclusiva bilabial vozeada [b], aqui denominado como oclusivização. Tratando-se do processo inverso ao do guineense, em que o *b* latino era transformado em *v* em sua passagem do latim para o português, segundo Carvalho e Nascimento (1984, p.40), essa transformação recebe o nome especial de **degeneração** (prefere-se chamar de fricativização, já que é a transformação de um oclusivo em fricativo),

¹²Não há ainda uma ortografia estabelecida para o guineense, portanto é ainda uma língua ágrafa; porém, a escrita que se faz dele segue os sons produzidos na pronúncia da palavra, como se observa nas publicidades televisivas, nas tirinhas e até mesmo em alguns anúncios do Ministério da Cultura.

¹³Entende-se por idioleto o estilo particular de falar de uma pessoa em relação a outra. Por outro lado, a noção de idioleto pode ser entendida também como a variação linguística que se verifica de um país para outro, de uma região para outra e de um grupo a outro (DUBOIS et.al.,2014).

¹⁴ A brincadeira aqui referida acontece quando os guineenses, principalmente a camada juvenil, querem-se “zombar”. Neste caso, o locutor pede ao seu interlocutor para responder com palavras correspondentes no português às palavras ditas no guineense pelo locutor (palavras em que há possível transformação de **v** pelo **b**).

exemplificando-se com ca[b]allu- ca[v]alo, populu > po[b]o – po[v]o. O Quadro 2 ilustra a oclusivização do *v* português com dados da amostra desse estudo:

Quadro 2 – ilustrativo da transformação da consoante *v* pelo *b*

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Vassoura	[ba'sɔrɐ]	[ba'sɔrɐ]	[ba'sɔrɐ]	[ba'sɔrɐ]
Servir	[ˈsirvi]	[ˈsirvi]	[ˈsirbi]	[ˈsirbi]
Vaca	[ˈbakɐ]	[ˈbakɐ]	[ˈbakɐ]	[ˈbakɐ]
Verdade	[bar'dadɪ]	[bar'dadɪ]	[bar'dadɪ]	[bar'dadɪ]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do corpus.

O Quadro 2 evidencia o processo de metaplasmo em questão que possivelmente se trata de uma herança que o guineense tenha do português arcaico levado para a Guiné-Bissau pelos navegadores portugueses na época. A mesma transformação tem acontecido também no português do Brasil, principalmente no Nordeste brasileiro, em que falantes menos escolarizados pronunciam como *bassôra* (*vassoura*), *bés*pa (*véspera*), *berruga* (*verru*ga), *barrer* (*varrer*) etc. (MARROQUIM, 1996) e em outras regiões também como na área descrita no trabalho de Amadeu Amaral (1920)¹⁵.

Vale ressaltar que, do latim para o português, conforme citado, aconteceu um processo semelhante a esse, só que de ordem inversa, em que a consoante oclusiva bilabial vozeada [b], em latim, era trocada pela consoante fricativa labiodental vozeada [v] em português em certas palavras (CARVALHO; NASCIMENTO, 1984), como se segue: ar**h**ore – ár[v]ore; car**h**one – car[v]ão; al**h**u – al[v]o; sil**h**ar – sil[v]ar etc. Observa-se que, possivelmente, a língua com que o colonizador tenha desembarcado onde é hoje a Guiné-Bissau tenha fixado esse fenômeno nas falas das populações locais, visto que, nos primeiros momentos da formação do guineense, o português que se falava na época pelos navegadores tinha ainda conservado muitos traços linguísticos do latim. Talvez seja possível que esses falantes portugueses que foram para a Guiné-Bissau na expansão tenham conservado ainda a consoante oclusiva bilabial vozeada [b] do latim nos ambientes em que hoje é trocada pela

¹⁵ Ressalta-se que essas obras têm mais de 70 anos, portanto antigas. Porém vê-se a necessidade de trazê-las para este trabalho por descrevermos fenômenos linguísticos que, igualmente, ocorrem no guineense com frequência até o presente momento.

consoante fricativa labiodental vozeada [v] no português e, em consequência disso, o guineense ainda conservou o b do latim.

Apesar de a passagem da consoante fricativa labiodental vozeada [v] para a oclusiva bilabial vozeada [b] ser um fato corrente no guineense (COUTO 1989), observa-se também, em alguns casos, com a inserção do [v] no guineense, a concorrência dessas duas variantes, como é o caso da palavra *sirbi* (servir) no Quadro 2. Aqui parece haver uma aparente variação estável, reconhecendo-se a necessidade de estudos mais aprofundados com mais informantes e com metodologia específica para verificar faixas etárias, estratificação social, etc.

Em outros casos, identifica-se a realização de [v] em vez de [b] no guineense. É o caso das palavras, apesar de não fazerem parte do questionário, *povo* e *cavalo* no português, que no guineense moderno se ouve mais a pronúncia destas com a consoante fricativa labiodental vozeada [v] como em português, portanto *povu* e *cavalu*, do que com a consoante oclusiva bilabial vozeada [b] *pobu* e *kabalu* – que já estão à beira da obsolescência. O fato observado lembra o que Lucchesi e Baxter (2009) afirmam de que as línguas chamadas “crioulas” tendem hoje a reestruturar seus sistemas gramaticais aproximando-se de suas línguas bases, o que Couto (1989) chama de “descrioulização”.

4.2.1.3 Monotongação

Quanto aos ditongos nasais ou orais nas palavras portuguesas, no guineense estes geralmente são monotongados ou reduzidos a uma vogal oral. Segundo Costa (2014, p.208), “Pode-se afirmar que, comparativamente ao português, houve um largo processo de monotongação (a partir dos ditongos do português) na formação do crioulo, dando origem a vocábulos hoje já incorporados na língua”. Esse processo é chamado de **monotongação** ou **redução** (COUTINHO, 1976). Com efeito ilustrativo, o Quadro 3 apresenta os resultados obtidos dos informantes, cujos ditongos em português são monotongados no guineense:

Quadro 3 – ilustrativo da monotongação no guineense

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf.3	Inf. 4
Manteiga	[mã'tegɐ]	[mã'tegɐ]	[mã'tegɐ]	[mã'tegɐ]

Vassoura	[ba'sɔra]	[ba'sɔra]	[ba'sɔra]	[ba'sɔra]
Coração	[kura'sõ]	[kura'sõ]	[kɔr'sõ]	[kura'sõ]
Pau	['pɔ]	['pɔ]	['pɔ]	['pɔ]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do *corpus*.

Como é possível verificar no Quadro 3, os ditongos nasal **ão** e orais **ei**, **ou**, **au** nas palavras em português foram monotongados. Posto isso, parece que a lei geral do guineense é de monotongar qualquer que seja o ditongo no português, com algumas pequenas exceções, a exemplo do ditongo na palavra “**mau**” em português que é mantido no guineense [aw]. Em consequência disso, evidencia-se que no português arcaico, levado para Guiné-Bissau na Expansão Europeia, o atual ditongo **ão** [ãw] era **om** [õ] nos substantivos e nos verbos, como em **sermom** – sermão (substantivo) e **amarom** – amarão (verbo) (COUTINHO, 1976), o que pode levar a concluir que é provável que o guineense tenha herdado essa monotongação do português arcaico.

Relativamente ao que propõe Coutinho, Marroquim (1996), cita obras literárias arcaicas, dentre as quais *Os Lusíadas*, III, 24, de Camões, em que os atuais ditongos **ei**, **ou**, **au**, **ai**, **eu**, **ão** etc. eram monotongados com frequência no português arcaico e, de certo modo, são preservados na fala dos menos escolarizados nordestinos, nas palavras como **baxa** – baixa, **Pálo** – Paulo, **Ósebo** – Eusébio, **bêjo** – beijo, **bandêra** – bandeira, **mantêga** – manteiga, **ôtro** – outro, **pôco** – pouco, **róbo** – roubo etc. Com exceção da palavra Paulo, a mesma monotongação nessas palavras observa-se, também, no guineense, com algumas diferenças tímbricas, visto que no guineense as pronúncias destas palavras foneticamente são [ɔ]sebiu/[ɔ]sebo, b[ɛ]ju, band[ɛ]ra, mant[ɛ]ga, [u]tru, p[u]ku, r[ɔ]bu.

Dentre a similaridade do guineense e o português do Nordeste brasileiro no tocante à monotongação, principalmente no falar dos menos escolarizados ilustrado por Marroquim, há alguma diferença quanto à manifestação do ditongo *ei*. Segundo o autor (MARROQUIM, 1996, p.52), o *ei* “soa claramente quando está antes da explosiva *t* e da fricativa *ç*: peito, peitada, peitoril, leite, feitiço, beijo, feição, treição”, ao passo que no guineense parece que os ditongos são simplesmente monotongados seguindo a regra geral, sem depender de qualquer contexto, portanto as palavras **peito**, **leite** e **feitiço** são monotongadas em **pitu**, **liti** e **futis**, havendo, necessariamente outro processo fonológico anterior à monotongação, o de

assimilação da altura vocálica de outros segmentos do vocábulo, o que pode propiciar o processo de monotongação.

4.2.1.4 Assimilação ou harmonia vocálica

A assimilação ou harmonia vocálica é uma transformação fonética expressiva no guineense (SCANTAMBURLO, 2013; COSTA, 2014). Esse processo ocorre com o objetivo de o falante reduzir o esforço vocal que utilizaria na pronúncia de vogais diferentes numa única palavra, mantendo a língua no mesmo padrão articulatorio. É um processo comum às línguas humanas, o que Marroquim (1996), ao exemplificar o processo no falar nordestino, chama, entre outros, da lei do menor esforço, pois o falante preocupa-se mais em falar sem que tenha de esforçar muito. Seguem, no Quadro 4, alguns exemplos de harmonia vocálica no guineense de acordo com dados obtidos:

Quadro 4 – ilustrativo de assimilação ou harmonia vocálica

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Menino	[mi'ninʊ]	[mi'ninʊ]	[mi'ninʊ]	[mi'ninʊ]
Porto	[ʼpurtʊ]	[ʼpurtʊ]	[ʼpurtʊ]	[ʼpurtʊ]
Mosquito	[mis'kitʊ]	[miʃ'kitʊ]	[miʃ'kitʊ]	[mis'kitʊ]
Portugal	[purtu'gaʃ]	[purtu'gaʃ]	[purtu'gaʃ]	[purtu'gaʃ]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do corpus.

Conforme ilustrado no Quadro 4, todas as palavras no guineense, transcritas foneticamente, apresentam a assimilação ou harmonia vocálica. Nas palavras *menino* e *mosquito* em português, as primeiras vogais [e] e [o] assimilam-se à segunda vogal dessas palavras [i], isso porque a segunda vogal, que comanda a assimilação neste caso, é alta, assim como a última vogal [ʊ], das mesmas palavras (SILVA, 2003). Sendo assim, aplicando a lei do menor esforço, torna-se necessário transformar as vogais médias [e] e [o] para corresponderem com a segunda, ficando assim todas altas e mantendo a língua no mesmo padrão articulatorio. A assimilação é permitida uma vez que não interfere no sentido da palavra, o que se identifica nas palavras *porto* e *Portugal*, em que a primeira vogal [o] (média) assimila à segunda [u] (alta).

4.2.1.5 Fricativas alveolares

No português, a consoante fricativa alveolar desvozeada [s] apresenta-se no início de palavra, *sapo* [ˈsapu], em coda silábica, *casca* [ˈkaskə], e em final de palavra como em *arroz* [aˈfios]. No caso dessa fricativa em coda (interna ou externa), há o processo de variação diatópica no português brasileiro, podendo ser pronunciado com os sons fricativo alveolar desvozeado [s] ou fricativo alveopalatal desvozeado [ʃ]. O mesmo processo também pode ocorrer com a fricativa alveolar vozeada [z] que pode se realizar como a alveopalatal [ʒ], este quando o som seguinte é vozeado (SILVA, 2003). Esse fenômeno é chamado de palatalização.

De acordo com Carvalho e Nascimento (1984, p.40-41), a palatalização “é a transformação de um ou mais fonemas em uma palatal”. Essa definição evidencia que a palatalização pode ocorrer com outros fonemas além do [s]. Para ilustrar a palatalização do [s], os pesquisadores mostram que os dígrafos latinos *sc* e *ss*, com o som da fricativa alveolar desvozeada [s] e seguidos das vogais [i], [e] foram palatalizados em consoante fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] em português; da mesma forma, o [s] latino seguido de [i] foi palatalizado em fricativa alveopalatal vozeada [ʒ], como exemplificados em *pisce* > *peixe*, *miscere* > *mexer*, *passione* > *paixão*, *russeu* > *roxo*, *cerevisia* > *cerveja*, *ecclesia* > *igreja*.

No guineense, com exceção da coda silábica, a consoante [s], independentemente de estar entre vogais ou não, é pronunciada com o som fricativo alveolar desvozeado [s], estabelecendo, assim, uma diferença em como essa consoante se manifesta no português nesses ambientes. Quando na coda silábica, porém, parece que a sua manifestação varia de acordo com o idioleto do falante, como segue no Quadro 5:

Quadro 5 – Fricativas alveolares

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Casa	[ˈkasə]	[ˈkasə]	[ˈkasə]	[ˈkasə]
Massa	[ˈmasə]	[ˈmasə]	[ˈmasə]	[ˈmasə]
Pasta	[ˈpaʃtə]	[ˈpaʃtə]	[ˈpastə]	[ˈpastə]

Mesmo	[ˈmɛmʊ]	[ˈmɛʒmʊ] [ˈmɛmʊ]	[ˈmɛmʊ] [ˈmɛʒmʊ]	[ˈmɛmʊ] [ˈmɛʒmʊ]
Mês	[ˈmis]	[ˈmis]	[ˈmis]	[ˈmis]
Raiz	[raˈis]	[raˈis]	[raˈiʃ]	[raˈiʃ]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do corpus.

Segundo Costa (2014), no guineense o fonema /S/ possui dois alofones: o fricativo alveolar desvozeado [s] e o fricativo alveopalatal desvozeado [ʃ]. De acordo com a autora, o som fricativo alveolar desvozeado [s] realiza-se na posição de ataque silábico, em outras palavras, no início da sílaba; “Já em posição de coda, o mesmo pode apresentar as realizações [s] e [ʃ] a depender do idioleto do falante, se o segmento que iniciar a sílaba subsequente for surdo. Em final de palavra, é normalmente o fone fricativo alveolar surdo [s] que é realizado” (COSTA, 2014, p.135).

Com efeito, essa manifestação do [s] é evidenciado nas palavras *casa* e *massa*, realizadas com o [s], quanto na posição de coda, e seguida pela consoante oclusiva labiodental desvozeada [t], a realização varia de acordo com o idioleto do falante na palavra *pasta*, em que os informantes 1 e 2 pronunciam com [ʃ] ao passo que os 3 e 4 com [s]; na palavra *mês*, todos os informantes pronunciam com [s]. Nas palavras *mesmo* e *raiz* veem-se casos diferentes dos já apontados.

Na palavra *mesmo*, em que o [s] no final da sílaba seguido da consoante nasal bilabial vozeada [m] é suprimido por todos os informantes ou transformado em consoante fricativa alveopalatal vozeada [ʒ], isso por influência da consoante [m], seguindo a regra da primeira premissa da fonêmica já apontada, vale salientar que, normalmente nesse caso da palavra *mesmo*, a tendência é de suprimir o [s], evitando seu vozeamento, o que revelaria que na fala dos informantes 2, 3 e 4 há, de certa forma, a influência do português, tanto europeu quanto brasileiro. No que diz respeito à palavra *raiz*, conforme se observa no quadro, vê-se que a consoante Z é realizada no guineense com duas variantes: o som fricativo alveolar desvozeado [s] e o som fricativo alveopalatal desvozeado [ʃ], diferentemente do português em que há

possibilidade de a palavra ser realizada com os sons [s], [ʃ] e ainda com o som fricativo alveopalatal vozeado [ʒ].

Conforme já apontado, o guineense moderno incorporou novos fonemas em sua estrutura consonantal, dos quais o fonema fricativo alveolar vozeado [ʒ] faz parte. Em razão disso, no guineense moderno, principalmente na fala da camada juvenil letrada e das pessoas de classe média alta, é comum ouvir a pronúncia da palavra “mesa” e “casa”, sobretudo, com [ʒ], assim como na palavra *beleza* etc., o que obriga a incorporação de mais um alofone para o S, apesar de [ʒ] ser menos realizado do que [s].

4.2.1.6 A transformação das consoantes [ʃ], [ʎ], e [ʒ] em [tʃ] e [dʒ]

No guineense, a transformação da consoante fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] em consoante africada alveopalatal desvozeada [tʃ] e a transformação das consoantes lateral palatal vozeada [ʎ] e fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] em consoante africada alveopalatal vozeada [dʒ] são processos notáveis. O referido processo é ilustrado no Quadro 6:

Quadro 6 – ilustrativo da transformação das consoantes [ʃ], [ʎ], e [ʒ] em [tʃ] e [dʒ]

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Macho	[ˈmatʃu]	[ˈmatʃu]	[ˈmatʃu]	[ˈmatʃu]
Chuva	[ˈtʃubɐ]	[ˈtʃubɐ]	[ˈtʃubɐ]	[ˈtʃubɐ]
Alho	[ˈadʒu]	[ˈadʒu]	[ˈadʒu]	[ˈadʒu]
Palha	[ˈpadʒɐ]	[ˈpadʒɐ]	[ˈpadʒɐ]	[ˈpadʒɐ]
Jantar	[ˈdʒãtɐ]	[ˈdʒãtɐ]	[ˈdʒãtɐ]	[ˈdʒãtɐ]
Gente	[ˈdʒĩti]	[ˈdʒĩti]	[ˈdʒĩti]	[ˈdʒĩti]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do corpus.

Conforme observado no Quadro 6, a transformação de [ʃ], [ʎ] e [ʒ] em [tʃ] e [dʒ] é um dos fenômenos marcantes na formação do guineense, visto que essas consoantes não eram adotadas nesse processo. Segundo Scantamburlo (1981 apud COSTA, 2014), a consoante africada alveopalatal desvozeada [tʃ] corresponde à consoante fricativa alveopalatal

desvozeada [ʃ] do português e verifica-se o mesmo com a consoante africada alveopalatal vozeada [dʒ] correspondendo à fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] e à lateral palatal [ʎ]. Sobre esta, Costa (p.108) mostra que “na Alta Guiné, o segmento do português /ʎ/ regularmente corresponde a /ʒ/, excetuando-se os empréstimos linguísticos recentes e os mesoletos mais próximos do acroleto, como foi verificado, inclusive, no corpus analisado”. Ao tratar da influência, afirma que [ʃ] e [ʒ] do português atual eram [tʃ] e [dʒ] no português levado para costa oeste africana, portanto, as sugeriu como de influência do português no guineense, porém, do mesmo modo, mostrou que [ʎ] do português atual era a mesma levada com os portugueses na expansão que, por algum motivo, foi trocada pela [ʒ] no guineense, fato sugerido por Costa como de influência das línguas étnicas africanas contribuintes na formação do guineense.

Levando em consideração que essas consoantes se manifestavam no português da expansão, prefere-se aqui alinhar ao que Couto (1996) afirma a respeito de que, em certos casos, o guineense fica no meio, ou seja, recebe a influência das duas línguas (português e africanas) na mesma proporção.

Assim como no guineense, o mesmo fenômeno se observa também no norte de Portugal, conforme aponta Almeida (2005) e em alguns falares do português brasileiro, como em Mato Grosso, São Paulo e Litoral do Paraná.

Almeida (2005) estudou o fenômeno da transformação das consoantes fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] em consoante africada alveopalatal desvozeada [tʃ] e fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] em consoante africada alveopalatal vozeada [dʒ] em Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso. Nesse estudo, comprova-se a ocorrência do fenômeno em questão, como segue:

[ˈtʃega] chegar, [ˈtʃa]chá, [ˈbatʃu] baixo, [ˈkotʃu] cocho, [ˈputʃa] puta, [ˈpe tʃi] peixe, [deˈtʃava] deixava, [tʃuvaˈrada] chuarada, [ˈlõdʒi] longe, [ˈdʒe ti] gente, [ˈdʒa] já, [aˈdʒuda] ajuda, [ˈodʒi] hoje, [dʒuntu] junto, [dʒõ] João e etc. (ALMEIDA, 2005, p. 82-83).

O pesquisador, embasado no estudo de Maia (1986), aponta que as consoantes africadas [tʃ] [dʒ] já existiam juntamente com as fricativas [ʃ] [ʒ] no sistema fonológico do galego-português. Todavia, segundo o estudioso, as africadas, aos poucos, foram cedendo

lugar às fricativas, e a troca da africada vozeada [dʒ] pela fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] aconteceu primeiro em relação à da africada desvozeada [tʃ] pela fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ], que só veio a acontecer mais tarde, no séc. XVI.

Quanto à possível influência do português europeu do século XVI falado pelos colonizadores no que diz respeito ao uso das africadas no lugar das fricativas nos falares brasileiros apontados por Almeida, há uma discordância. Silva Neto (1960 apud ALMEIDA, 2005) mostra que o fato de esse fenômeno não abranger todas as regiões do Brasil e que se limita simplesmente a essas regiões citadas em que se falava a língua geral cuja base é da língua tupi-guarani, que também possui consoantes africadas, deve ter sido esta influência das línguas indígenas e não do português. Almeida, contudo, critica a constatação de Silva Neto e afirma que o fenômeno de africacão, principalmente na Baixada Cuiabana, deve ter vindo do português arcaico, trazido pelos colonos e resistiu nessas localidades por causa da influência de línguas indígenas que também possuem esses traços fonológicos.

Há de observar também que a realização das africadas [tʃ] [dʒ] em contexto fonológico que difere do contexto quando antecedida pela vogal [i], manifesta-se, também, em outras regiões brasileiras de forma diferente do apontado por Almeida, principalmente na região nordestina do país (CORRÊA, 2018).

Em seu artigo intitulado de *Revisando a palatalização no português brasileiro*, Silva et al. (2012, p.61) apontam a palatalização como um processo resultante de distribuição complementar, “no qual as consoantes africadas ocorrem seguidas da vogal [i] e as consoantes oclusivas alveolares [t] [d] ocorrem seguidas das demais vogais”, a exemplo das palavras *tia dia*.

Porém, no estudo de Corrêa (2018), observa-se que a palatalização ou transformação de consoantes oclusivas alveolares [t] e [d] em africadas, além de ocorrer quando seguidas da vogal [i], ocorre também quando precedidas por glide [j], como nas palavras muito [’mujtʃo] e doido [’dojdʒo] em alguns falares do PB, principalmente em Sergipe, Alagoas e interior da Bahia. Nos termos da autora, a depender do contexto fônico, essa palatalização pode ser regressiva ou progressiva: regressiva quando a palatalização se realiza diante de [i]; e progressiva quando a palatalização se realiza antecedida pela semivogal [j], sendo esta

considerada um estereótipo, usada pela classe menos letrada e pessoas do interior e aquela como prestígio, usada pela classe culta e nas zonas urbanas.

Furlan (1989 apud SANTOS, 2012) mostra que o processo de africacão/palatalização em Santa Catarina, seja no contexto antecedido pela semivogal [j] quanto no contexto diante da vogal [i] é comum tanto na classe mais letrada como na menos letrada, em que apontou que não tem sua influência no Português Europeu, mas sim, é um processo que acontece de forma natural nas línguas.

Mota e Rollemberg (1997 apud SANTOS 2012), baseadas nos dados do Projeto Norma Urbano Culta-NURC, fizeram análise sobre a transformação das consoantes oclusivas alveolares [t] e [d] em africadas [tʃ] e [dʒ] quando precedidas da semivogal [j] na cidade de Salvador. Analisados os registros dos falantes de nível universitário em comparação aos dos não universitários, constataram que a tendência à palatalização, nesse contexto, é menos corrente nas falas universitárias em relação às não universitárias. Ao comparar a área urbana com a área rural, as pesquisadoras afirmam que na zona urbana esse fenômeno se limita “apenas a formas monovocabulares como *muito*, *oito*, *sujeito*, por exemplo. Pelo contrário, na área de falar rural verifica-se a ocorrência dessa palatalização também em sequências fônicas que envolvem mais de um vocábulo, como em *tem tudo* [tẽjtʃudʊ]” (SANTOS, 2012, p.54).

Ainda embasada nos estudos de Mota (2001), Santos (2012) mostrou que, para analisar alguns exemplos de variação diafásica, selecionou doze inquiridos experimentais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, realizados na Bahia entre 1999 e 2000, dos quais oito informantes tiveram no máximo a 4ª série, sendo quatro em Salvador e quatro em Santo Amaro, os demais quatro são universitários e cidadãos da cidade de Salvador. A palavra *muito* apresenta mais frequência de palatalização em Santo Amaro [’mũjtʃʊ] em relação à palatalização desta em Salvador pelos falantes de nível até 4ª série; já pelos falantes universitários não foram encontrados indícios de palatalização.

Ainda quanto ao português do Nordeste brasileiro, no que concerne à lateral palatal, faz-se a supressão desta em muitos casos, principalmente na fala das pessoas que moram no interior das cidades e de menos escolarizados, portanto, ouve-se *trabaio* (trabalho) e *fio* (filho) respectivamente (MARROQUIM, 1996), num processo conhecido como iotização.

Em comparação com a palatalização que se verifica no guineense, nota-se que o processo apontado por Silva et al. (2012), Corrêa (2018), Mota e Rollemberg (1997) representa um fenômeno distinto. Nas palavras transportadas do português para o guineense, as consoantes fricativas [ʃ] e [ʒ] são transformadas em consoantes africadas [tʃ] e [dʒ], assim como ocorre na transformação da consoante lateral palatal [ʎ] em consoante africada [dʒ].

Já no estudo de Almeida (2005), verifica-se o processo de transformação das fricativas em africadas, como no guineense. Entretanto, a transformação da lateral [ʎ] em africada [dʒ], ocorre somente no guineense. Em decorrência da incorporação de novos fonemas no guineense, ouvem-se, as pronúncias de algumas palavras como *evangelho* [evan'ɣɛλu], *folha* ['fɔλɸ], *igreja* [i'ɣɾɛʒɸ], *chapa* ['ʃapɸ] etc., com o som lateral palatal [ʎ], fricativo alveopalatal vozeado [ʒ] e fricativo alveopalatal desvozeado [ʃ].

4.2.2 Metaplasmos por transposição

Segundo Coutinho (1976), os metaplasmos por transposição dizem respeito à deslocação de um fonema de um lugar para outro dentro de uma palavra. No tocante ao fonema, a deslocação pode se dar por meio de metátese (deslocação de um fonema de um lugar para outro na mesma sílaba – conforme observado no Quadro 7) e hipértese (quando o fonema é transportado de uma sílaba para outra).

4.2.2.1 Palavras dos encontros consonantais *pr* e *tr*

Quanto aos **metaplasmos por transposição**, algumas palavras cujas sílabas são de encontro consonantal [pr] e [tr] no português sofreram mudanças no guineense por meio de **metátese**, isso porque, inicialmente, a estrutura silábica do guineense identificava-se, geralmente, ao padrão CV, ou seja, sílaba aberta, como na maioria das línguas no mundo (MATEUS; RODRIGUES, 2003, p. 1).

Segundo Couto (1989), a tendência é de simplificar a estrutura silábica no guineense. Para isso, o autor traz alguns exemplos, entre eles, a palavra *trabalho* que no guineense sofreu modificação ficando, assim, *tarbadju*. (Costa (2014) afirma que as sílabas V e CV foram atestadas no guineense, porém a CV é a mais expressiva, estrutura silábica também

identificada em maior parte das línguas étnicas na base da formação do guineense, o que fornece forte indício de sua influência no guineense nesse quesito.

O Quadro 7 evidencia a simplificação silábica no guineense, tendo como exemplo as palavras *pursor*, *purblema/purbulema* e *tarbadju*, conforme comprovam os dados obtidos dos informantes.

Quadro 7 – ilustrativo de metátese dos encontros consonantais *pr* e *tr*

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Professor	[pur'sor]	[pur'sor]	[pur'sor]	[pur'sor]
Problema	[pur'blɛmɐ]	[pur'blɛmɐ]	[pur'blɛmɐ]	[pur'blɛmɐ]
Trabalho	[tar'badʒu]	[tar'badʒu]	[tar'badʒu]	[tar'badʒu]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do corpus.

Conforme apontam os dados, era de se esperar que acontecesse o mesmo processo de simplificação silábica na segunda sílaba (ficando, assim, *bule* ao invés de *ble*) da palavra *purblema*, o que não foi o caso tendo em conta a reaproximação do guineense moderno ao português. A esse respeito, Couto (1989, p.118) afirma que “[...] com isso, toda a fonologia crioula se aproxima da portuguesa. [...]. A estrutura silábica também se complica, sempre na direção do português”. Além do metaplasmo em questão, ouve-se, também, o processo da síncope na palavra português *professor*, em que a sílaba (fe) é suprimida no guineense, ficando, portanto, *pursor*.

Conforme já se vem retomando neste trabalho, considerando-se também a citação de Couto (1989), vários fenômenos linguísticos do português foram incorporados ao guineense moderno. Aqui, em algumas palavras, os encontros consonantais *pr* e *tr* e outros encontros consonantais já foram solidificados, como em *trator/tratur*, *traduson* (tradução), *pruntu/prontu*, *kronika* (crônica), *gramatika* (gramática), *frazi* (frase) etc.; em outros, verifica-se uma suposta variação estável, como em *purdutu/produtu* (produto), *pursor/profesor* (professor), *purfison/profison* (profissão) – diria-se que aqui já se assinala, supostamente, uma variação em progresso com a variante *profison*, *torkia/troka* (trocar), *kiriol/kriol* (crioulo) etc.

4.2.3 Metaplasmos por aumento

Os metaplasmos por aumento consistem em inserção de um fonema na palavra (COUTINHO, 1976, p.146-147). A esses metaplasmos tem-se a prótese (inserção de um fonema no início da palavra), a epêntese (inserção do fonema no interior da palavra) e a paragoge (inserção do fonema no final da palavra). Nesta seção, será evidenciado o processo da epêntese no guineense.

4.2.3.1 A epêntese

A **epêntese**, por meio de sua modalidade **suarabáctica**, é um processo linguístico expressivo no guineense: usa-se para desconstruir o encontro consonantal na mesma sílaba ou nas sílabas diferentes nas palavras. Conforme já apontado, as estruturas silábicas CV e V predominam no guineense, principalmente a CV, o que, segundo Kihm (1994 apud COSTA, 2014), é o principal instigador da epêntese. Com efeito, talvez seja este um dos fenômenos linguísticos do guineense moderno que pouco sofreram a influência do português. O quadro 8 elucida a manifestação epentética nas palavras transportadas do português ao guineense, como *pineu* (pneu), *garandi* (grande) e *adivogado* (advogado).

Quadro 8 – demonstrativo da epêntese no guineense

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Pneu	[pi'nɛw]	[pi'nɛw]	[pi'nɛw]	[pi'nɛw]
Grande	[ga'rãdi]	[ga'rãdi]	[ga'rãdi]	[ga'rãdi]
Advogado	[adivɔ'gadɔ]	[adivɔ'gadɔ]	[adivɔ'gadɔ]	[adivɔ'gadɔ]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do corpus.

Aqui, novamente, pode-se afirmar que o guineense está no meio entre o português e línguas étnicas da Guiné-Bissau no que concerne à influência epentética, visto que, igualmente, no português arcaico levado para onde é então a Guiné-Bissau, a epêntese já se manifestava.

O mesmo processo também se encontra no português brasileiro. Em seu artigo intitulado de “*P[e]neu*”, “*Ad[e]vogado*” e “*Af[e]tosa*”: o abaixamento das vogais suarabácticas nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, Romano e Seabra (2017)

mostram que o processo de epêntese ocorre desde sempre nas línguas românicas, onde a sua modalidade suarabáctica já se fazia presente no português arcaico.

Focado nos estudos dos pesquisadores como Elia (1963); Amaral (1982); Nascentes (1953); Monteiro (1933); Marroquim (1934); entre outros, Romano e Seabra (2017) trazem um panorama geral e exemplos sobre epêntese baseando em sua modalidade suarabáctica, o que permite afirmar que é um fenômeno que se manifesta com frequência no português brasileiro e europeu, o que, segundo os autores, não se trata da influência das línguas africanas no PB.

4.2.4 Metaplasmos por supressão

Entende-se por metaplasmos por supressão qualquer subtração ou redução que se faz dentro da palavra (COUTINHO, 1976, p.147-148). Os metaplasmos por supressão dividem-se em aférese (subtração do fonema inicial da palavra), síncope (subtração do fonema dentro da palavra), apócope (subtração do fonema no final da palavra), ainda se tem a haplologia, a crase e a sinalefa. Nesta seção discute-se a aférese, a síncope e a apócope.

4.2.4.1 Caso das palavras *areia, anular, amolar e dos verbos em geral*.

Assim como outros metaplasmos aqui já expostos como resultado da TLI, os metaplasmos por supressão também são expressivos no guineense. Nele, faz-se a supressão de alguns sons ou sílabas no início (aférese), no meio (síncope) e no fim (apócope) das palavras em português transportadas para o guineense. Quanto à síncope, tem-se aqui como exemplo, entre outros, as palavras *pursor* (professor), do Quadro 7, e *memu* (mesmo), do Quadro 5; quanto à aférese, nota-se uma tendência ao apagamento da vogal [a] inicial nas palavras, que sozinha forma uma sílaba, nomeadamente em verbos, advérbios e alguns substantivos, como em *kaba* (acabar), *perta* (apertar), *gosi* (agora) etc.; por fim, no que diz respeito à apócope, o *r* do infinitivo é suprimido em todos os verbos transportados do português (COSTA, 2014), a exemplo de *bisti* (vestir), *odja* (olhar), *iskirbi* (escrever), *kumpu* (compor ou construir) etc., por essa razão não há forma infinitiva do verbo no guineense. O Quadro 9 traz os dados que elucidam os metaplasmos em questão.

Quadro 9 – Dados elucidativos dos metaplasmos por supressão

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau
-----------	---------------------------------------

	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Anular	[ˈnulɐ]	[ˈnulɐ]	[ˈnulɐ]	[ˈnulɐ]
Amolar	[ˈmɔla]	[ˈmɔla]	[ˈmɔla]	[ˈmɔla]
Areia	[ˈrɛjɐ]	[ˈrɛjɐ]	[ˈrɛjɐ]	[ˈrɛjɐ]

Fonte: elaborado por autor com dados do corpus.

Conforme se confirma com a palavra *reia* (areia), a aférese no guineense também se faz nos substantivos. Relativamente ao apagamento do *r* do infinitivo nos verbos, Marroquim (1996) afirma que é um processo frequente no falar nordestino, fato apontado por ele como presente em todos os falares do PB, principalmente na fala dos menos escolarizados e dos que vivem distantes das regiões metropolitanas. Percebe-se também que nas palavras *anular* e *amolar*, além da supressão das suas vogais iniciais e *r* do infinitivo, houve a mudança de suas sílabas tônicas para as precedentes, o que se chama de *sístole* (CARVALHO; NASCIMENTO, 1984)

4.3 As consoantes líquidas /l/ e /R/

No guineense, as consoantes líquidas [l] e [r], em relação ao português europeu e brasileiro, têm suas particularidades de funcionamento. De certa forma, a lateral alveolar [l] no guineense manifesta-se, na posição de ataque, de coda e de encontro consonantal, de igual modo ao português europeu e se diferencia do português brasileiro em muitos dialetos, principalmente na coda silábica; já a manifestação da vibrante alveolar [r] no guineense diferencia-se do português europeu e brasileiro nesses ambientes, conforme se verá mais adiante.

Segundo Costa (2014, p.137), o fonema lateral alveolar [l] tem dois alofones no guineense: a lateral alveolar vozeada [l] e a lateral alveolar vozeada velarizada [ɭ]. A autora ainda afirma que “o primeiro ocupa sempre a posição de ataque silábico e pode ser realizado em sílaba tônica, pretônica e postônica. O segundo, por sua vez, só é realizado em posição de coda e pode ocorrer em sílaba pretônica e tônica”

No que diz respeito à vibrante [r], no guineense não há diferença entre vibrante múltipla [r̄] e vibrante simples, aqui representado como tepe [r], sendo este o que geralmente

é realizado no guineense, seja na posição de ataque, de coda e no encontro consonantal, conforme apontam os dados do Quadro 10.

Quadro 10 – a manifestação das líquidas no guineense

Português	Guineenses residentes em Guiné-Bissau			
	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 4
Lata	[ˈlatɐ]	[ˈlatɐ]	[ˈlatɐ]	[ˈlatɐ]
Planta	[ˈplãtɐ]	[ˈplãtɐ]	[ˈplãtɐ]	[ˈplãtɐ]
Sol	[ˈsɔɫ]	[ˈsɔɫ]	[ˈsɔɫ]	[ˈsɔɫ]
Carro	[ˈkaru]	[ˈkaru]	[ˈkaru]	[ˈkaru]
Caro	[ˈkaru]	[ˈkaru]	[ˈkaru]	[ˈkaru]
Prato	[ˈpratu]	[ˈpratu]	[ˈpratu]	[ˈpratu]
Lagarto	[laˈgartu]	[laˈgartu]	[laˈgartu]	[laˈgartu]

Fonte: elaborado pelo autor com dados do corpus.

Couto (1989, p.114) afirma que no guineense “a oposição existente em português entre a vibrante simples (caro) e a múltipla (carro) se desfaz”. Costa (2014) identificou a presença de somente um /R/ fonológico, o que ela afirma corroborar com os trabalhos anteriores sobre o guineense. No entanto, segundo a pesquisadora (p.138), “o fonema vibrante alveolar /r/ possui dois alfofones: o fone vibrante alveolar [r̄] e o fone tepe [r]” sendo este o mais expressivo. De acordo com o que ela propõe, a vibrante alveolar múltipla [r̄] seria a mais fraca em relação ao forte do português, ao passo que o tepe [r] seria a mais fraca em relação ao vibrante alveolar, o que, neste trabalho e considerando os dados da amostra, não vê a diferença.

O Quadro 10 ilustra as realizações das líquidas [l] e [r] no guineense. Em oposição ao guineense, no português europeu, a realização da consoante [l] é a mesma nesses três contextos, com o fone lateral alveolar vozeado [l] na posição de ataque e de encontro consonantal, como em lama [ˈlãmɐ] e plano [ˈplãnu] e fone lateral alveolar vozeado velarizado [ɫ] em coda silábica, como em pardal [parˈdaɫ] e mal [ˈmaɫ] (MATEUS; RODRIGUES, 2003).

Segundo Silva (2003), Oliveira e Silva (2002) e Galea e Wertzner (2010), a consoante lateral alveolar vozeada [l] ocorre no início de sílaba ou nos encontros consonantais em todas as variedades do português brasileiro. Quando na coda silábica é vocalizada para o glide [w], exceto em algumas cidades interioranas ou mesmo na zona rural da Região Sul do Brasil em que ocorre a lateral alveolar vozeada velarizada: sol [ˈsoɫ], mal [maɫ].

Rennicke e Martins (2013), em seu trabalho intitulado *As realizações fonéticas de /R/ em português europeu: análise de um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico*, identificaram cinco alofones do fonema /R/ usados em Portugal, descritos nos termos e representações fonéticas dos autores de seguinte maneira: a fricativa uvular sonora [ʁ], a fricativa uvular surda [χ], a fricativa velar surda [x], a vibrante alveolar [r], e a vibrante uvular [R]. Segundo os pesquisadores, “pode verificar-se que a articulação da vibrante /R/ tem sido gradualmente substituída por uma fricativa desde meados do século XX” (p.511). No entanto, não fizeram demonstração do contexto em que cada um desses alofones ocorre dentro da palavra, o que dificulta traçar uma comparação.

Mateus e Rodrigues (2003) afirmam que é habitual identificar no português de Portugal a pronúncia da vibrante em coda silábica com o tepe [r], como em mar [ˈmar], falar [faˈlar] e parto [ˈpartu]. A vibrante múltipla [ʀ] - assim representada pela Silva (2003), é a pronúncia típica do português de Portugal, como em rato [ˈʀato], roda [ˈʀodə], carro [ˈkaʀu], Israel [iʃʀaˈɛl].

Segundo Oliveira e Silva (2002), há em português dois tipos de /R/, o fraco e o forte. O fraco é pronunciado como um tepe [r] em qualquer variedade do português, seja europeu ou brasileiro, ao passo que o forte, no português brasileiro, é realizado de diversas maneiras a depender das variedades dos falantes, como fricativas velares e glotais [x] [h], ou como vibrante múltipla [ʀ] nas palavras como rato [ˈxatu] [ˈhatu] ou [ˈʀatu] - Sendo a realização com [ʀ] presente mais na fala caipira, de acordo com Silva (2003), e a realização com [x] [h] presente nas demais variedades; o fraco realiza-se, por exemplo, na palavra mar [ˈmax] [ˈmah] ou [ˈmar] - conforme apontam Mateus e Rodrigues (2003) ou [maɾ], com retroflexo nos termos de Silva (2003).

Ademais, foram descritos nove fenômenos como metaplasmos. Nessas descrições, evidenciaram-se que, da mesma maneira que as palavras do latim para o português sofreram as alterações fonéticas, as palavras do português ao guineense, igualmente, passaram pelas mesmas alterações fonéticas. Uns pelos mesmos processos como, por exemplo, a transformação da consoante [b] para [v] do latim ao português, que no guineense, a [v] do português é transformada em [b] latina; as palavras monotongadas no latim foram ditongadas no português, estas monotongadas no guineense; vê-se também que a fricativa alveolar [s] latina foi palatalizada no português que, por sua vez, a fricativa [s] portuguesa é palatalizada às vezes em coda no guineense e em outros contextos não é palatalizada; as palatais portuguesas [ʃ], [ʒ] e [ʎ] foram transformadas em africadas no guineense, entre outros metaplasmos descritos neste capítulo. O [l] no guineense funciona de igual modo como no português europeu e se diferencia do português brasileiro na coda silábica; quanto ao rótico [r], verifica-se a diferença da funcionalidade deste no guineense com o português brasileiro e europeu. Passa-se, no capítulo seguinte, à descrição dos aspectos de cunho morfossintático.

5 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS

Toda e qualquer língua falada possui suas particularidades linguísticas que a diferem de outras línguas. São essas particularidades que fazem uma língua ser chamada de língua e, conseqüentemente, como a marca identitária de um povo. Neste capítulo, faz-se uma seleção dos fatos morfofossintáticos do guineense a serem estudados, já que não se pode dar atenção a todos eles ao mesmo tempo (PERINI, 1999). Este capítulo é destinado a tratar de alguns desses aspectos morfofossintáticos do guineense, começando com sua flexão em gênero e número, depois a estrutura pronominal, morfologia dos verbos e estrutura sintagmática.

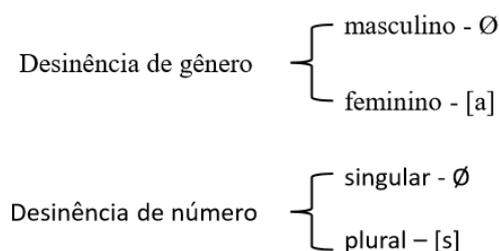
5.1 Alguns aspectos morfológicos

5.1.1 Nominais: categoria de gênero

Por ser uma língua proveniente do contato entre línguas de troncos diferentes, é perceptível a influência dessas línguas na morfologia dos nominais no guineense, dos quais se destacam alguns aspectos nesta seção.

No tocante à flexão nominal, alguns gramáticos e estudiosos linguísticos concordam em afirmar que os nomes (substantivos e adjetivos – considerados como verdadeiros nomes (MONTEIRO, 2002; MARGOTTI e MARGOTTI, 2008), ou ainda os pronomes) são flexionados em gênero e número. Em razão disso, esses autores, no que se refere à língua portuguesa, apontam que a flexão nominal se manifesta, no máximo, de quatro maneiras por meio de suas desinências ou morfemas indicativos do masculino/feminino e do singular/plural, conforme Figura 6:

Figura 6 – Esquema da flexão nominal no Português Brasileiro



Fonte: Monteiro (2002)

A flexão nominal parte da língua portuguesa como modelo. Porém, para não generalizar, e tomando o guineense e línguas africanas da Guiné-Bissau como exemplo, faz crer que nem todas as línguas funcionam assim. De acordo com Corbett (1991),

A categoria gramatical do gênero apresenta-se de forma bastante diferenciada nas línguas naturais, quer em seus aspectos semânticos, quer em sua configuração morfológica. Em algumas línguas, constitui apenas um marcador gramatical sem qualquer implicação no plano do significado. Em outras, relaciona-se semanticamente ao chamado gênero natural (CORBETT, 1991 apud LUCCHESI, 2009. P.295).

Passa-se agora a falar de como funciona a flexão de gênero e, em seguida, de número no guineense, estabelecendo uma comparação das regras de seu funcionamento para com o português e línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau.

Ao apontar o equívoco alimentado por um tempo considerável pelos gramáticos no que se refere à associação entre gênero e sexo, Monteiro (2002, p.86) mostra que os dois conceitos não estão relacionados necessariamente e afirma que “o gênero é uma categoria gramatical”, enquanto que “o sexo é um conceito biológico”.

Lucchesi (2009, p. 303), referindo-se ao guineense, o qual denomina como “crioulo da Guiné-Bissau”, afirma que o guineense “eliminou completamente a morfologia do gênero encontrada no português. Em crioulo, os nomes não se flexionam quanto ao gênero, sendo a distinção de sexo entre os seres animados marcada pelos adjetivos macho e fêmea”. Intumbo (2007, p. 38) concorda com a assertiva de Lucchesi ao afirmar que “nem o crioulo guineense nem o balanta indicam o gênero por meio da flexão. Em vez disso, indicam o sexo natural por via lexical”, como se segue:

(1) fidju **matchu**

filho **macho** (filho)

fidju **femia**

filho **fêmea** (filha)

(2) ermon **matchu**

irmão **macho** (irmão)

ermon **femia**

irmão **fêmea** (irmã)

(3) dona **matchu**

avô

dona **femia**

avó

Vê-se que, nos exemplos 1 a 3, as palavras **matchu** (que indica ser do sexo masculino) e **femia** (que indica ser do sexo feminino) funcionam como modificadores internos, portanto, adjetivos, servindo como atributos aos substantivos **fidju**, **ermon** e **dona**. Entretanto, no guineense, as palavras **matchu** e **femia**, e só elas, funcionam como modificadores internos dos substantivos para indicar se se trata de masculino ou feminino.

A marcação do masculino e feminino no guineense obedece ao conceito biológico. Por conseguinte, somente os seres vivos, os humanos em geral (como nos exemplos 1 a 3) e alguns animais (como se vê nos exemplos 4 e 5) são denominados como sendo masculinos ou femininos no guineense. Quanto aos animais, marca-se o masculino e feminino da mesma maneira dos humanos, conforme se segue:

(4) baka **matchu**

vaca do sexo masculino (boi)

baka **femia**

vaca do sexo feminino (vaca)

(5) purku **matchu**

porco do sexo masculino

purku **femia**

porco do sexo feminino

Esse aspecto de marcação de gênero no guineense não se aplica a certos seres vivos como plantas em geral, peixes e alguns animais como insetos, minhocas etc., pois esses não possuem sexo. Portanto, não se pode dizer *mangu matchu (mangueira (planta) do sexo masculino) e nem *pis femia (peixe do sexo feminino), por exemplo. Com efeito, os substantivos destes grupos dos seres vivos juntam-se, no guineense, com os que denominam objetos e substantivos abstratos em geral e formam o grupo dos substantivos que não são designados pela categoria gramatical, gênero, e nem pelo conceito biológico, sexo, portanto neutros.

Partindo do que se discutiu, não obstante apontar alguns fatos visíveis que possivelmente levantam algumas suspeitas em relação à marcação de gênero, há substantivos

com funcionamento típico daqueles que Monteiro (2002) e Margotti e Margotti (2008) chamam de substantivos de *gênero heteronímico*, ou seja, substantivos privativamente masculinos ou femininos sem correspondentes. Assim, “**mulher** não é feminino de **homem**; é apenas uma palavra privativamente feminina que supera a falta da flexão de **homem**” (MONTEIRO, 2002, p.84). Igualmente **mãe** não é feminino de **pai** e etc, os gêneros, nesses casos, são marcados por um processo de heteronímia.

Em comparação com essas palavras privativamente masculinas e femininas no português, o guineense também possui palavras que parecem enquadrar no gênero heteronímico, já que, para evitar o que seria pleonasma, não precisam de modificadores que lhes dão atributos, como se observa nos exemplos 6 a 8

(6) **omi** (homem)

mindjer (mulher)

(7) **rapas** (moço)

badjuda (moça)

(8) **pape/ papa** – esta usada como vocativo (pai)

mame/ mama – esta usada também como vocativo (mãe)

As palavras **omi**, **mindjer**, **rapas**, **badjuda**, **pape** e **mame**, conforme já apontado, não precisam de modificadores. Portanto, a menos que se configurem numa expressão idiomática, não se pode dizer **omi matchu* (homem do sexo masculino) e nem **minjer femia* (mulher do sexo feminino). Seria esse um caso, embora exclusivo, de indicação do gênero no guineense? Parece mais óbvio afirmar que sim, contrastando a ideia de que o guineense não marca o gênero conforme autores como Intumbo (2007).

De qualquer forma, vale dizer que no guineense moderno, o gênero é marcado, e somente, em alguns substantivos e adjetivos por meio da desinência/morfema indicadora do feminino <a> em contraste com o morfe zero <Ø> indicador do masculino, principalmente na fala dos cultos e jovens em que se ouve o enunciado como

(9) minina linda (menina linda)

mininu lindu (menino lindo)¹⁶

(10) badjuda bonita (moça linda)

¹⁶Seguindo a ordem canônica do guineense, **mininu bonitu** pode indicar, a depender do contexto, o masculino e feminino.

rapaz bonito (moço lindo)

Pelo visto, há a tentativa de reaproximar o guineense de sua língua base, o português. Segundo Lucchesi e Baxter (2009, p.122), “mesmo após a consolidação da língua crioula, ainda se observa a influência das formas da língua de superstrato, que, em muitos casos, conduz à substituição das estruturas tipicamente crioulas pelas da língua de superstrato, num fenômeno conhecido como descrioulização”.

Em relação ao guineense, a flexão do gênero no português é abertamente explícita, manifestada por meio da desinência morfe zero, marcador do gênero masculino, e desinência <a>, marcador do gênero feminino. De acordo com Monteiro (2002), os nomes, no que diz respeito ao gênero, em português, são agrupados em três grupos distintos, a saber:

- (11) nomes de gênero único: (a) tribo, (a) flor, (o) cadáver, (a) vítima.
- (12) nomes de dois gêneros não marcados por flexão: (o, a) estudante, (o, a) cliente.
- (13) nomes de dois gêneros marcados por flexão: (o) leão – (a) leoa, (o) filho – (a) filha.

Quanto às línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau, o processo de marcação de gênero se faz geralmente como no guineense, por meio do conceito biológico, o que parece plausível afirmar que a marcação do gênero no guineense se deve a essas línguas étnicas africanas, conforme se ilustra no Quadro 11, com dados da língua pepel, mandinga, balanta e mandjaku¹⁷:

Quadro 11 - Comparativo de marcação de gênero em quatro línguas étnicas, em português e guineense.

	Guineenses residentes no Brasil				
Português	Inf. 5 Pepel	Inf. 6 Mandinga	Inf. 7 Balanta	Inf. 8 Mandjaku	Guineense
Filho	Imbuku nhintch	Din kê	M'bi lanté	Abuk nhínt	Fidju matchu
Filha	Imbuku nhar	Din mussô	M'bi nin	Abuk nhát	Fidju femia

¹⁷Essas quatro línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau: pepel, mandinga, balanta e mandjaku são umas das muitas de grupos étnicos do país. Vale ressaltar que elas são ainda ágrafas, o que pode causar estranhamento em alguns leitores falantes destas línguas. Neste trabalho, é feita a representação escrita baseando em algumas de suas variedades, de acordo com a variedade que cada um dos informantes consultados na pesquisa fala.

Irmão	Intchaun nhintch	Doma kê	Bia- fá	Th´mak	Ermon matchu
Irmã	Intchaun nhar	Doma mussô	Bia- fá	Th´mak	Ermon femia
Avô	Intemu nhintch	Mama kê	N´ni lanté	At´hém nhínt	Dona matchu
Avó	Intemu nhar	Mama mussô	N´ni nin	At´hém nhát	Dona femia
Boi	Oit okal	Nissi kê	Nhari lanté	Oít ukash	Baka matchu
Vaca	Oit oar	Nissi mussô	Nhari nin	Uít uáth	Baka femia
Cão	Obul okal	Ulu kê	m´bitna lanté	Ubush ukash	Katchur matchu
Cadela	Obul oar	Ulu mussô	M´bitna nin	Ubush uáth	Katchur femia

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Como exemplificado no Quadro 11, o que está em negrito corresponde às palavras *matchu* e *femia* no guineense, para isso são elas os indicativos de gênero por meio do conceito biológico nessas quatro línguas étnicas africanas. Nas línguas mandinga e balanta, tais palavras mantêm a mesma forma para indicar o conceito biológico dos humanos assim quanto dos animais; nas línguas pepel e mandjaku, é possível observar que essas palavras possuem variantes quando se trata dos humanos em relação aos animais, o que reforça a ideia de que tais grupos eram da mesma tribo antigamente e que se dividiram ao longo dos tempos (BULL, 1989).

5.1.2 Nominais: categoria de número

Quanto ao número, ao tratar do português, Monteiro (2002, p.88) afirma que “a flexão de número se resume em uma única regra: o acréscimo do [s] ao singular”. Na mesma linha, Margotti e Margotti (2008, p.74) afirmam que “a flexão de número nos nomes variáveis (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais) é determinada pela oposição, na qual a presença do morfema de plural [s] se opõe à ausência de morfema [Ø] no singular”.

Por efeito da herança, a marcação do número no guineense parece seguir a mesma linha do português, em que o morfema indicador do plural [s] é acrescentado à palavra que está no singular, marcada por morfe [Ø]. Intumbo (2007, p.36) afirma que no guineense, seguindo a mesma lógica do português, “o plural pode ser inferido a partir do contexto ou indicado morfologicamente através da sufixação do morfema de plural {-s} aos nomes, especialmente os [+humanos]”.

A regra de flexão do número no guineense apresentada por Intumbo traz certa inquietação no tocante ao que ele afirma de que o plural pode ser inferido a partir do contexto. Parece que, no guineense, o leitor ou interlocutor não precisa do contexto para saber se a frase ou oração está no plural, já que, ao que tudo indica, o plural é marcado por um elemento integrante no enunciado, que pode ser geralmente o substantivo ou pronomes como demonstrativos (principalmente) quando o substantivo não pode ser integrado ao enunciado.

A exemplo, pode-se ter *e mininus bonitu* (esses meninos são bonitos) em oposição ao singular *e mininu bonitu* (esse menino é bonito); ou nas construções sem substantivos em que o plural é marcado pelos pronomes, como em *i esis propi* (são esses mesmos) em oposição ao singular *i es propi* (é esse mesmo). Partindo desses exemplos, salvo erro, pode-se afirmar que o plural no guineense é marcado obrigatoriamente em um elemento integrante em qualquer que seja frase que indique o plural. Entende-se, dessa forma, que o critério é mais sintático (relacional) do que morfológico (estrutural) para a ideia de plural em guineense.

Voltando à regra de marcação do plural no guineense que se iguala ao português como citado, nos casos comuns nas duas línguas acrescenta-se a marca privativa do plural [s] nas palavras no singular (MONTEIRO, 2002), como se ilustra no Quadro 12.

Quadro 12 -Marcação de plural em oposição ao singular no Guineense e no Português.

Guineense		Português	
Singular	Plural	Singular	Plural
Garandi	Garandis	Velho	Velhos
Kasa	Kasas	Casa	Casas
Amor	Amoris	Amor	Amores
Palmera	Palmeras	Palmeira	Palmeiras
Istrela	Istrelas	Estrela	Estrelas
Katchur	Katchuris	Cão	Cães
Lubu	Lubus	Lobo	Lobos

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

O Quadro 12 ilustra a regra de flexão de número no guineense em comparação com o português no que diz respeito aos casos comuns, em que se faz simplesmente o acréscimo do [s].

Tudo indica que no guineense os adjetivos, apesar de Intumbo os apontar como invariáveis, possuem característica variável e invariável quanto à flexão de número, pois quando funcionam como substantivos (PERINI, 1999; SAUTCHUK, 2010) variam em número: **garandi sibi tudu** – o velho sabe tudo (singular) / **garandis sibi tudu** – os velhos sabem tudo (plural); e quando funcionam como modificadores, sua variação em número depende da escolha do falante, podendo assim dizer **omis garandis** - homens velhos (plural) / **omis garandi** - homens velhos (plural, já que este é marcado somente no núcleo do sintagma nominal **omis**) ou **mininus djirus** – meninos inteligentes (plural) / **mininus djiru** – meninos inteligentes (plural).

Relativamente aos casos especiais de marcação do plural em português (MONTEIRO, 2002), o guineense segue a mesma lógica, todavia com algumas exceções. Os nomes terminados com *l*, que geralmente possuem a forma teórica *le, como aponta Monteiro, como em *mal*, *karnaval* e *ansol*, diferentemente do português - em que além de adjunção da desinência [s] faz-se a síncope da líquida intervocálica, ou seja, queda da consoante [l] e, em seguida, faz-se a assimilação vocálica, ficando assim *carnavais* e *anzóis* (MONTEIRO, 2002) -, no guineense, além da assimilação vocálica, só recebem a adjunção da desinência do plural, conforme segue em 14.

(14) malis, karnavalis e ansolis.

No guineense, o plural dos nomes terminados com consoantes *s* e *r*, como em *mis* (mês), *mar* (mar) e *pis* (peixe), segue a mesma lógica do português e recebem o acréscimo do indicador do plural [s], pois, conforme aponta Monteiro, faz-se perceber que já possuem a forma teórica *misi, mari e pisi, como consta do exemplo 15:

(15) misis, maris, pisis.

Nos nomes terminados em **ão** no português forma-se o plural mediante três possibilidades: a) seguem a forma regular **cristão** – **cristãos**; b) acréscimo da desinência [s] e troca da vogal *o* por *e* **capitão** – **capitães**; c) além da troca da vogal temática, há uma alternância na vogal /ã/ do radical **sermão** – **sermões** (MONTEIRO, 2002). No guineense, o plural desses nomes forma-se regularmente, ou seja, só por meio do acréscimo do [s]. Conforme se observa em 16.

(16) kriston – kristons (cristão – cristãos).

mon – mons (mão – mãos).

kapiton – kapitons (capitão – capitães).

pon – pons (pão – pães).

paxon/paixon – paxons/paixons (paixão – paixões).

Para finalizar, todavia, há casos de exceção de marcação do plural no guineense, principalmente em alguns pronomes. Os pronomes pessoais são flexionados em número; os demonstrativos e alguns indefinidos flexionam em número de acordo com o contexto comunicativo, como em **ki kasa** (aquela casa) e **ki kasas** (aquelas casas) ou **es bom** (esse é bom) e **esis bom** (esses são bons) e em **alguns mininus gosta di purbulema** (alguns meninos gostam de problema). Pode-se observar assim, como se verá adiante, que a marcação de plural em geral pode vir no núcleo do Sintagma Nominal ou no determinante e núcleo, mas não só no determinante, como pode ocorrer em português vernacular ou não-padrão (BRANDÃO, 2011).

Quanto aos pronomes, os possessivos **nha**, **bu**, **si** são usados para indicar a posse de algo pertencente à 1ª 2ª e 3ª do discurso no singular, podendo indicar enunciados no singular ou no plural, como em 17, ao passo que os possessivos **no**, **bo**, **se** são usados para indicar a posse de algo pertencente à 1ª 2ª e 3ª do discurso no plural, indicando enunciados no singular ou plural, conforme segue em 18.

(17) **nha** kasa (minha casa); **nha** kasas (minhas casas).

bu kasa (tua casa); **bu** kasas (tuas casas).

si kasa (a casa dele); **si** kasas (as casas dele).

(18) **no** kasa (nossa kasa); **no** kasas (nossas casas).

bo kasa (vossa kasa); **bo** kasas (vossas casas).

se kasa (casa deles); **se** kasas (casas deles).

A marcação de número nas quatro línguas étnicas africanas consultadas, com exceção do uso da partícula **ba** junto aos substantivos para indicar o plural, faz-se de forma diferente de como é feita no guineense. Nessas línguas, são as partículas que se juntam aos substantivos (seja como prefixos ou sufixos) para marcar o singular e plural, conforme segue no Quadro 13:

Quadro 13 - Quadro indicativo de como é marcado o número nas quatro línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau.

		Guineenses residentes no Brasil			
Tradução português	Pepel	Mandinga	Balanta	Mandjaku	Guineense
Meu filho	inbuku	n'din'ô	m'bi-dá	abuk-nán	nha fidju
Nossos filhos	bobukindo	n'din'olu	m'bi-bu	babuk-n'dja	no fidjus
Aquela casa	kto ku	o bun'ô	óht delé	kakub kun	ki kasa
Aquelas casas	ito iu	nhin bun'nu	k'pang de	ikub iún	ki kasas

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Como se verifica no Quadro 13, nessas línguas as partículas que estão em negrito e sublinhados são as responsáveis por indicar o singular e plural, diferentemente do que acontece no guineense, o que leva a crer que a marcação de número no guineense deve-se à língua portuguesa, com exceção de que no guineense geralmente só se marca o número em um elemento da frase e não em todos como se faz em português, no que tange ao português padrão das gramáticas e livros didáticos. Mas, diferentemente, em guineense a marcação não ocorre no primeiro elemento do Sintagma nominal, mas sim no núcleo. No português brasileiro, é gramatical: **Esses menino**, mas é agramatical ***Esse meninos**, enquanto no guineense é gramatical: **e mininus**, mas é agramatical ***essis mininu**.

5.1.2.1 Outra forma de marcar o plural no guineense

No guineense, há também outro caso de marcação do plural com a partícula **ba** que vem antecedida somente ao nome dos seres humanos, tomada como herança das línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau (INTUMBO, 2007), como segue nos exemplos 19 e 20

(19) **Ba** Fernandu tchiga. – Fernando e seu grupo chegaram.

Es i Iskola di **ba** Djon. – Com dois significados: podendo ser *a escola onde o João e seu grupo estudam / escola pertencente ao João e seu grupo*.

5.2 O quadro pronominal

A estrutura pronominal do guineense é fruto das línguas das quais ela é proveniente: o português e as línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau. Os pronomes pessoais flexionam em

número e os outros pronomes, a depender do contexto em que são inseridos, podem ou não serem flexionados.

Quanto à flexão em gênero, os pronomes no guineense não a possuem. No que concerne ao português, Margotti e Margotti (2008, p.77) afirmam que “quanto à estrutura morfológica, nomes e pronomes são muito semelhantes. Sendo assim, pronomes flexionam-se em gênero (ele → ela, teu → tua, nosso → nossa, algum → alguma, aquele → aquela etc.) e em número (você → vocês, minha → minhas, este → estes, qual → quais etc.)”.

Intumbo (2007), ao falar dos pronomes pessoais, afirma que o guineense divide os pronomes pessoais em enfáticos e não-enfáticos. Segundo o autor, “os pronomes pessoais enfáticos e não-enfáticos podem desempenhar a função gramatical de sujeito, e apenas os não-enfáticos podem desempenhar as funções de objecto directo, objecto indirecto e objecto de preposição” (INTUMBO, 2007, p .48). O linguista ainda afirma que os pronomes pessoais objeto de preposição são idênticos aos pronomes pessoais que funcionam como sujeitos enfáticos, porém, nos de objeto de preposição, o primeiro fonema é suprimido, ficando conforme se verifica no quadro 14:

Quadro 14 - Pronomes pessoais do guineense

	ENFÁTICO		NÃO-ENFÁTICOS	
	Sujeito	Sujeito	OD e OI	O Prep
Singular	<i>ami</i> (eu)	<i>n</i>	<i>n</i> (me)	<i>mi</i> (mim)
	<i>abo</i> (tu)	<i>bu</i>	<i>u</i> (te)	<i>bo</i> (ti)
	<i>el</i> (ele/ela)	<i>i</i>	<i>l</i> (o, a, lhe)	<i>el</i> (ele)
Plural	<i>anos</i> (nós)	<i>no</i>	<i>nu</i> (nos)	<i>nos</i> (nós)
	<i>abos</i> (vós)	<i>bo</i>	<i>bos</i> (vos)	<i>bos</i> (vós)
	<i>elis</i> (eles/elas)	<i>e</i>	<i>elis</i> (os, as, lhes)	<i>elis</i> (eles)

Fonte: Intumbo (2007).

O quadro 14 resume a regra de funcionamento dos pronomes pessoais no guineense, indicando quais podem funcionar como sujeito e quais podem funcionar como objeto direto e indireto ou ainda como objeto de preposição, doravante OD, OI e OPrep, caso necessário. Os exemplos a seguir, ilustram o panorama do funcionamento, podendo ou não variar em

número, no caso dos pronomes como possessivos, demonstrativos, indefinidos e interrogativos.

(20) Pronomes possessivos

1ª 2ª e 3ª do singular: **nha** – meu(s), minha(s); **bu** – teu(s), tua(s); **si** – seu(s), sua(s)

1ª 2ª e 3ª do plural: **no** – nosso(s), nossa(s); **bo** – vosso(s), vossa(s); **se** – seu(s), sua(s)

(21) Pronomes demonstrativos

e (este(s), esta(s) ou esse(s), essa(s)) – demonstrativo usado quando seguido de substantivo e, a depender do contexto comunicativo, pode indicar algo, seja no singular ou plural de acordo com a flexão em número do substantivo que o segue, que está próximo de quem fala ou de quem ouve: **e livru** (este livro); **e livrus** (estes livros).

es (este, esta ou esse, essa) e **esis** (estes, estas ou esses, essas) – possuem mesmo funcionamento do exemplificado em 21. Porém estes são usados quando o contexto comunicativo abdica do uso do substantivo, ou seja, quando não se pode usar o substantivo na oração porque o contexto já permite saber do que se trata. Observa-se que neste contexto o pronome flexiona-se em número por causa da ausência do substantivo.

ki (aquele(s), aquela(s)) – apesar de Intumbo (2007) o apontar como o que indica algo perto da segunda pessoa do discurso e masculino e singular (esse), entende-se aqui que esse pronome indica algo afastado da pessoa que fala e da com quem ele fala: **ki kamisa** (aquela camisa); **ki kamisas** (aquelas camisas).

(22) Pronomes indefinidos

Intumbo aponta somente dois: **un** (um) e **utru** (outro). Aqui, é necessário apontar mais outros, já que no guineense funcionam como pronomes indefinidos. São eles: **algun** (algum), **algin** (alguém), **ningin** (ninguém), **tudu** (tudo). Dentre os pronomes elencados como indefinidos, pode ser que haja mais outros que se deixam escapar aqui, *utru* e *algun* flexionam-se em número, podendo ser *utrus*, *alguns* para indicar plural.

(23) Pronomes interrogativos

De modo igual aos pronomes indefinidos, Intumbo (2007) parece apontar o **kal** como único e exclusivo pronome interrogativo no guineense, o que parece estar em falta porque, além do **kal** (qual, quais), o **kin** (quem), **ke** (correspondente aos *o que* e *o quê*) e **kantu** (correspondente ao *quanto* e suas variações no português). Ainda pode-se adicionar a esses pronomes o **kuma** (correspondente ao advérbio interrogativo **como** em português), pronome bastante usado para interrogação no guineense, se calhar o mais usado de todos.

5.3 Morfologia dos verbos: categorias de modo, tempo e aspecto

O sistema verbal do guineense, nesse quesito, distancia-se do sistema do português assemelhando-se ao sistema verbal das línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau. Tal fato é comprovado em alguns estudos a respeito do guineense, como o de Intumbo, segundo o qual “o sistema verbal do Crioulo Guineense apresenta uma estrutura semelhante à das línguas de substrato¹⁸, [...] especialmente no que diz respeito à ausência de marcas flexionais de pessoa, de número, de tempo, de modo e de aspecto” (INTUMBO, 2007, p.55).

Segundo Monteiro (2002, p.101), referindo-se aos verbos do português, “é através das desinências que os verbos se distanciam formalmente da classe dos nomes. Enquanto nestes existem as categorias de gênero e de número, nos verbos as desinências marcam o modo, o tempo, a pessoa e o número”, conforme se segue nos exemplos do Quadro 15, no tempo presente e imperfeito do indicativo e o imperfeito do subjuntivo do verbo louvar:

Quadro 15 - Desinências modo-tempo (DMT) e número-pessoa (DNP) do português

Rd	VT	DMT	DNP	Rd	VT	DMT	DNP	Rd	VT	DMT	DNP
louv	Ø	Ø	O	louv	a	va	Ø	louv	A	sse	Ø
louv	A	Ø	S	louv	a	va	S	louv	A	sse	s
louv	A	Ø	Ø	louv	a	va	Ø	louv	A	sse	Ø
louv	A	Ø	Mos	louv	á	va	Mos	louv	Á	sse	mos
louv	A	Ø	Is	louv	á	ve	Is	louv	Á	sse	is
louv	A	Ø	M	louv	a	va	M	louv	A	sse	m

Fonte: Monteiro (2002).

Conforme se verifica, as categorias dos verbos em português são quatro: modo, tempo, número e pessoa, mas resumem-se em dois: modo-tempo e número-pessoa, isso porque o conceito de tempo é indissociável ao do modo; e o de número indissociável ao de pessoa, isso justifica o porquê de somente existir em cada forma verbal duas desinências: a do modo-tempo e a do número-pessoa (MONTEIRO, 2002). Monteiro (2002) assim como Margotti (2008) asseveram que esses morfemas concretizam morfemas cumulativos, ou seja, acumulam funções seguindo o princípio da economia linguística observado nas línguas naturais, pois se para cada um dos significados fossem necessários morfemas diferentes, os vocábulos se

¹⁸ Para verificar com mais detalhes essa semelhança, ver Intumbo (2007).

tornariam extensos em demasia o que dificultaria de certo modo o processo comunicativo e processamento da língua pelo cérebro.

Por outro lado, os verbos em português são marcados pelas suas conjugações determinadas pelas vogais temáticas *a*, *e*, *i*, daí os verbos da primeira conjugação, os que possuem vogal temática *a* (cantar, dançar etc.), os da segunda conjugação, com vogal temática *e* (escrever, beber etc.), e os da terceira conjugação, com vogal temática *i* (partir, pedir etc.). Além dessa divisão temática, em português, os verbos também são agrupados em regulares e irregulares; os regulares são os que preservam o mesmo radical em todos os tempos da conjugação, os irregulares são aqueles que não preservam o mesmo radical (MONTEIRO, 2002).

Já no caso do guineense, em comparação com o português, os verbos, além de não possuir a forma infinitiva, possuem uma única forma em todos os tempos, ou seja, apresentam-se como verbos regulares. Outro fenômeno que diversifica o comportamento dos verbos do guineense em relação aos do português é que estes, como afirma Monteiro (2002) e Margotti e Margotti (2008), possuem desinências verbais, ao passo que aqueles não as possuem, papel desempenhado pelas partículas que se juntam ao verbo dando a ele noção de tempo, modo e aspecto, conforme aponta Intumbo (2007).

No tocante a essas três categorias verbais do guineense, Scantamburlo (2013, p.77) afirma que o sistema verbal do guineense “privilegia mais a categoria do “aspecto”, que representa a duração, o desenvolvimento, o início ou o acabamento duma acção do que a categoria do tempo”. Para certificar tal fato, a fim de tirar conclusões, faz-se necessário trazer, de antemão, algumas conjugações verbais com o intuito de observar o funcionamento das partículas verbais do guineense e de noções do modo, tempo e aspecto que eles acarretam e, em seguida, discutir essas noções.

Tais partículas, entretanto, não fornecem informações sobre pessoa e número, sendo estas fornecidas pelos pronomes pessoais citados no quadro 14 na segunda seção deste capítulo.

Com efeito, a conjugação verbal do guineense seria basicamente de seguinte maneira:

Quadro 16 - Paradigma verbal do verbo *kanta* (cantar) no modo indicativo

Presente					Pretérito perfeito				
<i>ami</i>	<i>n</i>		<u>kanta</u>		<i>ami</i>	<i>n</i>	<u>kanta</u>	dja	
<i>abo</i>	<i>bu</i>		<u>kanta</u>		<i>abo</i>	<i>bu</i>	<u>kanta</u>	dja	
<i>el</i>	<i>i</i>		<u>kanta</u>		<i>el</i>	<i>i</i>	<u>kanta</u>	dja	
<i>anos</i>	<i>no</i>		<u>kanta</u>		<i>anos</i>	<i>no</i>	<u>kanta</u>	dja	
<i>abos</i>	<i>bo</i>		<u>kanta</u>		<i>abos</i>	<i>bo</i>	<u>kanta</u>	dja	
<i>elis</i>	<i>e</i>		<u>kanta</u>		<i>elis</i>	<i>e</i>	<u>kanta</u>	dja	
Pretérito imperfeito					Pretérito mais-que-perfeito				
<i>ami</i>	<i>n</i>	ta	<u>kanta</u>	ba	<i>ami</i>	<i>n</i>	<u>kanta</u>	badja	
<i>abo</i>	<i>bu</i>	ta	<u>kanta</u>	ba	<i>abo</i>	<i>bu</i>	<u>kanta</u>	badja	
<i>el</i>	<i>i</i>	ta	<u>kanta</u>	ba	<i>el</i>	<i>i</i>	<u>kanta</u>	badja	
<i>anos</i>	<i>no</i>	ta	<u>kanta</u>	ba	<i>anos</i>	<i>no</i>	<u>kanta</u>	badja	
<i>abos</i>	<i>bo</i>	ta	<u>kanta</u>	ba	<i>abos</i>	<i>bo</i>	<u>kanta</u>	badja	
<i>elis</i>	<i>e</i>	ta	<u>kanta</u>	ba	<i>elis</i>	<i>e</i>	<u>kanta</u>	badja	
Futuro do presente					Futuro do pretérito				
<i>ami</i>	<i>n</i>	na	<u>kanta</u>		<i>ami</i>	<i>n</i>	na	<u>kanta</u>	ba
<i>abo</i>	<i>bu</i>	na	<u>kanta</u>		<i>abo</i>	<i>bu</i>	na	<u>kanta</u>	ba
<i>el</i>	<i>i</i>	na	<u>kanta</u>		<i>el</i>	<i>i</i>	na	<u>kanta</u>	ba
<i>anos</i>	<i>no</i>	na	<u>kanta</u>		<i>anos</i>	<i>no</i>	na	<u>kanta</u>	ba
<i>abos</i>	<i>bo</i>	na	<u>kanta</u>		<i>abos</i>	<i>bo</i>	na	<u>kanta</u>	ba
<i>elis</i>	<i>e</i>	na	<u>kanta</u>		<i>elis</i>	<i>e</i>	na	<u>kanta</u>	ba

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Antes de proceder à análise da conjugação verbal no guineense ilustrada no quadro 16, faz-se necessário trazer algumas ressalvas a respeito dos conceitos de modo, tempo e aspecto. No que diz respeito ao modo e tempo, embasa-se aqui no estudo de Perini (1999) e, quanto ao aspecto, leva-se em consideração o estudo de Travaglia (2016).

Segundo Perini (1999, p.257), “o modo se definiria semanticamente como caracterizando a atitude do falante frente àquilo que está dizendo”. Tempo, segundo o autor, seria toda a compreensão que se tem de localizar os enunciados em determinado momento no tempo. Travaglia (2016, p.42) define o aspecto, basicamente, como “as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração”. No entanto, o pesquisador diferencia o tempo do aspecto verbal, mostrando que o tempo (presente, passado e futuro) é

externo à situação verbal, ao passo que o aspecto é interno a essa. Com essa conceituação, parte-se agora para analisar a conjugação verbal do guineense.

Basicamente, considerando o Quadro 16, assim seria a conjugação dos verbos no guineense no modo indicativo, sendo necessária somente a troca do verbo *kanta* para outro o qual se queira conjugar. Pode-se ver que o verbo *kanta* mantém a mesma forma em todos os tempos verbais, assim acontece com todos os verbos no guineense. As partículas, com destaque em negrito, acumulam as funções do modo (no caso somente o modo indicativo)¹⁹ e do tempo verbal, sendo, também, possível através delas e do contexto comunicativo inferir o aspecto verbal, conforme será explicado detalhadamente mais adiante.

Outra ressalva que se considera aqui seria a opção de usar ou não a partícula pré-verbal *ta* no pretérito imperfeito dizendo, simplesmente, *ami n kanta ba* – eu cantava; a mesma opção pode ser feita também no pretérito perfeito, pois, em vez de dizer *ami n kanta dja* (eu cantei/eu já cantei), o falante pode optar simplesmente em dizer *ami n kanta* (eu cantei). Por fim, na fala, a omissão dos pronomes pessoais enfáticos (ver o Quadro 14 dos pronomes na seção 4.2), é marca típica do guineense, sendo estes substituídos pelas partículas que funcionam como pronomes pessoais não-enfáticos, podendo assim dizer *n kanta*, *bu kanta*, *i kanta* etc., ou seja, parece isso ser uma regra, já que não se pode abdicar dos pronomes pessoais não-enfáticos em qualquer que seja o enunciado, daí a tendência de omitir os enfáticos para evitar o pleonasma. O pronome pessoal não-enfático *n*, quando é sucedido da partícula *na*, forma crase com esta por causa da sua consoante inicial, ficando assim *na kanta*. Passa-se agora a falar das funções dessas partículas, focando na noção de tempo e de aspecto a que elas dão.

De acordo com Intumbo (2007), as partículas *ta* e *na* precedem o verbo; as outras **ba**, **badja** e, embora não listada pelo autor já que é a partícula indicadora do pretérito perfeito e de aspecto perfectivo, **dja**, sucedem o verbo. No tocante às suas funções de tempo e de aspecto (quanto ao aspecto as nomenclaturas aqui adotadas são as propostas por Travaglia (2016)) pode-se observar basicamente o seguinte em cada partícula:

- a) **Na**: no que diz respeito ao tempo, o presente do indicativo é muito vago em relação à marcação temporal. Como se observa, ele não tem a desinência modo-temporal no português,

¹⁹ As partículas em negrito no Quadro só são usadas para a conjugação verbal no modo indicativo e tempos verbais deste; conforme se verá adiante, há outras partículas usadas para a conjugação verbal no modo subjuntivo.

ou seja, temporalmente não é marcado, razão pela qual é usado para frases atemporais. No guineense, o tempo presente parece funcionar igual ao português; porém, a partícula **na**, segundo Intumbo, tem duas funções:

- (i) a de indicar ação no presente e no futuro: quanto ao presente, ela indica aspecto *não acabado ou começado*, como em ***na kanta nan*** e ***e na djuga nan***, correspondente às frases no gerúndio em português *estou cantando* e *estão jogando*;
- (ii) quanto ao futuro, a **na** marca o aspecto *não começado* como em ***i na fasi*** (ele vai fazer).

As frases **na kanta**, **e na djuga**, sem a partícula **nan**, e **i na fasi**, podem ser proferidas para indicar o momento do desenvolvimento da ação, neste caso, o contexto comunicativo é fundamental para saber se se trata da ação no momento da fala ou posterior a ela. Antes de prosseguir analisando outra partícula, vale destacar que Intumbo (2007), embasado no estudo de Peck (1988), mostra que a partícula **na** pode também situar uma ação verbal no momento anterior da fala, como na seguinte frase por ele exemplificada **N na lei aonti* (algo do tipo **estou lendo ontem*). Será isso outra artimanha dessa partícula ou uma falha de observação do Intumbo²⁰? Parece mais plausível apontar a uma falha de observação, o que cabe comprovar em trabalhos futuros.

- b) **Dja**: a partícula **dja**, provavelmente oriunda do advérbio português *já*, situa o verbo no pretérito perfeito e, quanto ao aspecto, apresenta a situação como *perfectivo* – “caracterizado por apresentar a situação como completa. Isto é, em sua totalidade” (TRAVAGLIA, 2016, p.85). Conforme já apontado, o falante também pode abdicar de seu uso no enunciado em que a noção de tempo e aspecto pode ser depreendida por meio do contexto, como segue: **n fasi dja** (eu fiz / eu já fiz) ou **n fasi** (eu fiz).
- c) **Ta**: a partícula **ta** parece desprovida da indicação do tempo do enunciado. Apresenta a situação como contínua e ilimitada, portanto, *aspecto indeterminado*, ou seja, ela marca as frases atemporais no guineense, como em **ami n ta badja** (eu danço), **elis e ta djumbai diritu** (eles divertem bem), **vida ta difisil ora ku no kata pega tesu** (a vida torna-se difícil quando não nos esforçamos). No entanto, a mesma partícula é usada para enunciados no pretérito imperfeito, junto da partícula **ba**, indicador do pretérito imperfeito no guineense,

²⁰ A partícula **na**, ao que tudo indica, parece só poder ser usada na frase que indica ação anterior ao momento da fala quando o tempo desta é indicada pela partícula **ba**, como por exemplo ***na lei ba aonti odja bu ligan*** (eu estava lendo ontemquando tu me ligaste). A mesma combinação da partícula **na** e **base** faz nos enunciados com o tempo futuro do pretérito, como em ***si n tene ba dinheru na kumpra ba kamisa*** (se eu tivesse dinheiro compraria a camisa).

para situar algo que era de duração contínua ou frequente em determinado momento no passado e que, por algum motivo, parou de acontecer no momento atual, portanto *aspecto imperfectivo*, como em **n ta kanta ba tchiu** (eu cantava muito).

- d) **Ba**: como supracitado, a partícula **ba** é a que marca a oração no pretérito imperfeito no guineense. A sua noção aspectual, é claro, caracteriza a situação como incompleta, em outras palavras, não a apresenta no seu todo, portanto *aspecto imperfectivo*, como em **n djuga ba tchiu odjan mininu** (eu jogava muito quando criança), a mesma frase, igualmente, pode ser dita com a combinação das partículas **ta** e **ba**, como em **n ta djuga ba tchiu odjan mininu**.
- e) **Badja**: a partícula **badja** resulta da junção das partículas **ba** e **dja**, ambas já descritas. Entretanto, ela situa o enunciado no pretérito mais-que-perfeito. No ponto de vista aspectual, ela apresenta a situação como perfectiva, como em **n fusi badja anti di i tchiga** (já tinha fugido antes de ele chegar), sendo a partícula **n**, a forma do pronome em primeira pessoa, a locução ‘tinha fugido’, **fusi baja**, a preposição **anti** (antes) e **di** (= prep.. de), **i** (= pron. ele), e por fim **tchiga** (= verbo chegar).

Conforme exposto, essas partículas carregam em si as categorias de modo e tempo e são por elas e pelo contexto comunicativo que é possível inferir a categoria do aspecto verbal. Como já se viu o comportamento verbal no modo indicativo, passa-se, a seguir, à descrição do modo subjuntivo.

O modo subjuntivo em guineense possui outras partículas que fazem com que o enunciado seja situado no contexto de desejo, hipótese e incerteza, seguindo a mesma noção de sentido do português. A partícula **pa** é marcador do presente do subjuntivo, o pretérito imperfeito do subjuntivo é marcado pela partícula **si** e o futuro do subjuntivo pela partícula **ora**, correspondentes ao **que**, **se** e **quando** do português, conforme segue no Quadro 17:

Quadro 17 - Paradigma verbal do verbo *bai* (ir) no modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Pa n <u>bai</u>	Si n bai ba	Ora ku n <u>bai</u>
Pa bu <u>bai</u>	Si bu bai ba	Ora ku bu <u>bai</u>
Pa i <u>bai</u>	Si i bai ba	Ora ku i <u>bai</u>
Pa no <u>bai</u>	Si no bai ba	Ora ku no <u>bai</u>
Pa bo <u>bai</u>	Si bo bai ba	Ora ku bo <u>bai</u>

Pa e <u>bai</u>	Si e bai ba	Ora ku e <u>bai</u>
------------------------	---------------------------	-----------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

No Quadro 17, um aspecto a observar é a posição das partículas **pa**, **si** e **ora**, precedidas dos pronomes pessoais não-enfáticos (ver Quadro 14). No Quadro 17, os verbos são conjugados sem a presença dos pronomes pessoais enfáticos, já que essa parece ser a regra mais comum no guineense, porém isso não quer dizer que o modo subjuntivo se conjuga somente com os pronomes não-enfáticos. Usar os pronomes enfáticos junto dos não-enfáticos nos enunciados, fazendo assim o pleonasma, fica a critério do falante. No que diz respeito às partículas, pode-se ter, salvo erro ou omissão, o seguinte:

- a) As partículas **pa** e **si** são frequentemente usadas nos enunciados em que o falante manifesta o desejo de obter algo que lhe interessa, como em **pa Deus djudan** (que Deus me ajude) ou **i misti pa n djuda utrus** (ele quer que eu ajude os outros). Os enunciados com a partícula **si**, nesse caso sem a noção temporal do pretérito imperfeito do subjuntivo, mas futuro deste manifestando um desejo ou uma condição, como em **si Deus djuda na pagau** (se quiser a Deus vou-te pagar), **si n ganha na paga pa bos** (se eu ganhar pago para vocês) ou **si i tchiga nona papia mindjor** (se ele chegar conversaremos melhor). Como exposto, a partícula **si** é usada tanto para indicar o ato possível de se realizar no futuro, função desempenhada também pela partícula **ora** conforme será apontado, quanto para indicar o ato possível de ter ocorrido no pretérito. Todavia, para indicar a ação no pretérito imperfeito do subjuntivo, a **si** teria de ser acompanhada pela **ba** no mesmo enunciado, como em **si n tene ba dinheru...** (se eu tivesse dinheiro...) e **si e bin ba sedu...** (se viessem cedo...).
- b) A partícula **ora** acompanhada da **ku** situam o ato no futuro do subjuntivo, o correspondente a **quando** em português, como em **ora ku n durmi...** (quando eu dormir...) e **ora ke²¹ passa la e na tchomau** (quando eles passarem aí vão te chamar).

Quanto ao modo imperativo, seria mais plausível afirmar que se infere mais por meio do contexto comunicativo e de aspecto verbal, o que poderia confirmar o que foi dito pelo Scantamburlo (2013). Assim, uma ordem, um pedido ou uma exortação depreendem-se mais pela entonação do locutor. Geralmente, quando é a ordem, o locutor tende a falar com uma voz mais alta e firme como em **Bale, bai dipresa** (Bale, vai depressa); quando é o pedido,

²¹ Nesta frase, a partícula **ku** transformou-se em **ke** porque houve a crase resultante da fusão da vogal **u** na partícula **ku** com o pronome não-enfático da terceira pessoa do plural **e**. há falantes também que preferem não fazer crase, dizendo **ku e** ao invés de **ke**.

esse tende a falar usando uma tonalidade mais baixa e, por vezes, usando a expressão de cortesia como **tempasensa** (proveniente da forma portuguesa *tenha paciência*, mas no guineense configura-se como a expressão *por favor*), a exemplo pode-se ter **Adriano, tempasensa bai kumpran vela** (Adriano, por favor vá me comprar a vela).

5.4 Estrutura sintagmática: predicadores e seus argumentos

O guineense, à semelhança de qualquer língua humana, possui orações divididas em termos que podem ser analisados sintaticamente segundo suas funções desempenhadas dentro da estrutura oracional, chamada estrutura sintagmática. Assim como em português, a ordem canônica da oração no guineense estrutura-se em sujeito, verbo e predicado, como em (25):

(24) Karlus bindi si karu (Carlos vendeu seu carro).

em que o sujeito é *Karlus*, verbo *bindi* e como complemento (no caso objeto direto) *si karu*.

Quanto ao português, a gramática tradicional divide os termos da oração em três: os essenciais, integrantes e acessórios. No entanto, conforme questiona Duarte (2011), tal divisão traz consigo, de certa forma, um equívoco que induz ao erro de pensar que os termos essenciais (sujeito e verbo) são mais importantes na oração do que termos integrantes (complementos) e estes mais importantes do que acessórios (adjuntos), quando, na verdade, todos eles são importantes e contribuem para formar uma oração compreensível. Igualmente, a autora também questiona o fato de as gramáticas normativas assinalarem que a análise sintática parte do sujeito aos outros elementos.

Segundo Duarte (2011, p.186), “quando se tem como propósito descrever e entender a estrutura da oração é mais razoável olhar para o elemento nuclear que dá origem à oração, o “predicador”, e tratar o “sujeito” como um entre os vários termos articulados com esse predicador”. Isso porque são esses predicadores – verbais, nominais e verbo-nominais – os elementos que projetam a estrutura oracional. Da mesma maneira, a análise sintática a ser feita no guineense leva em consideração o predicador, seja ele verbal ou nominal, como sendo o projetor da estrutura oracional, em outras palavras, seguirá os passos do estudo de Duarte (2011). Em razão dos limites deste trabalho, opta-se somente por analisar a estrutura das orações comandadas pelo predicador verbal e predicador nominal.

No que diz respeito ao predicador verbal, no português, verifica-se que os verbos selecionam até no máximo três argumentos, sendo um externo (sujeito) e dois internos (os complementos). Há verbos que selecionam para estrutura oracional três argumentos como *dar*, *dividir* e *levar*; há os que selecionam dois: *matar*, *interessar* e *morar*; há os que selecionam somente um argumento: *morrer* e *haver*; e há, por fim, os que não selecionam nenhum argumento: *chover*, *nevar*. Quanto aos que selecionam três argumentos como, por exemplo, o verbo *dar*, diz-se que “alguém deu alguma coisa a alguém” - *ele deu o dinheiro aos pobres*. Tem-se como argumento externo *ele* (sujeito) e como argumentos internos dois complementos: o objeto direto (o dinheiro) e objeto indireto (aos pobres), assim acontece com outros verbos de acordo com o número exato dos argumentos que cada um seleciona.

No guineense, em comparação com o português, pode-se dizer que o predicador verbal seleciona, igualmente, até no máximo três argumentos, os quais podem ser externo (sujeito) e internos (complementos). Para tanto, e ao que tudo indica, há verbos no guineense que, igualmente, selecionam três argumentos: **da**, **dividi**, **leba** (dar, dividir, levar); há também os que selecionam dois argumentos: **mata**, **mora**, **fia** (matar, morar, confiar); e há os que selecionam um argumento: **muri**, **tchiga** (morrer, chegar), conforme se tratará adiante.

5.4.1 *Argumento externo: sujeito*

O argumento externo selecionado pelo predicador é geralmente um sujeito da oração (DUARTE, 2011). A ordem canônica do sujeito no guineense, assim como no português, é anteposta ao verbo. Conforme já apontado, os verbos no guineense mantêm a mesma forma em todas as conjugações, sendo as partículas os responsáveis pela indicação do tempo, modo e aspecto, por isso, o sujeito não concorda com o verbo e nem com as partículas verbais em número. Sabe-se se a oração se refere ao singular ou plural porque o número é marcado por meio dos pronomes pessoais enfáticos e não-enfáticos (ver Quadro 14) que funcionam como sujeito ou pela partícula **ba** quando antecede o sujeito da oração ou ainda pelo substantivo, como em (25), (26) e (27).

- (25) N na djuga amanhã (eu jogarei amanhã)
- (26) **Mininus** na djuga amanhã (os meninos jogarão amanhã).
- (27) **Ba** Paulo kume dja (Paulo e seus amigos já comeram).

Na língua portuguesa, o sujeito da oração tradicionalmente é classificado como simples, composto, oculto, indeterminado e inexistente²². Tal classificação do sujeito é criticada por Duarte (2011) e Sautchuk (2010), o que não cabe a esse estudo discutir no momento, porém, cabendo aqui falar da classificação do sujeito no guineense estabelecendo uma comparação com o português.

No tocante à *classificação do sujeito* no guineense, ele também, à semelhança do português, pode ser *simples* e *composto* – apesar desta classificação não possuir relevância como aponta Duarte (2011) –, como em (28) sujeito simples e (29) sujeito composto:

- (28) **Alfredu** furta nha dinheru (Alfredo roubou meu dinheiro).
 (29) **Isnaba** ku **Mateus** bin aonti (O Isnaba e Mateus vieram ontem).

Quanto ao *sujeito oculto*, parece ter mais sentido afirmar que não existe no guineense, porque a própria estrutura verbal (sem desinências de número-pessoa) não permite que isso aconteça, diferentemente do português em que o sujeito oculto se depreende por meio das desinências verbais. Portanto, é mal formada a frase **lei aonti* sem a presença de um substantivo ou pronome pessoal, seja ele enfático ou não-enfático, que indicariam o sujeito e, por conseguinte, bem formada a frase *n lei aonti* (eu li ontem) com a presença do pronome indicando o sujeito. Ou seja, no guineense, o pronome-sujeito é necessário estar expresso na estrutura oracional.

O *sujeito de referência indeterminada* no guineense não é referenciado por meio do pronome *se* como ocorre em português. Há orações em português em que o *se* é usado junto ao verbo para indeterminar o sujeito que realmente é desconhecido ou cuja identidade o locutor quer manter em sigilo (DUARTE, 2011; SAUTCHUK, 2010), como em **não se usa mais máquina de escrever**, há também orações em que o *se* funciona como *pronome apassivador*, orações conhecidas como de *voz passiva sintética* em que o argumento interno funciona como sujeito da oração, como em **vendem-se blocos**, em que *blocos* funciona como sujeito da oração na voz passiva analítica (Blocos são vendidos), daí a necessidade de indeterminar o sujeito.

No guineense, a indeterminação do sujeito ocorre de forma diferente do português. Geralmente, faz-se usando o pronome pessoal não-enfático de terceira pessoa do plural, o *e*,

²² Ver Sautchuk (2010) e Duarte (2011).

acompanhado da partícula *ta* que apresenta a situação como sendo de duração contínua, conforme citado na seção sobre o aspecto verbal (5.3). No entanto, o pronome não-enfático *e* nas orações em que o sujeito é indeterminado parece desprover de sua carga semântica de pessoa, servindo simplesmente para indeterminar sujeito como em (30):

(30) **E ta** bindi kamas li²³ (vende-se camas aqui).

O guineense, diferentemente do português, parece não possuir oração na *voz passiva sintética*. O argumento interno na *voz passiva sintética* no português funciona como sujeito, no guineense prefere-se colocar esse argumento interno logo na posição do argumento externo (sujeito), tendo assim a oração na voz passiva analítica, como em (31):

(31) **Blokus ta** bindidu li (os blocos são vendidos aqui).

Por fim, a próxima seção trata dos verbos que selecionam somente um argumento, externo. Faz parte desses verbos os de fenômenos da natureza, fato que indica ser plausível dizer que não há orações sem sujeito no guineense.

5.4.1.1 *Argumento externo com verbos de fenômenos da natureza*

Os verbos de fenômenos da natureza no português não selecionam nenhum argumento, seja externo ou interno, por isso são verbos que formam orações sem sujeito nessa língua (DUARTE, 2011). No guineense parece não haver oração sem sujeito, pois tudo leva a crer que não há verbos que não selecionam nenhum argumento. Nele, os verbos relacionados aos fenômenos da natureza, a exemplo do verbo **tchubi** (chover) e outros enquadram-se nos grupos dos verbos que selecionam um argumento, conforme os exemplos de (32) a (34) em que cada argumento externo selecionado pelo verbo está sublinhado:

(32) **Tchuba** tchubi (choveu).

(33) **Nevi** kai (nevou).

(34) **Sol** mansi (amanheceu).

²³ Essa mesma oração pode ocorrer em uma situação em que o contexto comunicativo permite inferir que o pronome *e* é o sujeito da oração (eles). Neste caso, isso só é possível numa situação em que o interlocutor está a responder à pergunta de seu locutor, como em **Monteru ku Vasco ta bindi kamas li?** (Monteiro e Vasco vendem camas aqui?) **Sim, e ta bindi kamas li** (sim, eles vendem camas aqui).

Conforme se observa, a tradução literal das frases com os verbos de fenômenos da natureza seria assim em (32) **a chuva choveu**, sendo o sujeito **tchuba** (chuva) e o verbo **tchubi** (choveu); (33) **a neve caiu**, sendo o sujeito **nevi** (neve) e **kai** (cair); (34) **o sol amanheceu**, tendo como sujeito **sol** e verbo **mansi** (amanhecer). Essas construções possivelmente devem-se pelo fato de que os falantes guineenses acreditassem que, por exemplo, se está a chover é porque alguma coisa está a chover, por isso a razão de haver essa coisa como sujeito; a neve finalmente cai do céu para a terra, talvez seja este o motivo dos falantes dizerem a frase (33); por fim, o sol, na frase (34), toma o sentido do dia no guineense, por isso ouve-se **sol mansi** e **sol noti** (este com significado de *anoiteceu*).

Outro ponto a ser esclarecido é o fato de que o guineense parece não usar os artigos/determinantes **o**, **os**, nem a preposição **a**. Os sintagmas acompanhados por esses determinantes no português aparecem no guineense sem os tais, como em (26): **Mininus** na djuga amanha (os meninos jogarão amanhã); e (29): **Isnaba** ku **Mateus** bin aonti (O Isnaba e o Mateus vieram ontem). O mesmo também se identifica no uso da preposição **a** que é trocada pela forma sincopada da preposição para, **pa** no guineense, conforme exemplificado no quadro 20.

Relativamente ao guineense, os verbos de fenômenos da natureza nas línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau também selecionam o argumento externo, o que leva a crer que se trata da influência dessas línguas no guineense.

5.4.1.2 – *Predicador nominal e verbos de ligação*

O predicador nominal no guineense também seleciona os argumentos que podem ser externo e internos. Entretanto, foca-se no argumento externo selecionado pelo predicador nominal de (36) a (38):

(35) Mateus **djiru** (Mateus é inteligente).

(37) Jon **kumpridu** (João é alto).

(38) Jon i **prezidenti**²⁴ (João é presidente).

²⁴ A palavra presidente é pronunciada de duas maneiras no guineense levando em consideração a variação diafásica e nível de escolaridade: ouve-se a pronúncia **prezidenti** com o som fricativo alveolar vozeado [z] nas falas dos falantes mais novos e dos escolarizados; no entanto, a mesma palavra é pronunciada

Os exemplos (36), (37) e (38) têm como predicadores nominais as palavras **djiru**, **kumpridu** e **prezidenti**. Segundo Duarte (2011, p.61), são predicadores do sujeito “porque são esses nomes (substantivos e adjetivos) os responsáveis pela projeção da estrutura sentencial”. Isso porque, quando se tem *djiru* (inteligente), *kumpridu* (alto) e *prezidenti* (presidente), é porque alguém ou alguma coisa possui estas características, esse alguém ou coisa, neste caso, é o argumento externo selecionado por esses predicadores nominais.

Observa-se também que nas frases (36) e (37), diferentemente das do português, há a ausência do verbo de ligação que ligaria o predicador ao seu argumento externo; na frase (38), faz crer que o **i** que liga o predicador *prezidenti* ao seu argumento externo *Jon* não é o pronome não-enfático da terceira pessoa do singular, já que no guineense há construções como **elis i mindjoris** (eles são melhores) e **abos i mindjoris** (vós sois melhores/vocês são melhores). Porém, tudo indica que é outra forma do verbo **ser** no guineense, podendo possuir a forma **sedu** (**ami n sedu** – eu sou) ou **i** a depender do contexto comunicativo, sendo aquela usada nas frases em que os pronomes pessoais não-enfáticos são obrigatoriamente usados como em **n sedu** (eu sou) e **e sedu** (eles são) e esta usada nas frases em que se abre mão, embora raro, dos pronomes pessoais não-enfáticos, principalmente quando um substantivo com valor do adjetivo é predicador nominal, como em (38).

Porém, para Intumbo (2007, p.61), os adjetivos nas frases (36) e (37) seriam considerados como verbos, no caso verbos adjetivais. Segundo o autor, “o conceito tradicional de adjetivo enquanto palavra que modifica os nomes não é aplicável na sua totalidade ao crioulo guineense [...]. No crioulo guineense, os adjetivos que designam qualidades básicas, tais como os estados físicos e/ou emocionais, as cores, têm propriedades verbais”. Logo pode-se presumir, com o estudo de Intumbo, que o guineense seria a língua em que não há predicadores nominais. Tal ponderação não seria devido ao fato de que é provável que o pesquisador tenha feito sua observação a partir do sujeito, tal como propõem as gramáticas tradicionais, e não a partir dos predicadores, sejam eles verbais, nominais ou verbo-nominais? Não seria este o fato de dar mais importância aos chamados termos essenciais da oração (sujeito e predicado) em que obrigatoriamente eles não podem faltar dentro de uma estrutura oracional?

prezidenti como somfricativo alveolar desvozeada [s], como é geralmente a tendência no guineense, pelos falantes mais velhos e menos escolarizados.

Senão, veja-se, considerando os predicadores como projetores da estrutura sentencial e, portanto, sujeito como um dos argumentos selecionados por esses predicadores, seria mais plausível dizer que no guineense quando um adjetivo é predicador do sujeito, ou seja, projetor da estrutura sentencial, não se usa verbo de ligação como em (36) e (37) e em **n kontenti** (estou feliz), e **kasa garandi** (essa casa é grande), **ki kama largu** (aquela cama é larga); e quando um substantivo com valor do adjetivo é predicador do sujeito, ou seja, projetor da estrutura sentencial, usa-se verbo de ligação como em (38) e em **Julianu i sekretariu** (Juliano é secretário), **Adonai i djugadur** (Adonai é jogador).

Salienta-se que o fato de o guineense em certas sentenças abrir mão dos verbos de ligação e aceitar a estrutura sentencial sem estes verbos e, portanto, configurar-se como língua que nem sempre precisa deles para formular uma sentença, poderia ser explicado pelo próprio estatuto dos verbos de ligação, desprovidos de carga semântica (DUARTE, 2011). Essa é a característica que também se identifica em algumas, se calhar todas, línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau (INTUMBO, 2007). De modo diferente do guineense, o português é a língua que precisa de um verbo para formar a estrutura sentencial, portanto atribuindo-lhe a marca de tempo, número, pessoa, modo e caso nominativo ao sujeito, razão pela qual se usam os verbos de ligação nas orações (DUARTE, 2011).

5.4.1.3 Argumentos internos: os complementos verbais

A influência do português no guineense pode ser observada no léxico assim como na estrutura gramatical. A influência gramatical do português no guineense se observa, sobretudo, na construção sintática, como se segue nos exemplos comparativos entre português, guineense e algumas das línguas africanas da Guiné-Bissau, tais como pepel, mandinga, balanta e mandjaku.

O verbo comer é transitivo direto, portanto, seleciona dois argumentos, sendo um externo e um interno. No guineense e nas línguas étnicas africanas consultadas neste trabalho, esse verbo comporta da mesma forma como se observa no Quadro 18:

Quadro 18 – Estrutura oracional com verbo *kume* (comer) e seus argumentos

	Pessoa	Partícula de tempo	Verbo	Complemento	
Português	João		Comeu	quatro	Mangas

Guineense	Djon		kume	kuatru	mangu
Pepel	Djon		de (comer)	maghi (manga)	Makir (quatro)
Mandinga	Djon	Ye	duto (manga)	nani (quatro)	domo (comer)
Balanta	Djon		womn (comer)	mangu (manga)	tasla (quatro)
Mandjaku	Djon		ad'hé (comer)	kfalad (manga)	kbákr (quatro)

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

No Quadro 18, a ordem de colocação dos constituintes da oração com o verbo *comer* segue a mesma lógica no português e no guineense, com um numeral anteposto ao substantivo *manga*. No entanto, essa mesma lógica não é seguida nas línguas étnicas africanas, isso porque, nessas línguas, os determinantes (pronomes demonstrativos, possessivos, numerais etc.) vêm seguidos do sujeito, o que dá indício de que, nessas construções, o guineense tomou como herança a língua portuguesa; além disso, pode-se observar também que nessas línguas a ordem de constituintes não segue a mesma lógica do português e guineense: sujeito, verbo e predicado; razão pela qual coloca-se entre parênteses no Quadro (18) e nos que seguem, em português para se ter noção da ordem da colocação dos seus constituintes.

Quanto ao argumento interno **kuatru mangu** (em guineense) selecionado pelo verbo comer, sabe-se que é um *objeto direto* (doravante OD) primeiramente porque não “é regido de preposição e recebe do verbo caso acusativo, tem o papel semântico de paciente ou tema e pode ser substituído pelo pronome oblíquo (ou clítico acusativo)” (Duarte, 2011, p.188). No guineense, esse objeto direto seria substituído pelo pronome não-fático OD²⁵ *elis* como em **Jon kume elis**.

O verbo *pati* (doar) é bitransitivo, ou seja, além do argumento externo, seleciona dois argumentos internos, sendo o primeiro *objeto direto* e segundo *objeto indireto* (doravante OI). A construção oracional com o verbo **pati** no guineense pode ser feita de duas maneiras, conforme mostra o Quadro 19:

Quadro 19 – Estrutura oracional com o verbo *pati* (doar) e seus argumentos

	Pessoa	Partícula tempo	Verbo	Complementos	
Português	Lucas		doou	o dinheiro	ao Mateus

²⁵ Ver o quadro pronominal do guineense na seção 5.2, Quadro 14.

Variante 1 do guineense	Lukas		pati	Dinheru	pa Mateus
Variante 2 do guineense	Lukas		pati	Mateus	Dinheru
Pepel	Lukas		al (doar)	Mateus	onsam (dinheiro)
Mandinga	Lukas	Ye	Mateus	so (oferecer)	kodola (dinheiro)
Balanta	Lukas		n' nha (oferecer)	Mateus	fi-bés (dinheiro)
Mandjaku	Lukas		at'hén (oferecer)	Mateus	unsám (dinheiro)

Fonte: Dados da pesquisa

No Quadro 19, o verbo selecionou dois argumentos internos (os complementos): o primeiro é um OD por possuir as características já apontadas; o segundo **pa Mateus** é um OI porque é, segundo Duarte (2011, p.188), “um termo regido de preposição [...] cujo papel semântico é o de beneficiário, alvo ou fonte de uma ação, que tem geralmente o traço semântico [+animado] e pode ser substituído na escrita padrão pelo pronome oblíquo *lhe*”, no caso do guineense, pode ser trocado pelo pronome não-enfático OI *l* como em **Lucas pati_i dinheru**. Todavia, tal OI pode trocar de posição e, quando isso acontece, vem sem preposição no guineense. Já no caso das línguas étnicas africanas, o OI sucede o verbo (com exceção da língua mandinga em que é anteposto ao verbo) e sem preposição, o que se pode levar a induzir que a segunda variante no guineense tem sua influência nessas línguas. A ocorrência de cada uma dessas duas variantes no guineense não depende do contexto, ou seja, cada uma pode ocorrer em qualquer contexto comunicativo e a depender do idioleto do falante.

O Quadro 20 mostra a estrutura oracional com o predicador verbal *gosta* (*gostar*) e seu argumento interno regido pela preposição *di*:

Quadro 20 - Estrutura oracional com o verbo *gosta* (*gostar*) e seus argumentos

	Pessoa	Partícula de tempo	Verbo	Complemento	
Português	Almeida		gostava	de	estudar
Guineense	Almeida	gosta (verbo)	ba (partícula)	di	istuda
Pepel	Almeida	bi (partícula)	djeu (verbo)	n'gun	istudar
Mandinga	karaum (escola)	diata (gostar)	Almeida	yele (partícula)	num (partícula)
Balanta	Almeida		maké (gostava)	nhiti (de)	lambé (estudar)
Mandjaku	Almeida	adôh (partícula)	n'hal (gostar)		pdjuk (estudar)

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

No Quadro 20, o predicador verbal selecionou um argumento interno **di istuda** regido pela preposição *di*. Contudo, o fato de esse argumento ser regido pela preposição não faz dele um OI, isso porque não pode ser substituído pelo clítico *lhe* ou pronome não-enfático OI *l* no guineense. Além disso, é desprovido do papel semântico de beneficiário, alvo ou fonte, também não é obrigatório que ele tenha o traço [+animado], por isso, ele é um *complemento relativo*, assim como no português, apesar de as gramáticas tradicionais o chamarem de OI mesmo sem tais características, salvo a de Rocha Lima (1985).

Quanto à ordem de colocação da partícula no pretérito imperfeito do indicado, no guineense, esta é colocada na posição pós-verbal e, nas línguas étnicas africanas, essa colocação não segue exatamente a mesma lógica, como se verifica no Quadro 20. Alterar essa ordem corresponderia à má formação das orações nessas línguas.

No guineense, há duas formas de dizer a frase “**eu vou para Bissau**”: *ami na bai pa Bissau / ami na bai Bissau*. Essas duas formas devem-se ao português e às línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau e são aceitas (Quadro 21). A primeira variedade sintática, “*ami* (eu) *na* (partícula que indica ação no presente e no futuro) *bai* (verbo) *pa* (forma sincopada da preposição para) *Bissau*”, tem sua influência no português, com a presença da preposição **para** junto da palavra **Bissau**, para indicar finalidade ou direção. A segunda variedade sintática, “*ami na bai Bissau*”, tem sua influência nas línguas africanas, sem a preposição. Uma construção sintática desse tipo, sem preposição, seria assim nas línguas étnicas africanas:

Quadro 21 – Estrutura sintática com o verbo *bai* (ir) e seus argumentos

	Pessoa	Partícula de Tempo	Verbo	Complemento	
Português	Eu		vou	para	Bissau
Variante 1 guineense	N	na	bai	pa	Bissau
Variante 2 guineense	N	na	bai		Bissau
Papel	n'dji	o	Ia		k'bau

Mandinga	N'bi		tala		Bissao
Balanta	N	ka	toa		Psau
Mandjaku	n'dji	di	Ia		Bs'au

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Nos exemplos tem-se como predicador verbal o verbo **ir** que seleciona dois argumentos. O verbo *ir*, neste caso, é transitivo indireto, portanto, exige preposição para estabelecer uma relação de regência com seu complemento. Em se tratando do português, essa preposição, geralmente na fala ou escrita mais formal, seria **a** que também pode ser trocada pela preposição **para**, principalmente no português contemporâneo. Percebe-se que o complemento **pa Bissau**, argumento interno, embora considerado pelas gramáticas tradicionais como adjunto adverbial, portanto termo acessório, é um *complemento circunstancial*, uma vez que dele não se pode abrir mão na estrutura oracional (DUARTE, 2011).

O uso, ou não uso, da preposição na frase no Quadro 21 é opcional, conforme já apontado, porém há orações no guineense em que o uso da mesma preposição é obrigatório como segue no Quadro 22. Ressalta-se também que o argumento interno **pa Maria** é, assim como o do Quadro 21, *complemento circunstancial*.

Quadro 22–Estrutura oracional com o verbo *kanta* (cantar) e seus complementos

	Pessoa	Partícula de tempo	Verbo	Complemento	
Português	eu		canto	para	Maria
Guineense	N	Ta	kanta	pa	Maria
Pepel	n'dji (eu)	djaka (partícula)	ie (verbo)	par (preposição)	Maria
Mandinga	ngha (eu)	denkilo (música)	la (cantar)	Maria	ye (para)
Balanta	M	ma (partícula)	rip (cantar)		Maria
Mandjaku	d'dji	dja (partícula)	kahéiar (cantar)		Maria

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

Ademais, conforme se demonstrou neste capítulo, foram descritos quatro aspectos morfossintáticos: os nominais (gênero e número), o quadro pronominal, morfologia dos verbos e estrutura sintagmática. Desse modo, observa-se que a marcação do gênero no guineense se diferencia da do português, igualando-se à das línguas étnicas, ao passo que a do número é mais sintático (relacional) do que morfológico (estrutural). Quanto ao quadro

pronominal, pode-se verificar que o guineense foi influenciado pelas línguas das quais é proveniente. A morfologia dos verbos aponta para uma semelhança maior à das línguas étnicas africanas, enquanto que sua estrutura sintagmática mostra que o guineense está no meio a receber influência do português e línguas africanas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão feita neste trabalho, com efeito, permite tirar algumas conclusões relevantes a respeito do guineense. A primeira seria que o guineense, assim como qualquer língua humana, surgiu de forma natural e por meio do contato entre línguas e povos diferentes, com o intuito de os unir linguisticamente nas suas transações comerciais e de outra natureza. Porém, deixa clara, também, a inadequação do uso do termo “crioulo” para denominar a língua falada por um povo, pois isso alimenta a ilusão da superioridade de um povo sobre outro e remete ao longo processo de dominação, marcado a partir da Expansão Europeia do século XV.

No tocante aos aspectos linguísticos, pode-se observar que o guineense está no meio entre o português e línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau, recebendo de igual modo a influência dos aspectos linguísticos destas línguas e, por conseguinte, adequando-os às suas regras de funcionamento. Os aspectos fonético-fonológicos, os metaplasmos, evidenciam a expressiva redução que as palavras sofreram em sua passagem do português para o guineense, como resultado de um processo de transmissão linguística irregular ao qual seus falantes foram submetidos nos primeiros momentos de sua formação. Quanto aos aspectos morfossintáticos, constata-se a presença da influência de línguas das quais o guineense é proveniente (a língua do dominador e do dominado), no entanto, os dados e a discussão apontaram para uma influência maior das línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau neste quesito.

Outra conclusão que se pode tirar por meio do que é discutido neste trabalho e comprovado por dados da pesquisa, é que é certo afirmar que o português é a base do guineense porque, além da significativa hegemonia das suas palavras, o guineense também conta com uma herança considerável da estrutura gramatical do português, o que opõe ao velho discurso, inclusive alimentado e propagado por alguns pesquisadores, de que a estrutura vocabular do guineense veio do português ao passo que a sua estrutura gramatical veio das línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau.

Pode-se concluir também que o guineense, assim como toda língua humana, está em um processo de mudança de forma contínua à medida que a sociedade onde é falada muda, despreendendo-se de sua modalidade antiga e reaproximando-se a cada vez mais a sua língua

base, o português, o que cedeu lugar ao chamado guineense moderno, presente mais na fala da camada juvenil e letrada.

Por fim, ressalta-se a necessidade de uma gramática de cunho descritivo de uso do guineense, pois a sua falta leva os seus estudiosos a recorrerem sempre à do português para descrevê-lo, o que de certa forma pode induzir ao erro de observação, visto que se trata de línguas diferentes. Por outro lado, a necessidade de construir uma gramática descritiva do guineense aponta, primeiramente, e, sobretudo, para a necessidade de um estudo com a finalidade de elaborar um Atlas Linguístico (que seria o primeiro) do guineense, pois, com a documentação desses dados linguísticos, será possível a elaboração de trabalhos de descrição sociodialeológica da língua em uso, o que pode subsidiar a elaboração de gramáticas, dicionários e escrita como base sólida para os estudos vindouros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. M. S. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. In: ALMEIDA, M. M. S.; COX, M. I. P. (Orgs). **Vozes Cuiabanas**: estudos linguísticos em Mato Grosso. 1. ed. – Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. – 1ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1920.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. – Londrina: Ed. UEL, 2001.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. – São Paulo: Publifolha, 2013.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**: Revista de Linguística. UNESP, São Paulo, 40: 27-46 1996.

BISOL, L. A Simetria no Sistema Vocálico do Português Brasileiro. **Linguística**: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v.5, p.41-52, 2010.

BRANDÃO, S. F. Concordância nominal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2.ed, 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011. pp. 57-83.

BULL, B. P. **O crioulo da Guiné-Bissau**: filosofia e sabedoria. 1ª ed., Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1989.

CÁ, I. N.; RÚBIO, C. F. **O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, n (58.1): 389-421, jan./abr. 2019.

CARDOSO, H. L. **Vocabulário pepel**. Bissau: Ed. Do autor, 8 p, 1901.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. **Gramática histórica**: para o 2.º grau e vestibulares. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.

CASTRO. Y. P. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2005.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. **CV phonology**: A gerative theory of. The syllable. Cambridge, Mass: The Mit Press, 1983.

CORRÊA. R. A. T. **Estereótipo, estigma e preservação de faces**: a realização africada de oclusivas alveolares seguidas de glide palatal em uma comunidade escolar de Aracaju/SE. Caderno Seminal Digital Especial, nº 30, v.30, 2018.

COSTA, P. M. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. 218p. 2014. Dissertação. Curso de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, H. H. **O componente nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau: um caso de extrassilabidade?** *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.31, n.2, p.119-128, 1996.

COUTO, H. H. **O crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas**. *Linguística*, v.29, n.1, p.107-121, 1989.

COUTO, H. H.; MELLO, M. A. C. R. **Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau**. *PAPIA* 19, p. 69-79, 2009.

CUMPRI, M. L. **Algumas reflexões sobre léxico e gramática**. *Entrepalavras*, Fortaleza – ano 2, v.2, n.1, p.41-50, jan/jul 2012.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DELAFOSSÉ, M. **La langue mandingue et ses dialectes (malinké, bambara, dioula)**. Paris: Librairie orientale Paul Geuthner, 1929.

DEWULF, J. E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. P. 305-312.

DUARTE, M. E. Termos da oração. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011. pp. 185-303.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J.; MEVEL, J. **Dicionário de linguística**. Tradução de Barros, F. P.; FERRETTI, G. D.; SCHMITZ, J. R.; CABRAL, L. S.; SALUM, M. E. L.; KHEDI, V. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.

GALEA, D. E. S.; WERTZNER, H. F. **Comparação entre onset e coda silábica durante a aquisição fonológica**. In: *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. Vol. 15, nº 1, São Paulo, 2010.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental metrical phonology**. Oxford: Brasil Blackwell, 1990.

GOMES, C. C. **Língua balanta**. UnB, 1994.

GOMES, C. C. **Estrutura silábica da língua balanta**. UnB, 1994.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

INTUMBO, I. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. 139p. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva) - Faculdade de letras da universidade de Coimbra. Coimbra, 2007.

JOTA, Z. S. **Dicionário de linguística**. Rio de Janeiro, Presença, 1976.

LABOURET, H. **La langue des peuls ou foulbe**. Dakar: Mémoire de l'institut Français d'Afrique Noire, n.16-XI, 1967.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 295-318.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. Crioulística. In: FERRAREZI J. C.; MOLLICA, M. C. (Org.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 73-85.

MARGOTTI, F. W. **Morfologia do português**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. Terceira Edição, Curitiba: HD Livros, 1996.

MATEUS, M. H. M.; RODRIGUES, C. **A vibrante em coda no português europeu**. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante_em_coda.pdf. Acesso em 05/02/2020.

MENDONÇA, R.A **Influência africana no português do Brasil**. Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. Brasília, FUNAG, 2012.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia Português**. 4ª edição revista e ampliada. -Campinas: São Paulo, 2002.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1, 9. ed. rev. - São Paulo: Cortez, 2012.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões. 2 ed. 1953.

OLIVEIRA, M. A.; SILVA, T. C. **Variação do "r" Pós-Consonantal no Português Brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária**. Letras de Hoje. Porto Alegre, Vol. 37, p. 25-47, março 2002.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4.ed. – São Paulo: Ática, 1999.

PETTER, M. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

RENNICKE, L.; MARTINS, P. T. **As realizações fonéticas de /R/ em português europeu: análise de um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico**. Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, P.509-523, 2013.

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. Alfa, São Paulo, 28 (supt.), p.45-69, 1984.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 25. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

ROMANO, V. **Atlas geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012.

ROMANO, V. P. Balanço Crítico da Geolinguística Brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n.2, 2013, p. 203-242.

ROMANO, V. P. Percurso histórico-metodológico da Geolinguística. **Papéis**, Campo Grande, Vol. 18, n. 3, 2014, pgs. 135 a 153

ROMANO, V. P; SEABRA, R. D. P[e]neu, ad[e]vogado e af[e]tosa: o abaixamento das vogais suarabáticas nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 20/1, p.276-306, abr. 2017.

ROCHA, R. C. F. **Fonética da língua mandinga**. UnB, 1994.

ROCHA, R. C. F. **Estrutura silábica da língua mandinga**. UnB, 1994.

ROUGÉ, J. L. A formação do léxico dos crioulos portugueses da África. **PAPIA**, v.15, p.7-17, 2005.

SARAMAGO, J. Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e Galícia. **Estudis Romànics**. Vol. XXVIII, 2006, p. 281-298.

SANDALO. M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIN. F.; BENTES. A. C. (Orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 9. ed. ver. – São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, A. M. O. **As “africadas baianas” em Sergipe e Alagoas**: Um estudo a partir dos dados do projeto ALiB. Mestrado em Língua e Cultura. Dissertação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SAUTCHUCK, I. **Prática de morfossintaxe**: como e por que aprender análise (morfo)sintática. 2.ed. – Barueri, SP: Manole, 2010.

SCANTAMBURLO, L. **Dicionário do Guineense**: vol. I: Introdução e notas gramaticais. Lisboa: Colibri / FASPEBI, 1999.

SCANTAMBURLO, L. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português**: o ensino bilíngue português-crioulo guineense. 371p. Tese (Doutor em Linguística, especialidade de Lexicologia, lexicografia e terminologia) - Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013.

SCARAMUCCI, M. V. R. **O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: foco no produto e no processo**. 345p. 1995. Tese (Doutor em Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

SILVA, T. C.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO K. **Revisando a palatalização no português brasileiro**. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p.59-89, jul./dez. 2012.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

TIMBANE, A. A.; CÁTIA, M. O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? Embate sobre os conceitos. *Revista de Letras Juçara*, Caxias – Maranhão, v. 02, n. 02, p.107-126, dez. 2018.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5. ed. – Uberlândia: EDUFU, 2016.

APÊNDICE A**EXTRATO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (EQF)**1. **MACHO**

Qual o contrário de fêmea?

2. **ENSAIO**

Quando uma banda musical prepara para poder cantar no dia seguinte diz-se que eles estão a fazer o quê?

3. **MANTEIGA**

Como se chama aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?

4. **ANULAR**

O presente ano letivo em Guiné-Bissau está prestes a não terminar, logo falamos que esse ano letivo vai ser o quê?

5. **MENINO**

Como chamamos na Guiné-Bissau uma pessoa que não tem idade ainda de ser jovem, ou seja, aquele a quem os mais velhos precisam cuidar?

6. **VASSOURA**

Qual é o nome daquele utensílio usado para varrer a casa?

7. **ALHO**

Como se chama aquele tempero que tem a forma de uma cabeça, cheia de dentes, e com um cheiro muito forte?

8. **PORTO**

Qual é o nome do local onde atracam os barcos?

9. **SERVIR**

Quando termina de cozinhar faz o quê?

10. **CORAÇÃO**

Qual o órgão no nosso corpo que bombeia o sangue e o distribui para todas as partes do corpo?

11. **AMOLAR**

Quando a faca da cozinha não pode cortar nada, o que fazemos com ela para que volte a cortar?

12. COURO

Como se chama aquela pele de touro? Por exemplo, quando se mata um touro, além da carne, aproveita-se também a pele para fazer bolsas, sapatos etc.

13. ESPUMA

Como se chama no guineense aquele objeto mole que é colocado em cima de uma madeira na cama para dormir?

14. MOSQUITO

Como é o nome daquele inseto pequeno que às vezes transmite o paludismo quando pica a pessoa?

15. GENTE

Quando há muitas pessoas em um determinado lugar de onde você acabou de sair e quer explicar a outra pessoa no guineense que havia muitas pessoas nesse lugar, como você diz a ele?

16. PORTUGAL

Lisboa é capital de qual país?

17. VACA

De qual animal os nossos avós tiram leite em Guiné-Bissau?

18. SÁBADO

Depois da sexta-feira vem o quê?

19. CASA

como é o nome daquele lugar que as pessoas constroem para morar?

20. SOL

O que é que clareia a terra durante o dia?

21. TRABALHO

Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?

22. MÊS

Para informar a data do seu nascimento, você informa o dia, o ano e o quê?

23. PNEU

O carro tem quatro rodas, qual é o outro nome que usamos para roda em Guiné-Bissau?

24. **CHUVA**

Como é o nome do fenômeno da natureza que cai em gotas do céu para terra, e quando cai deixa as ruas todas alagadas?

25. **ESTRADA**

Como é o nome do lugar onde os carros correm?

26. **PALHA**

No interior da cidade, o que se usa geralmente para cobrir as casas?

27. **JANTAR**

Qual é o nome da maior refeição do dia em Guiné-Bissau, que geralmente fica pronta ao meio dia?

28. **MASSA**

Qual é o nome daquele conteúdo proveniente da mistura da areia com cimento e água, que os pedreiros usam para rebocar a parede de uma casa?

29. **PAU**

Como se chama aqueles pequenos troncos das árvores usados para fazer uma cerca em Guiné-Bissau?

30. **LATA**

A sardinha vem numa?

31. **PROFESSOR**

Como chamamos a pessoa que nos ensina na escola?

32. **PLANTA**

Como se chama aquelas pequenas árvores que as pessoas colocam para enfeitar as casas em Guiné-Bissau?

33. **CARO**

Se o preço de um produto está alto mais do que você pudesse pensar, você diz que o produto é?

34. **PASTA**

Como se chama aquele objeto no qual colocamos os cadernos, lápis, canetas, livros etc. e que carregamos nas costas para ir à escola?

35. **GRANDE**

Em Guiné-Bissau, quando vimos uma casa enorme falamos que aquela casa é?

36. **RAIZ**

Tem a árvore. Como se chama aquela parte que fica dentro da terra?

37. **ARROZ**

O que é que as pessoas cultivam em bolanhas em Guiné-Bissau na época da chuva?

38. **PRATO**

Qual é o nome do utensílio de forma geralmente circular e de vidro ou barro onde se serve a comida?

39. **PROBLEMA**

A pessoa que gosta de arrumar brigas em Guiné-Bissau nós dizemos que essa pessoa gosta do quê?

40. **CARRO**

Como é o nome daquele objeto que tem quatro rodas, que se usa para viajar de um lugar para outro.

41. **ADVOGADO**

Quando temos problema na justiça quem é que contratamos para nos defender?

42. **LAGARTO**

Acredita-se, pela superstição, de que algumas pessoas da etnia balanta se transformam em qual animal?

43. **VERDADE**

Qual é o contrário da mentira?

44. **TARDE**

Qual o período do dia que antecede a noite?

45. **AREIA**

Como se chama aquela terra, meio branca e fina, que se usa para construir casas?

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO (QMS)****GÊNERO**

1. A flexão do gênero na sua língua étnica é marcada por meio das desinências masculino morfe zero <Ø> e feminino [a], como em português, ou por meio do conceito biológico, como geralmente se faz no guineense? Responda de acordo com os nomes abaixo em português:

a) Filho:

b) Filha:

c) Irmão:

d) Irmã:

e) Avô:

f) Avó:

g) Boi:

h) Vaca:

i) Cão:

j) Cadela:

NÚMERO

2. A flexão de número (singular e plural) na sua língua étnica faz-se pelas desinências como em português ou de forma diferente? Se sim, faça uma breve explicação de como é na sua língua após formar frases semelhantes às que estão abaixo.

a) Meu filho:

b) Nossos filhos:

c) Aquela casa:

d) Estas casas:

VERBO

PREDICADORES E SEUS ARGUMENTOS

3. Cada língua possui sua forma diferente de construção sintática. Baseado nisso, como seriam as seguintes orações abaixo na sua língua étnica? Conte-nos o significado de cada uma e, para cada uma, fale-nos se é que segue ou não a mesma ordem de colocação dos constituintes como no português.

a) João comeu quatro mangas.

b) Lucas doou o dinheiro ao Mateus.

c) Almeida gostava de estudar.

d) Eu vou para Bissau.

e) Eu canto para Maria.